

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA – INPA  
Programa de Pós-Graduação em Biologia de Água Doce e Pesca Interior – BADPI

**INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL E ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO:  
ECOTURISMO COMO FERRAMENTA PARA A CONSERVAÇÃO DO  
BOTO-VERMELHO, *Inia geoffrensis***

FERNANDA CARNEIRO ROMAGNOLI

Manaus, Amazonas

2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA – INPA  
Programa de Pós-Graduação em Biologia de Água Doce e Pesca Interior – BADPI

**INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL E ENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO:  
ECOTURISMO COMO FERRAMENTA PARA A CONSERVAÇÃO DO  
BOTO-VERMELHO, *Inia geoffrensis***

FERNANDA CARNEIRO ROMAGNOLI

Orientadora: Dra. Vera Maria Ferreira da Silva

Co-orientador: Dr. Glenn Shepard Jr.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia de Água Doce e Pesca Interior como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, área de concentração: Biologia de Água Doce e Pesca Interior.

Manaus, Amazonas

2010

R756

Romagnoli, Fernanda Carneiro

Interpretação ambiental e envolvimento comunitário: ecoturismo como ferramenta para a conservação do boto-vermelho, *Inia geoffrensis* / Fernanda Carneiro Romagnoli .--- Manaus : [s.n.], 2009.  
xv, 133 f. : il. color.

Dissertação(mestrado)-- INPA, Manaus, 2009

Orientador : Vera Maria Ferreira da Silva

Co-orientador : Glenn Harvey Shepard Jr

Área de concentração : Biologia de Água Doce e Pesca Interior

1. *Inia geoffrensis*. 2. Ecoturismo – Amazônia. 3. Boto (Mamífero aquático). 4. Relação homem-animal. 5. Meio ambiente e sociedade.  
I. Título.

CDD 19. ed. 599.5

*Dedico este trabalho à minha  
família, que aprendeu muito,  
junto comigo, durante esses  
dois anos.*

## AGRADECIMENTOS

A lista das pessoas que contribuíram com este trabalho é enorme. Uns contribuíram de forma direta e contínua e outros de forma indireta. Mas se não fosse a colaboração de todos, dificilmente meus objetivos teriam sido atingidos.

Agradeço ao INPA e ao curso de Pós-Graduação em Biologia de Água Doce e Pesca Interior, representado pela Dra Ângela Varela, pela oportunidade.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pela bolsa de mestrado concedida.

À Cetacean Society International, por ter financiado parte dos custos do estudo.

Aos meus orientadores Dra.Vera M. F. da Silva e Dr. Glenn Shepard Jr por apostarem no trabalho, pela confiança, contribuição e efetiva prática da palavra “orientação”.

A Msc. Sherre Prince Nelson, que contribuiu em todas as etapas do trabalho, sugerindo, criticando, questionando e me ensinando as bases de uma nova e fascinante área: o ecoturismo.

Aos professores do curso de Biologia de Água Doce e Pesca Interior por me apresentarem as apaixonantes “visões” da Amazônia.

Às queridas secretárias do BADPI, Carminha e Elany por todo o apoio.

Aos avaliadores do projeto: Dr Fernando Rosas, Dr José Sabino e Dr Artur Andriolo. Aos avaliadores da aula de qualificação: Dr Carlos Edwar Freitas, Dra Veridiana Scudeller e Dra Tatiana Schor. E aos avaliadores da dissertação: Dra Deborah Lima, Dr Zysman Neiman, Dra Rita Mesquita e novamente Dr José Sabino e Dr Fernando Rosas, cujas contribuições foram essenciais ao trabalho. Agradeço também a outras pessoas cujos conselhos me permitiram caminhar com maior segurança: Dra Natália Hanazaki, Msc. Genoveva Chagas, Msc Thaissa Sobreiro, Dra Ana Carolina Surgik, Msc Carla Barezani.

À equipe do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) pelo apoio logístico em Novo Airão e troca de informações, em especial ao Eduardo Badialli, Rafael, Sarita e Nailza. À equipe do ICMBio Anavilhanas: Giovanna, Igor, Bruno e Tatiana. A Clarice Bassi e Luiz Cláudio pelas valiosas conversas.

Aos muitos amigos de Novo Airão, principalmente Marilda, Mariza e Monik pela oportunidade oferecida e a todos os Airãoenses, de nascença e de coração, que tive a oportunidade de conhecer. À própria cidade de Novo Airão, onde aprendi muitas “lições de vida”. Aos lindos botos, motivação para meu estudo. A Igor Simões e Charles, que me abriram portas.

A todos os meus entrevistados: turistas, moradores de Novo Airão e guias de turismo, que contribuíram valiosamente com o trabalho e por meio dos quais aprendi mais sobre a Amazônia e sobre viver a Amazônia.

Aos meus queridíssimos amigos, no sentido mais verdadeiro da palavra, da turma BADPI/2007, especialmente aos que convivi mais diretamente: Talita, Igor, Paty, Arnold, Luiz, Carol, Melina, Giovanna, Ladis, Denise, Ana, Carlos, sem os quais estes anos de Manaus não seriam tão alegres! Vocês são uma das coisas que vou levar sempre comigo!

Aos parceiros, amigos do LMA: Paulinha, Dani, Louza, Diogo, Nanda, Paulão, Jone, Rodrigo, Bruno, Waleska, Claryana, Roberta, Nicole, Márcia, Gália, Fernando, Nildon.

À minha prima, Natália, que me recebeu em Manaus e conviveu diariamente comigo por mais de um ano. E aos meus novos amigos de república: Carol, Tawada e Bruno, por também me receberem de braços abertos, pelas conversas e momentos de diversão. Também agradeço ao Rivaldo, por ficar tão feliz quando me vê.

À minha família, que teve de ter muita força, junto comigo, para aprender a viver longe. A meus pais, que sempre apoiaram minhas decisões e apostaram em mim. À minha irmã, que faz tanta falta! Também aos meus avós, tias, tio, Coque e à minha prima, Bia. Este trabalho é resultado do suor de todos nós.

Ao meu querido companheiro, meu namorado, Marciel, por ter participado ativamente deste trabalho, com conselhos, críticas, desabafos e também por dividir comigo todos os momentos da vida manauense.

Enfim, cada uma dessas pessoas fez parte de todo o aprendizado e mudanças que vivi no Amazonas. Por isso, agradeço de coração.

## RESUMO

Um tipo de turismo de natureza que cresce rapidamente em todo o mundo é o voltado à observação de baleias e golfinhos. Esta atividade é considerada como potencial medida de conservação; no entanto, se desordenada, pode causar efeito inverso. Na Amazônia, a espécie-alvo é o boto-vermelho, *Inia geoffrensis*. Endêmico da região tem relevante função ecológica e cultural. Mudanças no comportamento de pescadores e capturas intencionais tornaram-se ameaças à espécie, assim como o turismo desordenado. Diante da necessidade de se adotar medidas para sua conservação, o ecoturismo pode ser uma ferramenta útil. Nele os recursos naturais são usados de forma indireta; há a aplicação de valores éticos que direcionam o comportamento do turista e valorizam o aspecto educacional. Dois de seus princípios fundamentais são a *interpretação ambiental*, cujo objetivo é auxiliar o visitante na conscientização do valor do local de modo que possa adotar práticas mais sustentáveis no seu cotidiano e o *envolvimento dos moradores locais*, que exercem papel fundamental na conservação ambiental por serem os principais interessados. Assim, o objetivo geral do estudo foi verificar a importância desses dois princípios no turismo de interação com *Inia geoffrensis*, de modo a que estas atividades contribuam com sua conservação. O estudo foi baseado em entrevistas semi-estruturadas com turistas, guias de turismo e moradores locais. As análises mostraram que os turistas estão abertos a aprender sobre a biologia e conservação do boto-vermelho, porém as experiências turísticas existentes atualmente fornecem pouca informação. Observamos, também, que turistas integrantes de grupos de excursão, geralmente acompanhados por guias de turismo, tiveram experiências mais positivas do que turistas independentes, revelando a importância dos guias na promoção de interações positivas. As entrevistas com os guias, contudo, evidenciaram as deficiências das informações fornecidas. As entrevistas com os moradores locais focaram sua percepção sobre *os botos*, sobre *o turismo de interação com botos* e sobre seus *conhecimentos, intenções e atitudes* em relação à conservação dos botos. A maioria dos residentes (especialmente mulheres) enxerga os golfinhos como seres misteriosos e potencialmente perigosos, um claro resquício das lendas sobre os botos encantados, que ainda influenciam a percepção dessas pessoas. Curiosamente, não foi encontrada correlação entre as atitudes dos moradores quanto aos botos e sua relação ou não com o turismo de interação com botos. Muitos residentes percebem que esta atividade é benéfica ao município, apesar de poucos serem beneficiados economicamente. Este estudo mostra que o turismo de interação com botos, atualmente, não gera sensibilização suficiente para promover a conservação da espécie, apesar de promover certa abertura nas pessoas, tanto turistas como residentes. Assim, vemos um enorme, mas inexplorado potencial para a educação ambiental de modo a promover a conservação do boto-vermelho nestes e em outros locais da Amazônia. Foram traçadas propostas para o ordenamento do turismo envolvendo o boto-vermelho.



## ABSTRACT

Whalewatching and other tourism activities that involve observation and interaction with whales and dolphins represent a branch of ecotourism that is growing quickly around the world. This kind of tourism is often touted as having a great potential to contribute toward conservation. However, if not carried out cautiously, it can be potentially harming. In the Amazon, the river dolphin, *Inia geoffrensis*, is the main aquatic mammal species involved in interactive tourism. Endemic to the region, the river dolphin is important to local ecology and culture. Traditional taboos against harming river dolphins by local people have been eroded, and today intentional capture of dolphins as bait is one of the most significant direct human threats to the species. Ecotourism may prove to be a useful tool in river dolphin conservation among some local human populations by promoting an economic value through indirect use. But education is important to ensure that such tourism activities will be guided by an ethical and scientific approach that does not cause harm, while also increasing the tourists' awareness of issues surrounding dolphin conservation. Two key principles in this kind of tourism are *environmental interpretation*, whose objective is to improve tourists' awareness about the broader environmental issues involved in conservation, and *involvement of local residents*, to promote environmental conservation at the local level through direct economic benefits. The main goal of this study was to verify the importance of these two principles in interactive dolphin tourism with *Inia geoffrensis* in the Brazilian Amazon. The core of the study consisted of semi-structured interviews with tourists and tourism guides. Analysis of interview results with tourists suggests that they are open, even eager to learn about the biology and conservation of the river dolphin, but that their actual ecotourism experience provides them with little accurate scientific or conservation information. However we did note that tourists who were integrated into an excursion presumably with some kind of guide service had more positive experiences than those who came on their own, revealing the importance of guides toward promoting a positive interaction. Interviews with guides further reinforced deficiencies in the accuracy of their scientific knowledge about dolphins. The second set of interviews concerned local residents' perceptions *about the river dolphins, about dolphin tourism* and about their *knowledge and concern for dolphin conservation*. Most residents (especially women) perceive dolphins as mysterious and even dangerous animals, a clear relic of traditional beliefs about dolphins as enchanted beings that, though eroding through time, still influence popular perceptions. Curiously, there seemed to be no correlation of people's attitudes toward dolphins and their connection or not with dolphin tourism. Most residents perceive dolphin tourism as a benefit to the town, even though few actually benefit economically from it. This study shows that the dolphin tourism by itself does not generate specific environmental awareness relevant to the species' conservation, however the tourism activity does seem to generate a general positive attitude and receptiveness on the part of both tourists and local people to such information were it to be available. We see a tremendous but underexploited potential for environmental education (for local residents as well as tourism guides and tourists) to promote dolphin conservation in this and other sites in the Amazon.

## LISTA DE TABELAS

### **Capítulo I: Interação com botos-vermelhos na Amazônia brasileira: esta atividade pode contribuir para a educação ambiental dos turistas?**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1. Frequência relativa de turistas entrevistados em cada categoria referente a “escolaridade” e “primeira visita aos botos”.....                                       | 37 |
| Tabela 2. Frequência relativa de turistas entrevistados nas categorias referentes a “tempo de permanência em Novo Airão”.....   | 38 |
| Tabela 3. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “o que sentiu durante a visita aos botos?”.....  | 41 |
| Tabela 4. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “o que você aprendeu com a visita?”.....   | 44 |
| Tabela 5. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “do que você não gostou durante a visita?”.....  | 47 |
| Tabela 6. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “houve aplicação de regras durante a visita?”.....   | 50 |
| Tabela 7. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “por que é importante conservar os botos?”.....  | 53 |
| Tabela 8. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “como você pode contribuir para a conservação dos botos?”.....   | 55 |
| Tabela 9. Perfil dos guias de turismo quanto à origem, escolaridade e tempo de atuação.....   | 58 |
| Tabela 10. Respostas claras dos guias de turismo à pergunta “o que o senhor explica sobre os botos aos turistas?” e número de guias que as mencionaram.....                   | 62 |
| Tabela 11. Respostas genéricas (pouco claras) dos guias de turismo à pergunta “o que o senhor explica sobre os botos aos turistas?” e número de guias que as mencionaram..... | 63 |

## **Capítulo II: O envolvimento dos moradores de Novo Airão, Amazonas, Brasil, com o turismo de interação com botos-vermelhos oide contribuir com a conservação destes animais?**

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1. Frequências absoluta e relativa de moradores de Novo Airão entrevistados por local de origem.....  | 79 |
| Tabela 2. Frequências absoluta e relativa de mulheres e homens moradores de Novo Airão entrevistados por nível de escolaridade.....  | 80 |
| Tabela 3. Principais atividades realizadas pelos moradores de Novo Airão (frequência relativa de entrevistados).....   | 80 |
| Tabela 4. Frequências absoluta e relativa das respostas sobre a percepção dos moradores de Novo Airão quanto aos botos-vermelhos.....  | 84 |
| Tabela 5. Respostas originais relevantes às perguntas sobre a percepção dos moradores de Novo Airão quanto aos botos.....  | 87 |
| Tabela 6. Resultado da regressão logística tendo como variável dependente a percepção quanto aos botos (medo dos botos).....   | 88 |
| Tabela 7. Frequência relativa de homens e mulheres nas respostas à pergunta “as pessoas têm medo dos botos?”.....  | 88 |
| Tabela 8. Frequências absoluta e relativa das respostas sobre a percepção dos moradores de Novo Airão quanto aos efeitos do turismo de interação com botos para o município..... | 90 |
| Tabela 9. Respostas originais relevantes dos moradores de Novo Airão às perguntas sobre a percepção quanto turismo de interação com botos.....                                   | 92 |
| Tabela 10. Frequências absoluta e relativa das respostas dos moradores de Novo Airão sobre a percepção quanto aos efeitos do turismo de interação com botos para os animais..... | 94 |
| Tabela 11. Respostas originais relevantes dos moradores de Novo Airão sobre as conseqüências positivas e negativas do turismo de interação com botos para estes animais...95     |    |
| Tabela 12. Frequências absoluta e relativa de respostas dos moradores de Novo Airão sobre suas intenções e atitudes quanto à conservação dos botos.....                          | 98 |

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 13. Respostas originais relevantes dos moradores de Novo Airão quanto as intenções e atitudes relacionadas à conservação dos botos..... | 99  |
| Tabela 14. Porcentagem de entrevistados que tem relação com turismo e que não tem relação com turismo por nível de escolaridade.....           | 100 |

## LISTA DE FIGURAS

### Introdução Geral

Figura 1. Os três eixos sobre os quais o turismo sustentável se apóia.....16

### Capítulo I: Interação com botos-vermelhos na Amazônia brasileira: esta atividade pode contribuir para a educação ambiental dos turistas?

Figura 1. Mapa mostrando a localização geográfica de Manaus e dos municípios de Iranduba e Novo Airão, Amazonas..... 28

Figura 2. Turistas observando os botos na plataforma localizada nos fundos do restaurante flutuante.....32

Figura 3. Turista com prato com pedaços de peixe e botos à espera do alimento (A). Turista fornecendo peixe a um boto (B).....33

Figura 4. Turista alimentando um boto acompanhada pelo instrutor (A). Turistas nadando com botos acompanhados pelo instrutor (B).....34

Figura 5. Principais locais de origem dos turistas.....36

Figura 6. Atividades realizadas pelos turistas durante visitas aos botos.....39

Figura 7. Respostas à pergunta “o que sentiu durante a visita aos botos?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.....40

Figura 8. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “gostou da visita?”..... 41

Figura 9. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “você aprendeu algo com a visita?” .....43

Figura 10. Respostas à pergunta “o que aprendeu com a visita?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas..... 44

Figura 11. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “você não gostou de algo durante a visita?” .....46

Figura 12. Respostas à pergunta “do que você não gostou durante a visita?” com frequência relativa acima dos 5% em pelo menos um dos grupos de turistas..... 46

|  |    |
|--|----|
| Figura 13. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “houve aplicação de regras durante a visita?” .....   | 49 |
| Figura 14. Respostas à pergunta “quais regras foram aplicadas durante a visita?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.....          | 50 |
| Figura 15. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “é importante conservar os botos?” .....  | 52 |
| Figura 16. Respostas à pergunta “é importante conservar os botos?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.....                        | 52 |
| Figura 17. Respostas à pergunta “como você pode contribuir para a conservação dos botos?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas..... | 55 |

**Capítulo II: O envolvimento dos moradores de Novo Airão, Amazonas, Brasil, com o turismo de interação com botos-vermelhos pode contribuir com a conservação destes animais?**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1. Município de Novo Airão e áreas protegidas no seu território e entorno.....  | 71 |
| Figura 2. Área urbana do município de Novo Airão.....  | 72 |
| Figura 3. Localização do restaurante flutuante (área do porto de Novo Airão).....  | 73 |
| Figura 4. Mapa mostrando os bairros de Novo Airão.....   | 75 |
| Figura 5. Número de moradores de Novo Airão entrevistados por faixa etária.....  | 78 |
| Figura 6. Tempo de residência dos moradores entrevistados em Novo Airão.....   | 79 |
| Figura 7. Frequência relativa de moradores de Novo Airão que têm e que não têm relação profissional com o turismo.....             | 81 |
| Figura 8. Frequência relativa das respostas dos moradores de Novo Airão à pergunta “você já esteve no restaurante flutuante?”..... | 82 |
| Figura 9. “Histórias sobre os botos” citadas pelos moradores de Novo Airão com frequência relativa maior que 4%.....               | 85 |

|   |    |
|---|----|
| Figura 10. Porcentagem de moradores de Novo Airão entrevistados por faixa etária que acredita que as histórias sobre os botos são verdadeiras.....                      | 85 |
| Figura 11. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que as pessoas têm medo dos botos” citadas com frequência relativa maior que 5%.....                         | 86 |
| Figura 12. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que perdeu-se parte do medo” citadas com frequência relativa maior que 6%.....                               | 86 |
| Figura 13. Respostas dos moradores para “o que o turismo de interação com botos gera para Novo Airão” citadas com frequência maior que 3%.....                          | 91 |
| Figura 14. Frequência relativa das respostas dos moradores de Novo Airão sobre a satisfação quanto à atuação da prefeitura da cidade em relação ao turismo.....         | 91 |
| Figura 15. Respostas dos moradores de Novo Airão para “como é o comportamento dos turistas” citadas com frequência maior que 3%.....                                    | 92 |
| Figura 16. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que o este turismo é bom/ruim pros botos” citadas com frequência maior que 5%.....                           | 95 |
| Figura 17. Respostas dos moradores de Novo Airão para “este turismo mudou a opinião das pessoas de Novo Airão sobre os botos?” citadas com frequência maior que 3%..... | 96 |
| Figura 18. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que é importante conservar os botos” citadas com frequência relativa maior que 4%.....                       | 98 |
| Figura 19. Respostas dos moradores de Novo Airão para “como você pode contribuir na conservação dos botos” citadas com frequência relativa maior que 5%.....            | 99 |

## SUMÁRIO

|  |      |
|--|------|
| RESUMO.....  | vii  |
| ABSTRACT.....  | viii |
| LISTA DE TABELAS.....  | ix   |
| LISTA DE FIGURAS.....  | xii  |
| INTRODUÇÃO GERAL.....  | 16   |
| MÉTODOS GERAIS.....  | 21   |
| <b>CAPÍTULO I: Interação com botos-vermelhos na Amazônia brasileira: esta atividade pode contribuir para a educação ambiental dos turistas?</b>                                    |      |
| Introdução.....  | 23   |
| Métodos.....   | 26   |
| Resultados e discussão.....  | 31   |
| Conclusões.....  | 66   |
| <b>CAPÍTULO II: O envolvimento dos moradores de Novo Airão, Amazonas, Brasil, com o turismo de interação com botos-vermelhos pode contribuir com a conservação destes animais?</b> |      |
| Introdução.....  | 67   |
| Métodos.....   | 71   |
| Resultados e discussão.....  | 77   |
| Conclusões.....  | 101  |
| <b>CAPÍTULO III: Como deveria ser o turismo de interação com botos-vermelhos? (Proposta para que a atividade trilhe o caminho do ecoturismo)</b>                                   |      |
| Introdução .....   | 102  |
| Métodos.....   | 103  |
| Proposta.....  | 106  |
| Uma nova discussão.....  | 116  |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....  | 117  |
| ANEXOS.....  | 131  |



## INTRODUÇÃO GERAL

A área do turismo que mais tem se destacado é o turismo de natureza, aquele que faz uso dos recursos naturais relativamente bem preservados. Seu crescimento é devido a dois fatores principais: a procura por melhor qualidade de vida e o fortalecimento da ética ambiental (Kinker, 2002). Este tipo de turismo, porém, não implica necessariamente em atitude ambientalmente correta, podendo ser insustentável e poluidor (Dias, 2003).

Paralelamente, surgiu o conceito de turismo sustentável. Este setor busca oferecer experiência turística de qualidade sem comprometer a conservação dos recursos sobre os quais se sustenta, sejam eles naturais ou culturais; busca equilíbrio entre os três eixos básicos sobre os quais se apóia: suportável ecologicamente, viável economicamente e equitativo desde uma perspectiva ética e social (Pereira & Nelson, 2004) (Figura 1).

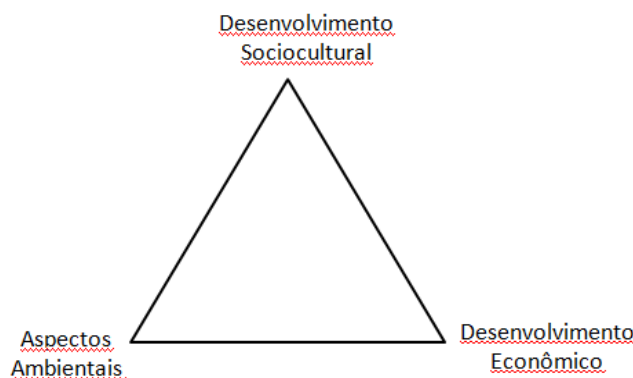


Figura 1. Os três eixos sobre os quais o turismo sustentável se apóia (Pereira & Nelson, 2004).

O turismo sustentável praticado em áreas naturais é o chamado *ecoturismo* (Fennell, 2002; Dias, 2003). Este segmento entende o homem como parte da natureza e responsável por ela, atribui posição ativa ao turista e não apenas a de admirador/observador. Nele, os recursos naturais são usados de forma indireta (não se retira nada do ambiente) e há a aplicação de princípios e valores éticos que valorizam o conceito de sustentabilidade com desenvolvimento, direcionam o comportamento do turista e valorizam o aspecto educacional (Wallace & Pierce, 1996 *apud* Fennell, 2002). Assim, o ecoturismo faz o intermédio entre homem e ambiente por meio de dois princípios básicos:

Interpretação ambiental - Um de seus principais objetivos é auxiliar os visitantes na conscientização do valor do local, estimulando-os a adotar práticas mais sustentáveis no seu cotidiano (Vasconcelos, 2003; Pereira, 2004).

Envolvimento da comunidade - é essencial para a sustentabilidade do turismo, onde os moradores exercem papel fundamental na conservação ambiental, pois podem exigir o uso controlado dos recursos, visto serem os principais interessados (Nelson, 2004). A comunidade é beneficiada com o turismo por meio da conservação do ambiente natural e, por isso, tem interesse em mantê-lo, evitando atividades destrutivas (Kiss, 2004).

Devido a estes fatores, o ecoturismo tem sido visto como uma ferramenta para a conservação e para o desenvolvimento sustentável (Kinker, 2002; Fennell, 2002; Dias, 2003).

Dependendo da maneira como é gerenciado, o ecoturismo pode gerar tanto benefícios quanto impactos negativos (Figueiredo, 2000; Swarbrooke, 2000; Sabino & Andrade, 2003). Suas conseqüências podem ser agrupadas em três categorias principais (Mieczkowski, 1995):

1) *Ambientais*- Os principais impactos negativos são relacionados à grande pressão de uso da área, à poluição e aos impactos físicos, como construção de infra-estruturas, desmatamento, pisoteio e degradação de habitats (Dias, 2003). Quanto aos efeitos benéficos, os principais são: aumento da consciência ambiental, proteção e preservação (Dias, 2003; Sabino & Andrade, 2003; Grahn, 2004). É preciso notar que a degradação do ambiente natural tende a reduzir a demanda de turistas em longo prazo, pois os atributos naturais procurados se tornarão menos atrativos, menos autênticos e menos capazes de oferecer experiências de caráter ecológico (Wearing & Neil, 2001);

2) *Sócio-culturais*- Impactos negativos podem ocorrer a partir de mudanças na comunidade devido ao contato entre moradores e turistas, tais como: valores; crenças religiosas; tradições e costumes; estilos de vida; padrões de comportamento (Nelson, 2004). Por outro lado, um dos mais óbvios e imediatos benefícios é o aumento da oferta de emprego e da geração de renda (Wearing & Neil, 2001). Além disso, a cultura local pode ser fortalecida pelo interesse demonstrado pelos visitantes (Drumm & Moore, 2003);

3) *Econômicas*- A inflação é o principal impacto negativo. Muitos destinos, uma vez que se tornam famosos, sofrem drásticos aumentos de preço até mesmo em produtos indispensáveis, como alimentação e habitação. Este fato provoca um desequilíbrio econômico, tornando o custo de vida difícil para os residentes (Drumm & Moore, 2003; Pereira & Nelson, 2004). Os benefícios econômicos, por sua vez, não são apenas aqueles resultados do gasto direto dos ecoturistas (com excursões), mas também do gasto indireto subsequente pelos provedores de serviços (com hospedagem, alimentação, combustível e outros) (Sanders, 2004).

O objetivo do ecoturismo consiste em reduzir os impactos negativos e aumentar os benefícios sócio-culturais, econômicos e ambientais e, para isso, devem ser adotadas

abordagens que unam estes três aspectos, que são interdependentes (Wearing & Neil, 2001; Pereira & Nelson, 2004). Os primeiros, advindos para a comunidade receptora como resultado do ecoturismo, podem acarretar o crescimento global dos padrões de vida, devido ao estímulo econômico gerado pela maior visitação ao local. Igualmente, os benefícios ambientais surgem quando as comunidades receptoras são induzidas a proteger os ambientes naturais para sustentar o turismo economicamente viável (Drumm & Moore, 2003; Grahn, 2004).

Um tipo de turismo de natureza que requer maior atenção quanto aos impactos que pode gerar é aquele realizado para a observação de animais como, por exemplo, o *whalewatching*. Este segmento consiste em atividades turísticas comerciais voltadas à observação de cetáceos em seu hábitat natural. O termo refere-se às baleias, contudo, engloba outros cetáceos, como os golfinhos (International Whaling Commission, 1994; Parsons *et al.*, 2003). Esse tipo de turismo surgiu como uma alternativa ao *whaling*, a caça às baleias e vem crescendo rapidamente (Reeves *et al.*, 2003). Cetáceos são animais relativamente fáceis de serem observados e hoje existem muitos locais onde há um turismo estabelecido para observá-los. Alguns exemplos são a visitação aos “bottlenose dolphins”, *Tursiops truncatus*, na Baía de Moreton, Austrália (Neil & Brieze, 1998); “dusky dolphins”, *Lagenorhynchus obscurus* e “commerson’s dolphins”, *Cephalorhynchus commersonii* no norte da Patagônia, Argentina e “peale’s dolphins”, *Lagenorhynchus australis* próximo a Punta Arenas, Chile (Reeves *et al.*, 2003). Hoyt & Iñíguez (2008) estimam que só na América Latina as atividades de *whalewatching* têm crescido a uma taxa de 11,3% ao ano (de 1998 a 2006), o que representa três vezes a taxa de crescimento do turismo mundial. Nos últimos dez anos (1998 a 2008), o número total acumulado de observadores de cetáceos estimado para a região chegou a 6,4 milhões de pessoas. Anualmente, são movimentados US\$ 79,4 milhões provenientes de gastos diretos (custo das atividades em si) e US\$ 278,1 milhões de gastos totais (incluindo os indiretos, como hospedagem, alimentação e transporte).

O turismo para a observação de animais tem sido considerado como potencial medida de conservação; no entanto, se desordenado, pode causar efeito inverso, já sendo admitido como fator de ameaça a muitas espécies de cetáceos. Um intenso, insistente e desregulado turismo que perturbe os animais enquanto estão se alimentando, cuidando dos filhotes ou tendo algum tipo de comportamento social pode atrapalhar e até romper estas atividades e, possivelmente, causar problemas em longo prazo a estas populações (Swarbrooke, 2000; Reeves *et al.*, 2003; Sabino & Andrade, 2003; Pivatto & Sabino, 2005). O grande problema é que em muitos países onde este tipo de turismo ocorre ainda não há legislação específica que regule a atividade e limite seus impactos (Reeves *et al.*, 2003).

Por isso, entre as medidas propostas para a conservação dos cetáceos, está a identificação e o monitoramento dos impactos do turismo, regulamentação e fiscalização de atividades turísticas voltadas para sua observação, educação ambiental dos turistas e envolvimento das comunidades receptoras (Smith & Smith, 1998; Swarbrooke, 2000; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, 2001). Dessa forma, uma possível alternativa ao turismo de observação de cetáceos é tornar-se sustentável, fazendo uso dos princípios do ecoturismo.

Na região amazônica esta atividade expandiu-se rapidamente nos últimos anos (Hoyt & Iñiguez, 2008). A espécie-alvo é *Inia geoffrensis*, conhecida como boto-vermelho ou simplesmente boto, endêmica da região, com ocorrência no Brasil, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Equador e Guiana (Best & da Silva, 1989; Vidal, 1993; Smith & Smith, 1998). *Inia geoffrensis* é o maior dos golfinhos que ocorre em água doce e desperta grande curiosidade nas pessoas, pois além de ter características corpóreas únicas, como a coloração rosada e o corpo flexível, é componente fundamental do folclore amazônico.

*Inia geoffrensis* explora diversos habitats, como igapós, várzeas e locais de pouca profundidade (Best & da Silva, 1989; Martin & da Silva, 2004); é consumidora terciária e não é predada por nenhum outro animal, sendo extremamente importante para a manutenção da estabilidade do ecossistema amazônico (da Silva, 1990; Martin & da Silva, 2004). O boto tem fama de vilão por perturbar a pesca, tirar os peixes das malhadeiras e perseguir embarcações; por outro lado, é enaltecido por indicar a presença de cardumes e afugentar piranhas (Cravalho, 1999).

Além de exercer relevante função ecológica, o boto-vermelho faz parte da cultura e do conhecimento tradicional da população amazônica. A ele são atribuídos poderes mágicos e sobrenaturais, que lhe rendem o nome “encantado” (Cravalho, 1999). São muitas as crenças em torno deste animal: acredita-se que partes do seu corpo tenham propriedades mágicas (sua genitália e seus olhos são considerados poderosos amuletos para atrair a pessoa amada) e que matá-lo traz azar (da Silva & Best, 1986; Cravalho, 1999; Slater, 2001).

As lendas e mitos em torno de *Inia geoffrensis* sempre tiveram forte papel na sua conservação. Mas com o passar dos anos, com a intensa migração e colonização da região amazônica e com a conseqüente mistura de culturas, as pessoas têm atribuído menor valor às lendas, que vêm perdendo o poder de sedução. O aumento da pesca comercial na região e o emprego indiscriminado de seus equipamentos também estão diretamente relacionados à degeneração destas crenças (Best & da Silva, 1989; da Silva, 1990).

São muitas as ameaças à conservação do boto-vermelho. As principais são: captura acidental em aparelhos de pesca; contaminação dos rios; alterações de hábitat (especialmente pelo represamento dos rios para a construção de hidrelétricas e desmatamento das suas margens); aumento do tráfego fluvial; sobrepesca; a matança em retaliação ao estrago de redes de pesca; uso de produtos do boto (como olhos, banha e genitália) (da Silva & Best, 1986; da Silva & Best, 1996; Vidal, 1993; Smith & Smith, 1998; IBAMA, 2001; Reeves *et al.*, 2003) e mais recentemente captura para uso da carne como isca na pesca da piracatinga (da Silva & Martin, 2007). Em geral, o boto-vermelho não é consumido, pois sua carne é forte e considerada “pitiú” (possui um odor desagradável) pelos amazônidas (Cravalho, 1999), porém o consumo humano já foi detectado em pequena escala (IBAMA, 2001). Além destas ameaças, o rápido e desordenado crescimento do turismo em função desta espécie tem se tornado alarmante. Devido a estas ameaças, até 2008 o grupo de especialistas em cetáceos da União para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais- IUCN considerava que *Inia geoffrensis* possuía alto risco de extinção na natureza em médio prazo, o que a classificava como “vulnerável”, uma categoria que indica ameaça. Porém, atualmente passou a integrar a categoria “dados insuficientes”, devido à falta de dados populacionais em muitas áreas onde ocorre.

Diante da necessidade de se adotar medidas para a conservação de *Inia geoffrensis*, o ecoturismo pode ser uma boa ferramenta de gestão dessa espécie. Contudo, devem ser realizados estudos com o objetivo de verificar como ordenar esta atividade para que cause mínimos impactos, gere maiores benefícios e contribua de forma efetiva para a conservação ambiental, podendo subsidiar políticas públicas voltadas ao turismo de observação e interação com cetáceos. Para tanto, dois princípios básicos do ecoturismo devem ser considerados, já que envolvem a relação homem-ambiente: a interpretação ambiental pelos turistas e o envolvimento das comunidades.

Com isso, o presente estudo pretendeu verificar a importância da interpretação ambiental e do envolvimento dos moradores locais no turismo de interação com *Inia geoffrensis*, de modo a que estas atividades contribuam com sua conservação. Além disso, buscou-se fornecer subsídios para o ordenamento destas atividades e para a elaboração de políticas públicas que as regulamentem.

## **MÉTODOS GERAIS**

### **Áreas de estudo**

A pesquisa foi conduzida em torno de dois locais principais: um restaurante flutuante localizado no município de Novo Airão e um hotel de selva no município de Iranduba. Em ambos há um turismo estabelecido para interação com botos-vermelhos. Maiores detalhes serão fornecidos nos capítulos I e II.

### **Sujeitos**

*Turistas* – brasileiros e estrangeiros que realizaram visitas aos botos no restaurante flutuante ou no hotel de selva;

*Guias de turismo* – que atuam levando turistas ao restaurante flutuante e/ou ao hotel de selva para interagir com os botos;

*Moradores locais* – residentes do município de Novo Airão.

### **Instrumentos de coleta**

*Observação participante* - Consiste no envolvimento do pesquisador nas atividades da comunidade, com o objetivo de discernir a maior variedade possível de detalhes sobre o dia-a-dia da população (Alexiades, 1996);

*Informantes-chave* – São pessoas que correspondem a uma pequena parte do total de informantes e estabelecem um vínculo com o pesquisador, tornando-se colaboradores e auxiliando no estabelecimento de comunicação com novos atores (McGoodwin, 2002 *in* Sobreiro, 2007);

*Entrevistas informais* – São entrevistas que não possuem estrutura e cujas perguntas fluem da conversa normal (Alexiades, 1996). Servem para detectar expressões locais; aproximar o entrevistador dos entrevistados, reduzindo a desconfiança; reconhecer temas relevantes ao trabalho, que deverão ser abordados em entrevistas mais fechadas;

*Entrevistas semi-estruturadas* – São entrevistas baseadas no uso de uma lista de questões que devem ser respondidas preferencialmente numa ordem particular, mas com flexibilidade (Alexiades, 1996). Este tipo de entrevista é útil quando nem todas as respostas precisam ser quantificadas, dando a chance para o entrevistado incluir mais detalhes ou fazer associações com outras respostas (Huntington, 2000).

### **Procedimentos de coleta**

#### *Fase pré-amostragem*

No ano de 2007 foram realizadas três visitas a campo. Durante as visitas, foi feita observação participante e entrevistas informais, tanto com turistas quanto com moradores. Neste período foi possível familiarizar-se com a rotina local, conhecer expressões e

estabelecer contatos. A partir das informações obtidas com as entrevistas informais, foi feito o delineamento da pesquisa e a elaboração de entrevistas semi-estruturadas. Estas foram utilizadas numa “fase piloto” durante o mês de junho de 2008. A partir das dificuldades e necessidades encontradas nesta fase, as entrevistas foram modificadas de modo a compor as entrevistas finais, utilizadas na fase de amostragem.

Com os guias de turismo foi possível estabelecer contato prévio através da participação do pesquisador em diversas reuniões do segmento. Durante estas reuniões foi estabelecido contato direto com os guias de turismo, exposto o objetivo da pesquisa e feito o convite para a participação. Caso aceitassem, a entrevista era marcada para outro dia e local, de acordo com a conveniência do participante.

*A fase de amostragem bem como a análise de dados serão explicados detalhadamente nos capítulos I e II.*

## **Capítulo I. Turismo de observação e interação com botos-vermelhos na Amazônia brasileira: esta atividade pode contribuir para a educação ambiental dos turistas?**

### **INTRODUÇÃO**

O setor do turismo que mais cresce atualmente é o turismo de natureza. Este tipo de turismo não implica necessariamente em atitude ética e ambientalmente correta, podendo ser insustentável e poluidor (Dias, 2003). Como resultado de seu rápido crescimento e do desejo de proteger os recursos naturais, é grande a necessidade de pesquisas sobre o tema (Orams, 1996). O conceito de ecoturismo, por outro lado, propõe a prática do turismo sustentável em áreas naturais (Fennell, 2002; Dias, 2003). Neste segmento há a aplicação de princípios e valores éticos que valorizam o conceito de sustentabilidade com desenvolvimento (Wallace & Pierce, 1996 *in* Fennell, 2002).

Um dos princípios do ecoturismo é a educação ambiental por meio da *interpretação ambiental* (Lück, 2003). Este aspecto busca gerar formas efetivas de reduzir os impactos negativos do turismo sobre o ambiente (Orams, 1993). Ao aperceber-se do valor de um recurso natural, o turista poderá adotar práticas mais sustentáveis no seu cotidiano (Pereira, 2004). Além disso, o ecoturista se interessando pela preservação dos recursos tende a propagar o que aprendeu, atraindo maior número de turistas à região (Amazonas, 1999). Cada vez mais, operadoras e grandes hotéis vêm reconhecendo a importância das técnicas interpretativas em resposta aos anseios dos turistas quanto à proteção das atrações que eles querem visitar (Orams, 1995).

A principal diferença entre interpretação ambiental e educação ambiental é que a primeira é dirigida a pessoas em férias ou em tempo de lazer e, por isso, é mais informal e constitui-se de participação voluntária (Moscardo e Woods, 1998 *in* Pereira, 2004). Seus principais objetivos são auxiliar os turistas na conscientização do valor do local visitado, elucidando e aclarando relações entre as espécies, o ser humano e o meio ambiente e promover mudanças de hábitos e atitudes dessas pessoas. Ou seja, objetiva que o visitante adquira experiências e conhecimentos acerca do ambiente visitado (Barber, 1996; Weiler & Davis, 1993 *in* Lück, 2003; Pereira, 2004). A educação faz parte do processo interpretativo (Hammit, 1984 *in* Lück, 2003). Contudo, ambas são muito mais amplas do que a simples transmissão de conhecimentos; visam à transmissão de valores e atitudes, discutindo um posicionamento crítico perante os problemas ambientais existentes (Mendonça & Neiman,



2003). Por estes motivos a interpretação pode ser um mecanismo efetivo de controle dos impactos sobre a natureza e de aumento da satisfação dos visitantes (Orams, 1993; 1996).

Os resultados esperados quanto ao aprendizado dos turistas podem ser diretamente influenciados pela qualidade da visita. Portanto, a atividade deve ser agradável (satisfazer o visitante); pertinente (ser significativa e envolvente); organizada (as idéias devem ser apresentadas de maneira clara) e temática (deve ter uma mensagem central). É também necessário o reconhecimento de diferentes grupos, suas peculiaridades, experiências prévias e expectativas (Malcolm & Duffus, 2002; Pereira, 2004). Além disso, MacArthur & Hall (1996) *in* Lück (2003) ressaltam que é requisito a presença de um guia bem treinado, pois a possibilidade de interação direta turistas-guia favorece a interpretação.

Numa visão mais aprofundada, Barber (1996) definiu como *eco-action education* o tipo de atividade interpretativa que deveria ocorrer em programas de visitação. Para gerar impactos positivos em longo prazo nas atitudes e comportamentos dos turistas, a interpretação deveria incluir educação *sobre* o meio ambiente (promovendo o envolvimento cognitivo do turista, por meio da transmissão de conceitos que impliquem em compreensão); *no* meio ambiente (implica em participação para aumentar a sensibilização, promovendo envolvimento afetivo) e *para* o meio ambiente (visa retorno em ações voltadas para a conservação, sendo necessário envolvimento afetivo e cognitivo).

Ambientes naturais são importantes atrações para turistas. Em particular, animais carismáticos, como os cetáceos, tem sido alvo de uma crescente demanda por interação (Orams, 1996). Em muitos locais do mundo existe um turismo estabelecido para a prática do *whalewatching*. Estas atividades geralmente consistem na observação de baleias a partir de uma base em terra firme ou embarcações e em programas de natação e alimentação de golfinhos (Scarpaci & Dayanthi, 2003). Estimativas mostram que em 1983 esta atividade ocorria em 12 países. No ano de 1995 ocorria em mais de 295 comunidades em 65 países, envolvendo aproximadamente 5,4 milhões de turistas e movimentando mais de US\$550 milhões (Hoyt, 1996). Em 1998, estas atividades foram registradas em 492 comunidades em 87 países, movimentando nove milhões de participantes e aproximadamente US\$ 1 bilhão (Hoyt, 2001). Só na América Latina, estas atividades envolveram, em 2006, em torno de 885.600 participantes e movimentaram US\$ 278,1 milhões provenientes de gastos totais (Hoyt & Iñiguez, 2008).

Um turismo semelhante ao *whalewatching* vem crescendo na Amazônia (Hoyt & Iñiguez, 2008). Uma das espécies-alvo é o boto-vermelho, ou simplesmente boto, *Inia geoffrensis*, endêmico da região, com ocorrência no Brasil, Colômbia, Venezuela, Peru,

Bolívia, Equador e Guiana (Best & da Silva, 1989a; Vidal, 1993; Smith & Smith, 1998). *Inia geoffrensis* é o maior dos golfinhos de água doce e desperta grande curiosidade nas pessoas por suas características corpóreas únicas e por fazer parte do folclore amazônico. *Inia geoffrensis* explora diversos habitats, como igapós, várzeas e locais de pouca profundidade (Best & da Silva, 1989a; Martin & da Silva, 2004); ocupa o topo da cadeia trófica e não é predada por nenhum outro animal, sendo extremamente importante para a manutenção da estabilidade do ecossistema aquático amazônico (da Silva, 1990; Martin & da Silva, 2004). O boto pode interagir facilmente com as pessoas e ganhou fama de vilão por perturbar a pesca. Além disso, a ele são atribuídos poderes mágicos e sobrenaturais (Best & da Silva, 1989a; Cravalho, 1999; Slater, 2001).

Até 2008, *Inia geoffrensis* era classificada pela União para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais- IUCN como “vulnerável”. Porém, devido à falta de dados populacionais sobre a espécie em muitas áreas onde ocorre, hoje é classificada como “dados insuficientes”. Entre suas principais ameaças estão a captura acidental em aparelhos de pesca; alterações de habitat (especialmente pelo represamento dos rios para a construção de hidrelétricas e desmatamento das suas margens); a matança em retaliação ao estrago de redes de pesca (da Silva & Best, 1986; da Silva & Best, 1996; Vidal, 1993; Smith & Smith, 1998; IBAMA, 2001; Reeves *et al.*, 2003) e mais recentemente a captura para uso da carne como isca na pesca da piracatinga (da Silva & Martin, 2007). Além destas ameaças, o rápido e desordenado crescimento do turismo utilizando essa espécie tem se tornado alarmante.

Devido ao grande aumento do *whalewatching*, Higham & Lusseau (2006) afirmam que é urgente a necessidade de pesquisas sobre este tipo de atividade, especialmente no que diz respeito às pessoas que participam (*whalewatchers*, observadores de baleias e golfinhos). Muitos autores concordam com Orams (1993; 1995; 1996; 1997; 1998; 2000) e consideram a interpretação uma ferramenta muito útil para promover a sensibilização dos turistas e reverter os impactos negativos do turismo em conservação dos cetáceos e de seus habitat. Isto também é reconhecido por instituições ambientais brasileiras, como pode ser visto na Portaria do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) n° 117 de 26 de dezembro de 1996, que determina ser obrigatória a “provisão aos turistas, em caráter permanente, de informações interpretativas sobre os cetáceos e suas necessidades de conservação para a operação de embarcações de turismo comercial no interior de Unidades de Conservação nas quais ocorra regularmente a presença de cetáceos”, como é o caso de locais onde existem atividades de interação com o boto-vermelho na Amazônia brasileira (Brasil, 1996).

Diante da necessidade de se adotar medidas para a conservação de *Inia geoffrensis*, o uso da interpretação ambiental em atividades de interação com estes golfinhos pode ser muito útil. Contudo, devem ser realizados estudos com o objetivo de verificar como ordená-las. Muitos trabalhos foram publicados tratando dos impactos do *whalewatching* sobre os animais, porém, pouco tem sido estudado acerca dos próprios participantes. Há pouquíssimos estudos a respeito das características, motivações, atitudes e comportamento destes atores (Orams, 2000). Por isso, este estudo enfocou turistas e guias de turismo envolvidos em atividades de interação com botos-vermelhos na Amazônia brasileira, cujas impressões e aprendizado podem revelar se estas atividades estão exercendo a função interpretativa de provocar mudanças de conceitos, intenções e atitudes dessas pessoas em relação aos botos e ao meio ambiente e apontar as possíveis falhas.

Os objetivos da pesquisa foram:

1. Caracterizar e comparar dois locais no estado do Amazonas onde ocorrem visitas aos botos-vermelhos quanto ao procedimento de visita, perfil dos turistas e atividades realizadas;
2. Verificar se existe diferença entre a qualidade da visita aos botos-vermelhos de turistas em grupos de excursão e turistas que não estão em grupos de excursão, e quais são essas diferenças;
3. Verificar se existe diferença entre intenções e atitudes relacionadas aos botos-vermelhos e ao meio ambiente de turistas em grupos de excursão e turistas que não estão em grupos de excursão e quais são essas diferenças;
4. Verificar se a qualidade da visita aos botos-vermelhos está diretamente relacionada às intenções e atitudes dos turistas quanto à conservação da espécie e de seu ambiente;
5. Analisar a atuação dos guias de turismo em relação às visitas aos botos-vermelhos.

## **MÉTODOS**

### **Áreas de estudo**

Foram amostradas duas áreas onde ocorre turismo de interação com botos-vermelhos: um restaurante flutuante no município de Novo Airão e um hotel de selva no município de Iranduba, ambos no Estado do Amazonas, Brasil.

#### *Restaurante flutuante*

O restaurante flutuante localiza-se em Novo Airão, município situado na margem direita do baixo rio Negro (Figura 1), a aproximadamente 115 km de Manaus em linha reta

(Amazonas, 1999). Novo Airão se conecta a Manaus por via fluvial e por via terrestre, através de uma estrada totalmente asfaltada. Aproximadamente 80% da área do município está localizada no interior de áreas protegidas (Shelus, 2007), entre elas, o Parque Nacional de Anavilhanas, que até 2008 pertencia à categoria “Estação Ecológica”. O restaurante flutuante encontra-se dentro da área do parque onde, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação- SNUC (Lei N° 9985, de 18 de julho de 2000), visitas turísticas devem ocorrer com fins de “educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico” (Brasil, 2000).

Todos os dias, embarcações, carros e ônibus com turistas chegam a Novo Airão. Há turistas que integram grupos de excursão (como os de navios e de hotéis) e, geralmente, este é mais um dos pontos turísticos que visitam na Amazônia. Há, também, turistas que não integram grupos de excursão, e que chegam de forma independente, geralmente por via terrestre. A oportunidade de interagir com botos é um grande atrativo para estas pessoas e muitas delas vão à cidade de Novo Airão apenas para vê-los, deixando-a em seguida. O restaurante flutuante encontra-se na área do porto da cidade e tem fácil acesso tanto para os turistas que chegam por rio como para os que chegam por estrada.

No local, a visita e acesso aos botos-vermelhos ocorrem diariamente. Os turistas podem alimentar os animais e nadar à sua volta. Essa atividade teve início em 1998, quando as duas filhas da proprietária do restaurante pescavam no seu entorno e um boto roubou um peixe do anzol. A partir de então, as duas começaram a oferecer peixe a este animal e a nadar com ele. Com o passar dos anos, outros indivíduos foram atraídos (Barezani, 2005) e hoje o grupo é formado por aproximadamente 16 botos. Alguns indivíduos comparecem ao local com mais frequência do que outros (uns diariamente, outros ficam meses sem aparecer).

#### *Hotel de selva*

O hotel de selva localiza-se no município de Iranduba, na beira do rio Ariáú (afluente do Rio Negro) a 60 km de Manaus (Figura 1). O acesso a este hotel é feito exclusivamente por via fluvial. Consiste numa propriedade particular antiga e de vasta extensão, com poucos moradores no entorno.

Neste local, diariamente turistas podem alimentar botos-vermelhos e nadar à sua volta. As atividades iniciaram há aproximadamente cinco anos, com a contratação de um funcionário para atrair os botos com fornecimento constante de peixes. Com o passar do tempo, os botos foram se acostumando a receber peixes e hoje comparecem diariamente ao local na expectativa do alimento fácil. A interação com os botos pode ser considerada a principal atração do hotel, visto que grande número de pessoas o visita apenas para a

realização deste passeio, sem hospedarem-se. Além disso, em vários pontos da cidade de Manaus é possível ver *outdoors* de propaganda para interação com os animais.

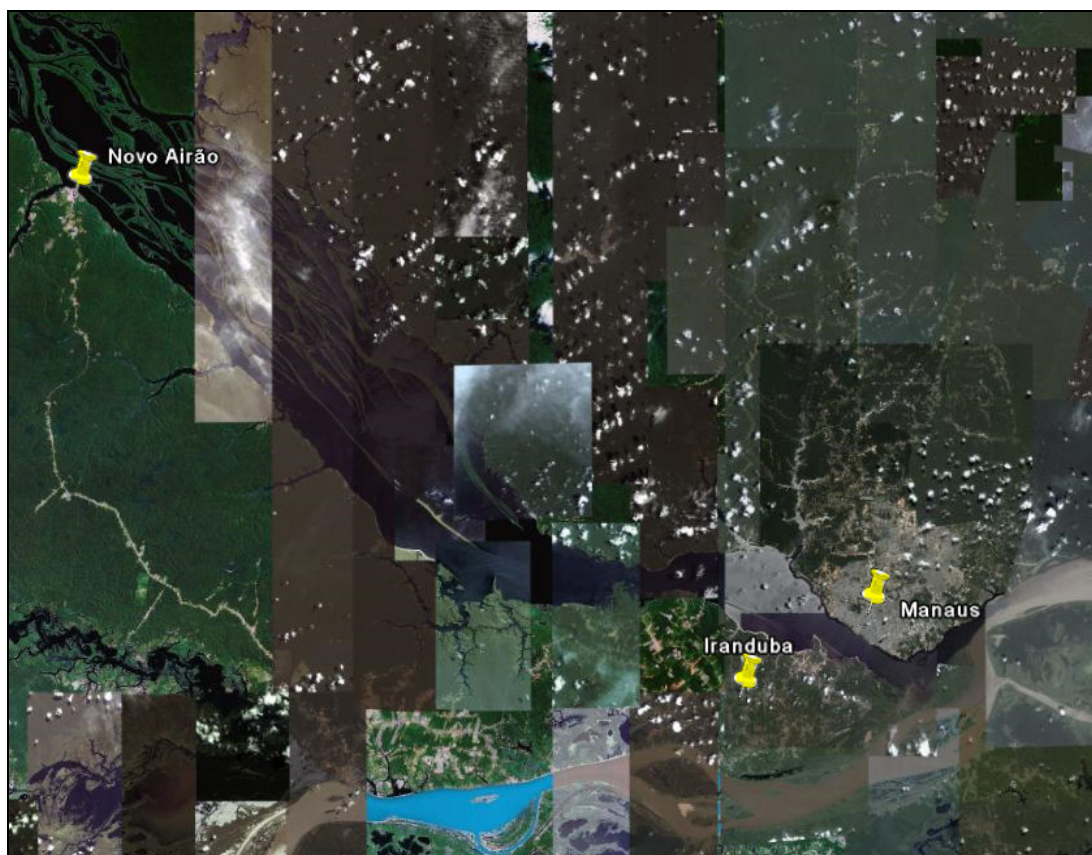


Figura 1. Mapa mostrando a localização geográfica de Manaus e dos municípios de Iranduba e Novo Airão, Amazonas. Fonte: <http://earth.google.com>.

Apesar dessa rotina de visitação aos botos-vermelhos existir na Amazônia há aproximadamente 10 anos, no Brasil não há diretrizes que regulamentem a interação com esta espécie.

### **Obtenção dos dados**

Entrevistas semi-estruturadas auto-aplicáveis foram respondidas por turistas brasileiros e estrangeiros, de ambos os sexos, com idade a partir dos 18 anos, logo após sua interação com os botos. Optou-se pelo formato semi-estruturado e auto-aplicável por tornar a entrevista mais confortável aos entrevistados (que muitas vezes tinham pouco tempo ou não queriam ser perturbados em seu momento de lazer) e por combinar perguntas fechadas com abertas, para reduzir os erros amostrais por indução das respostas e para dar maior liberdade de expressão ao entrevistado (Alexiades, 1996; Huntington, 2000; Ditt *et al.*, 2004). No caso dos visitantes acompanhados por guias de turismo ou barqueiros, foi feito um primeiro contato com estes agentes e uma breve explanação dos motivos e objetivos da pesquisa antes da abordagem aos turistas. Já com turistas independentes, o contato foi direto.

O período de amostragem foi de 14 dias no restaurante flutuante e seis dias no hotel de selva. Nem todos os turistas que visitaram os botos nesse período foram entrevistados. Estima-se que aproximadamente, metade e dois terços dos turistas que visitaram o restaurante e o hotel de selva, respectivamente, foram entrevistados durante os períodos mencionados. Ao final do período de amostragem, totalizaram-se 412 entrevistas válidas para análise, sendo 336 de turistas do restaurante flutuante e 76 de turistas do hotel de selva. As entrevistas eram compostas por questões sobre características socioeconômicas, aspectos sobre a visita aos botos e conhecimentos, intenções e atitudes relacionadas aos botos e ao meio ambiente (Anexo I).

Após a análise inicial dos dados dos turistas, os resultados levaram a novas questões. Para responder a estas perguntas, outro grupo de atores foi incluído na pesquisa: os guias de turismo. Assim, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com 13 guias que levam turistas ao restaurante flutuante e/ou ao hotel de selva. Nestas entrevistas, priorizou-se a riqueza de detalhes das respostas, tendo caráter mais qualitativo que quantitativo. Por isso, foram aplicadas pelo próprio pesquisador por meio de diálogos e gravadas com consentimento dos entrevistados (Anexo II).

### **Análise dos dados**

A partir das primeiras observações em campo, foi visto que um fator possivelmente determinante à qualidade da interpretação ambiental dos turistas era o fato de estarem ou não em grupos de excursão. Como o objetivo geral do trabalho foi avaliar a interpretação ambiental, para a análise dos dados, optou-se por dividir os turistas em três grupos:

Com excursão- pessoas que foram ao restaurante flutuante integrando grupos de excursão (barcos, hotéis de selva ou grandes grupos fechados), acompanhadas por um guia de turismo;

Sem excursão- pessoas que foram ao restaurante flutuante de forma independente, fora de grupos de excursão, sem acompanhamento de guia e geralmente em grupos pequenos, via estrada;

Hotel de selva- todos os turistas que interagiram com os botos no hotel de selva.

O grupo hotel de selva não foi incluído em parte das análises, pois as condições da área de estudo são distintas do restaurante flutuante e não permitiriam justas comparações.

Foram estabelecidos os indicadores *qualidade da visita* (representa o grau de satisfação dos turistas) e *intenções e atitudes* (refere-se a conceitos, intenções e atitudes relacionados aos botos e ao meio ambiente que podem ter sido aprendidos durante as visitas), compostos pelos seguintes itens:

Qualidade da visita: o que sentiu durante a interação com os botos / se houve aplicação de regras e quais regras/ se gostou da visita/ se aprendeu algo com a visita e o que/ se não gostou de alguma coisa e o que

Intenções e atitudes: considera importante conservar os botos e por que/ como poderia contribuir para a conservação dos botos

Devido à complexidade dos dados e à grande quantidade e variedade de informações, optou-se por realizar a análise de duas formas: descritiva/qualitativa e estatística. Isso permitiu que alguns resultados fossem confirmados e outros complementados, enriquecendo sua discussão.

#### *Análise descritiva/qualitativa*

Os dados sobre o perfil dos turistas e as atividades realizadas foram dispostos em tabelas de contingência e gráficos (Barbetta, 2007; Ditt *et al.*, 2004). Para os dados de *qualidade da visita e intenções e atitudes* dos turistas do restaurante flutuante, foi verificada a frequência relativa das repostas fechadas. Entre as repostas abertas foram eleitas as mais relevantes, aquelas que expunham idéias claras dos turistas, independente de favoráveis ou contrárias, de certas ou erradas. Estas repostas foram dispostas em tabelas comparativas (apresentam repostas originais que se destacaram por representarem a maioria dos entrevistados ou por apresentarem situações peculiares).

Logo após, as repostas abertas de todos os turistas do restaurante flutuante foram agrupadas, de acordo com a semelhança dos significados. Foi feita verificação da frequência relativa de cada grupo de repostas. Optou-se por apresentar os dados em termos de frequência relativa ao total de repostas ( $n^\circ \text{ repostas} / n^\circ \text{ total de repostas} * 100$ ), pois nem todos os entrevistados responderam todas as perguntas.

Foi feita a transcrição das entrevistas dos guias de turismo. Quando os assuntos abordados eram mais objetivos (por exemplo, o tempo de atuação como guia), os resultados puderam ser apresentados numericamente. Quando isso não foi possível, as repostas foram descritas e trechos das entrevistas apresentados.

#### *Análise estatística*

Cada turista recebeu uma nota entre 0 e 1,0 (0/ 0,25/ 0,5/ 0,75/ 1,0) para cada resposta ou soma de repostas (ex. resposta fechada – “sim” ou “não” + resposta aberta correspondente à pergunta – como “por que?”) que compõem os indicadores *qualidade da visita e intenções e atitudes*, assim como descrito por Surgik (2006). Foi considerado que valores mais baixos eram ruins e valores mais altos eram bons para ambos indicadores. As notas foram somadas e

cada turista ficou com uma nota final para *qualidade da visita*, variando entre zero e 5,0 e uma para *intenções e atitudes*, variando entre zero e 2,0.

As notas finais foram aplicadas em Testes t de Student, para comparar os dois grupos de turistas do restaurante flutuante: *com excursão* e *sem excursão* quanto à *qualidade da visita* e às *intenções e atitudes*. Foi assumido nível de significância de 0,05 (Barbetta, 2007). Com as mesmas notas foram feitas análises de Correlação de Pearson para verificar se havia correlação entre *qualidade da visita* e *intenções e atitudes* nos três grupos de turistas. As análises estatísticas foram feitas com o software Statistica 6.0.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **I - Como ocorrem as atividades de interação com botos-vermelhos?**

#### *Procedimentos de visita aos botos-vermelhos*

##### Restaurante flutuante

O procedimento de visita é simples: os turistas chegam ao restaurante flutuante e dirigem-se aos fundos, onde fica a plataforma ao nível da água (Figura 2). Os visitantes compram uma porção com aproximadamente seis pedaços de peixe, sentam-se na plataforma e os oferecem aos golfinhos (Figura 3). Podem também nadar com os animais e tirar fotos. Durante todo o dia um funcionário permanece no restaurante com a função básica de cortar os pedaços de peixe, controlar sua venda, bem como a de refrigerantes, água e cerveja. A proprietária do restaurante e outros funcionários estão presentes eventualmente. Estas pessoas podem aplicar regras para a interação com os animais, responder a perguntas e transmitir informações esporadicamente.

Há empresas que levam turistas ao local com regularidade. As principais são um grande navio de cruzeiro (uma vez por semana) e um hotel de selva localizado no mesmo município (uma ou duas vezes por dia). Outras empresas, incluindo hotéis, navios e barcos regionais não têm regularidade nas visitas. Geralmente estes turistas, integrantes de grupos de excursão, são acompanhados durante a visita aos botos por guias de turismo efetivos ou *freelancer*, contratados pelas próprias empresas. Por isso, detalhes do procedimento de visita podem variar muito. Alguns monitoram as visitas, dão explicações sobre os botos e impõem regras, outros podem deixar os turistas totalmente à vontade. Turistas que não integram grupos de excursão interagem livremente com os botos. A duração de cada visita pode variar de meia hora a uma manhã ou tarde inteira.



Os golfinhos são atraídos pelo fornecimento de peixes, nadam perto dos turistas e permitem que sejam tocados e alimentados (Barezani, 2005). Não há cobrança de taxa de entrada; mas há a venda das porções de peixes (a R\$15,00) que são utilizados como atrativo. Geralmente para os grupos de excursão o custo do peixe está incluído no pacote da empresa e é esta quem repassa a quantia à dona do flutuante. O pagamento pode, ainda, incluir outros detalhes, como, por exemplo, a realização de uma pequena palestra por ela para turistas do referido navio de cruzeiro.

O fluxo de turistas no restaurante é maior durante finais de semana e feriados. Não há controle do número de pessoas. Com base no número de entrevistados durante o período de amostragem (mês de julho), estima-se que devem ir ao flutuante pelo menos 250 pessoas por semana (a maior parte concentrada aos sábados e domingos). Isso resulta em aproximadamente 12000 pessoas por ano. É necessário lembrar que o fluxo de turistas varia com a época do ano (Nelson, 2004; Sanders, 2004).



Figura 2. Turistas observando os botos na plataforma localizada nos fundos do restaurante flutuante.



Figura 3. Turista com prato com pedaços de peixe e botos à espera do alimento (A). Turista fornecendo peixe a um boto (B).

### Hotel de selva

O “flutuante dos botos”, base onde os turistas alimentam e nadam com os golfinhos, localiza-se na área do hotel, porém, os hóspedes não têm livre acesso. Aqueles que queiram interagir com os botos pagam um valor extra por pessoa (é um passeio não incluso nos pacotes do hotel). Pessoas que não sejam hóspedes também podem visitar os botos mediante pagamento de um valor mais alto. Este é o “passeio extra” do hotel mais procurado atualmente.

Os turistas chegam à base em grupos de duas a 25 pessoas, acompanhadas por um guia do hotel. No flutuante, há permanentemente um funcionário que recebe os turistas, explica o procedimento geral para interação e as regras que devem ser seguidas. Em um primeiro momento, os turistas vão, um a um, acompanhados por este instrutor, a uma plataforma submersa em que é possível ficar em pé, com apenas metade do corpo dentro da água. Neste local, o instrutor posiciona o turista e segura o peixe junto com ele. Os botos vêm e pegam o peixe (Figura 4). Neste momento, é possível tirar muitas fotos com os animais. Durante toda a visita o instrutor acompanha os turistas e o guia do hotel permanece na base flutuante, fora d’água.

Em seguida vem a segunda parte da interação: os turistas que queiram nadar com os botos (nem todos o fazem) devem colocar coletes salva-vidas. Grupos de aproximadamente seis pessoas além do instrutor entram na água e deixam-se levar pela correnteza (Figura 4). Há uma bóia circular presa ao flutuante por uma corda que vai junto com o grupo. Todos devem permanecer próximos a ela. Neste momento, há um inconveniente: o instrutor não

domina línguas estrangeiras. Assim, quando estão nadando, longe da base, a comunicação com turistas estrangeiros é dificultada, já que o guia bilíngüe não está por perto. Outro ponto é que, apesar da presença do instrutor, este não tem formação de salva-vidas ou preparo para uma emergência. Não há transmissão formal de informações sobre os botos aos turistas, porém, caso surjam perguntas, podem ser respondidas pelos guias ou instrutor.

O número de turistas por dia é variável, depende da demanda. Contudo, pelo número observado durante o período amostrado, estima-se uma média de 90 pessoas por semana, podendo chegar a mais de 4500 pessoas por ano.

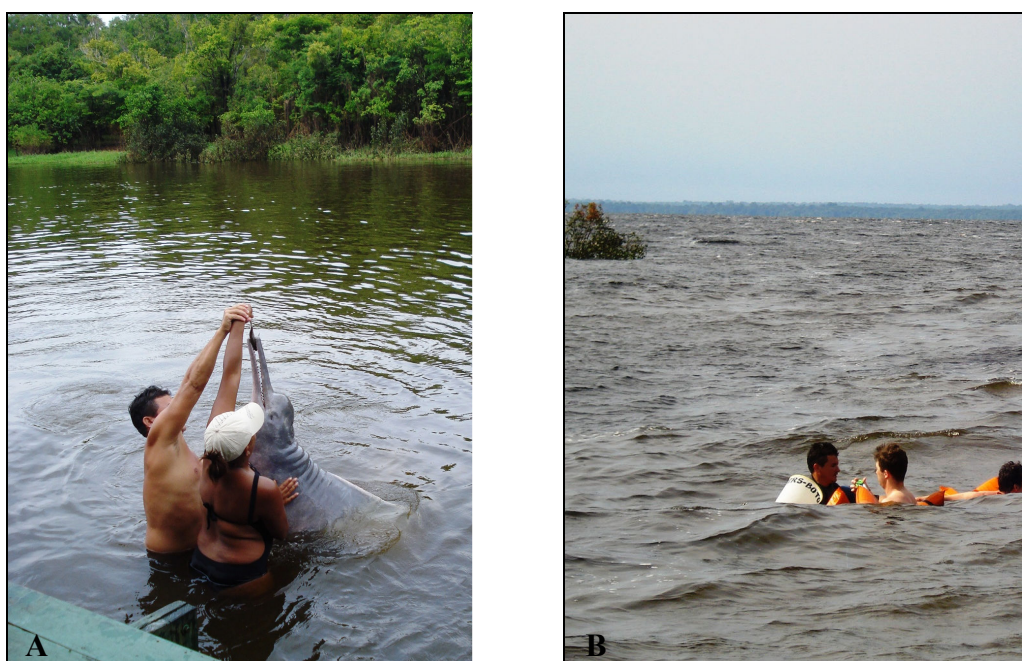


Figura 4. Turista alimentando um boto acompanhada pelo instrutor (A). Turistas nadando com botos acompanhados pelo instrutor (B).

#### *Quem são os turistas?*

O número total de turistas entrevistados em cada grupo foi: 107 *com excursão*, 229 *sem excursão* e 76 *hotel de selva*. A maioria dos três grupos era composta por mulheres, que representaram 61,7% no *com excursão*, 51,5% no *sem excursão* e 60,6% no *hotel de selva*, respectivamente. Esta é uma tendência relativamente recente para ecoturistas, observada, também, no diagnóstico do pólo de ecoturismo do estado do Amazonas (Amazonas, 1999). Maioria de mulheres também é relatada no turismo do tipo *whalewatching*, como mostram os estudos de Neil *et al.* (1995) e Neil & Brieze (1995), onde 57% e 64% dos turistas eram mulheres, respectivamente.

A idade média dos visitantes *com excursão* foi 47, dos *sem excursão* 34 e do *hotel de selva* 45 anos. Nota-se que excursões e hotéis de selva são procurados por pessoas mais velhas. Badialli (2004), entrevistando turistas da região do atual Parque Nacional de Anavilhanas, encontrou que a classe de idade mais representada, tanto para turistas brasileiros quanto para estrangeiros, foi de 31 a 40 anos. Já os resultados do relatório de diagnóstico do pólo de ecoturismo do estado do Amazonas (Amazonas, 1999), mostram uma média de 52 anos. Numa pesquisa sobre participantes do *whalewatching* na Austrália, o maior número de turistas amostrados tinha entre 30 e 39 anos (Neil *et al.*, 1999).

Do total de turistas entrevistados (n= 412), apenas 100 (24,3%) eram estrangeiros. Destes, 57 eram dos Estados Unidos da América, 35 da Europa (Alemanha, Holanda, Espanha, Reino Unido, França, Bélgica, Suíça e Rússia), sete de países da América Latina (Colômbia, Chile, Venezuela e México) e um da Ásia (Japão). Este mesmo padrão (maioria de estrangeiros dos EUA, seguida pela Europa) foi observado por Badialli (2004) e em dados da SEC (2002) *in* Badialli (2004), em pesquisa que abrangeu turistas em todo o estado do Amazonas. Porém, a presente pesquisa apresenta porcentagem consideravelmente maior de turistas norte-americanos do que os referidos estudos. Isto se deve, provavelmente, à entrada recente no turismo local da empresa de cruzeiros que realiza visitas semanais aos botos de Novo Airão e que trabalha, essencialmente, com turistas Norte Americanos. Além disso, foi observado que a diversidade de países registrada neste trabalho (14, incluindo o Brasil), não foi tão grande quanto o encontrado por Badialli (2004), que registrou 23 países.

Dos 312 turistas brasileiros entrevistados, 51,9% eram originários de outros estados, sendo a maioria de São Paulo (19,9%), Rio de Janeiro (9,6%) e Minas Gerais (4,8%). Estas informações corroboram com o encontrado por Badialli (2004). Contudo, ao contrário do referido estudo, grande parte dos turistas brasileiros era proveniente da cidade de Manaus e de cidades próximas, como Manacapuru e Iranduba (48,08%).

Os resultados do relatório de diagnóstico do pólo de ecoturismo do estado do Amazonas (Amazonas, 1999) mostram certa diferença quanto à origem dos entrevistados: turistas europeus e da América do Norte, juntos, representaram 84,6% do total. Isso porque aquela pesquisa foi feita apenas com turistas de hotéis de selva e navios de excursão, mais procurados por estrangeiros. Além disso, nestes dez anos decorrentes da referida pesquisa, ocorreram melhorias na infra-estrutura do transporte regional (como abertura e asfaltamento de estradas) que facilitaram a mobilidade das pessoas da região e estimularam o turismo regional.

A maioria dos três grupos disse visitar os botos pela primeira vez (89,7% *com excursão*; 76,8% *sem excursão* e 94,7% *hotel de selva*) (Tabela 1). O grupo *sem excursão* apresentou significativa diferença em relação aos demais, provavelmente devido à origem da maioria de seus integrantes: 55% vieram de Manaus, o que pode facilitar visitas constantes aos botos. Além deles, 21,4% dos turistas do mesmo grupo eram originários do sudeste brasileiro. No grupo *com excursão* destacaram-se turistas vindos dos EUA (42%), da região sudeste do Brasil (24,3%) e da Europa (12,1%). Já no *hotel de selva*, 42,1% e 18,4% vieram do sudeste e sul do Brasil, respectivamente, enquanto turistas europeus representaram 10,5%. Outros locais não mencionados contribuíram cada um, com menos de 10% dos visitantes de cada grupo (Figura 5).

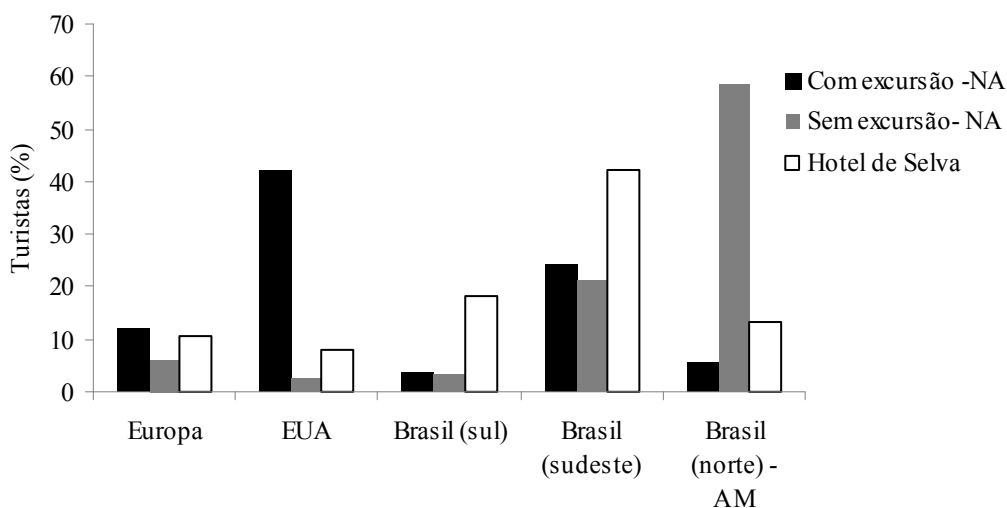


Figura 5. Principais locais de origem dos turistas. (NA= Novo Airão).

Quanto à escolaridade, nos três grupos analisados, predominou o nível “graduação”, que representou 44,8% dos turistas *com excursão*; 51,09% dos turistas *sem excursão* e 52,6% dos turistas do *hotel de selva* (Tabela 1). Porém, estes valores foram consideravelmente mais baixos que os encontrados no relatório de diagnóstico do pólo de ecoturismo do estado do Amazonas (Amazonas, 1999), com 80% dos turistas com nível universitário e por Badialli (2004), com 91,1% e 82,2% dos turistas estrangeiros e brasileiros, respectivamente, com instrução superior.

Tabela 1. Freqüência relativa de turistas entrevistados em cada categoria referente a “escolaridade” e “primeira visita aos botos”.

|                           |                | Novo Airão       |                  | Hotel de Selva |
|---------------------------|----------------|------------------|------------------|----------------|
|                           |                | Com excursão (%) | Sem excursão (%) | (%)            |
| Primeira visita aos botos | Sim            | <b>89,7</b>      | <b>76,8</b>      | <b>94,7</b>    |
|                           | Não            | 8,4              | 22,3             | 5,3            |
|                           | Não respondeu  | 1,9              | 0,9              | 0              |
| Escolaridade              | Até a 5ª série | 0                | 0,4              | 0              |
|                           | Até a 8ª série | 0                | 1,7              | 2,6            |
|                           | Ensino Médio   | 14               | 31,9             | 13,2           |
|                           | Graduação      | <b>44,8</b>      | <b>51</b>        | <b>52,6</b>    |
|                           | Pós-graduação  | 18,7             | 10,5             | 19,7           |
|                           | Não respondeu  | 22,4             | 4,3              | 11,8           |

O perfil geral dos grupos *com excursão* e *hotel de selva* evidencia predominância de pessoas mais velhas (acima de 40 anos), com nível superior, realizando a primeira visita aos botos (e, possivelmente, à Amazônia) e de regiões mais distantes (dentro ou fora do Brasil). Isso pode ser explicado pelo alto custo destes tipos de viagem na região, em cruzeiros e hotéis de selva, que favorece pessoas com maior estabilidade financeira, normalmente mais velhas (Ruschmann, 1992 *in* Badialli, 2005). No grupo *sem excursão* também houve predominância de turistas com nível superior e realizando a primeira visita aos botos, contudo, mais jovens e predominantemente da região amazônica (Tabela 1).

Para os turistas do restaurante flutuante foi perguntado, ainda, quanto tempo permaneceriam em Novo Airão (Tabela 2). Vê-se que a maioria dos turistas permanece poucas horas na cidade, menos de um dia. Para os turistas *com excursão* isto é ainda mais evidente: muitas vezes realizam apenas a visita aos botos e em seguida deixam a cidade; Novo Airão é apenas um ponto rápido de parada. Visitantes *sem excursão* permanecem mais tempo na cidade (mais de 40% declararam que ficariam “até dois dias”), o que implica em hospedagem, alimentação e, possivelmente, a realização de mais algum passeio. Desta forma, contribuem mais com a economia local (Sanders, 2004). Badialli (2004) também encontrou que turistas que visitam a região do atual Parque Nacional de Anavilhanas permanecem pouco tempo. Em ambos os casos, a rápida permanência dos turistas pode ser devida ao baixo número de atrativos e atividades disponíveis, bem como à dificuldade que o visitante tem para se movimentar pelas áreas (Kinker, 2002).

Tabela 2. Frequência relativa de turistas entrevistados nas categorias referentes a “tempo de permanência em Novo Airão”.

|                     |                    | Com excursão (%) | Sem excursão (%) |
|---------------------|--------------------|------------------|------------------|
| Tempo em Novo Airão | Horas              | <b>83,2</b>      | <b>55,5</b>      |
|                     | Até dois dias      | 14               | 41,9             |
|                     | Até uma semana     | 1,9              | 0                |
|                     | Mais de uma semana | 0                | 1,3              |
|                     | Não respondeu      | 1,1              | 1,3              |

### *Que atividades são realizadas?*

A maioria dos turistas nos três grupos respondeu que “alimentou” e/ou “tocou” nos botos (Figura 6). Estas atividades são comumente realizadas por todos os perfis de turistas: uma leva a outra (alimentar leva a tocar) e exigem menos “coragem”. Há aproximação do animal, mas a pessoa permanece fora da água em uma altura elevada em relação ao boto. Nos três grupos, poucos turistas preferiram apenas observar (Figura 6).

A maior diferença entre os grupos está na resposta “nadou”, a qual foi assinalada por 29,28% do grupo *hotel de selva*, 15,8% do grupo *com excursão* e 18,7% do grupo *sem excursão*. Entre os dois últimos, há uma pequena diferença, que pode ser devido a alguns grupos de excursão não autorizarem seus turistas a nadarem no local. Esta atividade apresentou maior porcentagem no hotel de selva, possivelmente porque nesse local as pessoas são estimuladas a nadar com os animais, havendo, inclusive, um instrutor para acompanhá-las.

É necessário ressaltar que no Brasil há uma portaria do IBAMA (Portaria IBAMA n°117/96) (Brasil, 1996) que define normas para evitar o molestamento intencional de cetáceos em águas jurisdicionais brasileiras. Nesta portaria são determinadas regras para a aproximação de embarcações e mergulho e natação próximos a baleias. No entanto, o texto é pouco claro em relação aos golfinhos, ainda mais a golfinhos fluviais e à definição de “molestamento intencional”. Da mesma forma, uma revisão sobre programas de natação com cetáceos da *International Whaling Commission (IWC)* concluiu que este tipo de programa pode ser altamente invasivo. Porém, o impacto gerado varia com a espécie, população e local e, portanto, deve ser analisado caso a caso (IWC, 2000 in Valentine *et al.*, 2004). Dessa maneira, não há consenso quanto aos riscos que este tipo de atividade oferece aos animais.

Orams (2000), em um estudo sobre o grau de satisfação de turistas em atividades de *whalewatching*, verificou que não ver as baleias nem sempre implicou em insatisfação em relação à visita/passeio (35% dos turistas disseram estar satisfeitos com o passeio, mesmo sem tê-las avistado). Da mesma forma, verificou que a aproximação das baleias não é fator crucial

para o aproveitamento (apenas 4% dos turistas deram resposta contrária). Concluiu, assim, que neste tipo de turismo há outros fatores que exercem importante influência sobre a satisfação do visitante e que estas atividades não são procuradas, simplesmente, para observar e interagir com os animais. O mesmo é afirmado por Samuels *et al.* (2003). Estes achados podem ser relevantes para motivar mudanças na forma como é feito o turismo de interação com botos-vermelhos na Amazônia, como será discutido adiante.

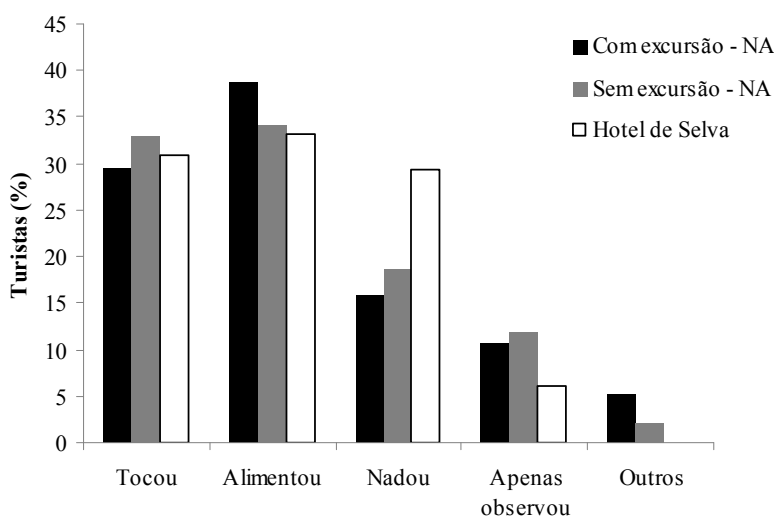


Figura 6. Atividades realizadas pelos turistas durante visitas aos botos. (NA= Novo Airão).

## II - Há diferenças na qualidade da visita de turistas que estão em grupos de excursão e turistas que não estão em grupos de excursão no restaurante flutuante?

Para responder esta pergunta, foram analisados os diferentes itens que compõem a *qualidade da visita*.

*O que sentiu durante a visita?*

No grupo *com excursão*, as repostas mais freqüentes foram: “bom/ legal” (28,8%) e “felicidade/ alegria” (12,5%); apenas um conjunto de repostas pôde ser considerado negativo: “medo/assustador”, que representou 1,9%. Já no grupo *sem excursão*, as repostas mais freqüentes foram: “emoção” (20,6%) e “felicidade/alegria” (13%). “Medo/assustador” representou 9,7% das repostas (Figura 7). Mais de 9,3% das pessoas do grupo *com excursão* e 15,2% do grupo *sem excursão* não responderam esta pergunta.

Houve relativa semelhança entre os dois grupos, já que a maioria das repostas foi positiva e têm sentido e conotação semelhantes (bom, legal, emoção, encanto, admiração, felicidade, alegria). “Conexão com o ambiente” também tem caráter positivo, mas diferencia-se das demais por representar algo além da simples contemplação da natureza; turistas que



tiveram essa sensação envolveram-se mais com a atividade, com o local, com os animais. A frequência desta resposta foi significativamente maior no grupo *com excursão*. As respostas negativas (“medo/ assustador”) foram mais frequentes no grupo *sem excursão*. Uma explicação para estas diferenças pode estar no fato de os turistas *com excursão* geralmente visitarem os botos supervisionados por guias ou barqueiros, o que tende a tornar a visita mais confortável e a deixá-los mais confiantes. Quanto a estes aspectos, Pereira (2004) destaca que entre os principais papéis de um guia estão o de líder do grupo e o de anfitrião, sendo ele o elo entre visitante e local visitado.

O mesmo padrão pôde ser observado nas respostas listadas na Tabela 3. Entre as sensações positivas, houve respostas iguais para ambos os grupos: “curiosidade”, “surpresa” e “integrado/conexão com o ambiente”. “Confiança” apareceu apenas na lista *com excursão*. Quanto às sensações negativas, “medo”, apareceu nos dois grupos; porém, no grupo *sem excursão*, houve ainda “nervosismo”, “assustador”, “interferindo na vida deles” e “pena”.

“Nada” e “sensibilização” foram relatadas por turistas *sem excursão*. A primeira resposta mostra que não houve envolvimento algum deste turista com a atividade, ao passo que a segunda é exatamente oposta.

No modelo da *eco-action education* de Barber (1996), o que o turista sentiu durante a visita reflete o aprendizado *na natureza*, ou seja, o envolvimento afetivo. Como a maior parte das respostas foi positiva, pode-se considerar que os turistas tiveram certo grau de envolvimento afetivo com o local e com os botos.

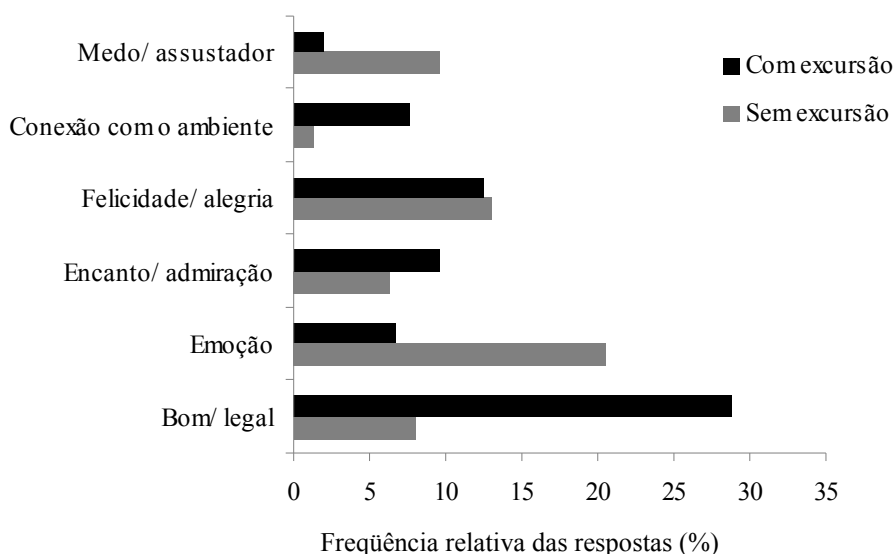


Figura 7. Respostas à pergunta “o que sentiu durante a visita aos botos?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.

Tabela 3. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “o que sentiu durante a visita aos botos?”.

|                     | Sem excursão   | Com excursão   |
|---------------------|--|--|
| Sensações positivas | <b>Curiosidade</b><br><b>Surpresa</b><br><b>Integrado ao meio ambiente</b><br>Sensibilização<br>Como uma criança de novo<br>Inesquecível | <b>Curiosidade</b><br><b>Surpresa</b><br><b>Conexão com o ambiente</b><br>Bem-estar interior<br>Me diverti bastante<br>Confiança |
| Sensações negativas | <b>Medo</b><br>É assustador<br>Nervosismo<br>Interferindo na vida deles<br>Pena  | <b>Medo</b>  |
| Outras              | Nada   | -----  |

*Gostou da visita?*

Como esperado, tanto no grupo *com excursão* como no *sem excursão*, “sim” representou mais de 90% das respostas (Figura 8). Da mesma forma, Orams (2000) e Valentine *et al.* (2004) encontraram alto grau de satisfação para turistas praticantes do *whalewatching* na Ilha de Moreton e na Grande Barreira de Corais, respectivamente, ambos na Austrália.

No entanto, Orams (2000) destacou que medir a satisfação do visitante é uma tarefa complexa, pois incorpora uma grande gama de variáveis. Talvez por isso 5,6% dos turistas *com excursão* não tenham respondido esta pergunta, pois o simples fato de ter gostado da visita não implica, necessariamente, em satisfação ou condescendência com a atividade realizada.

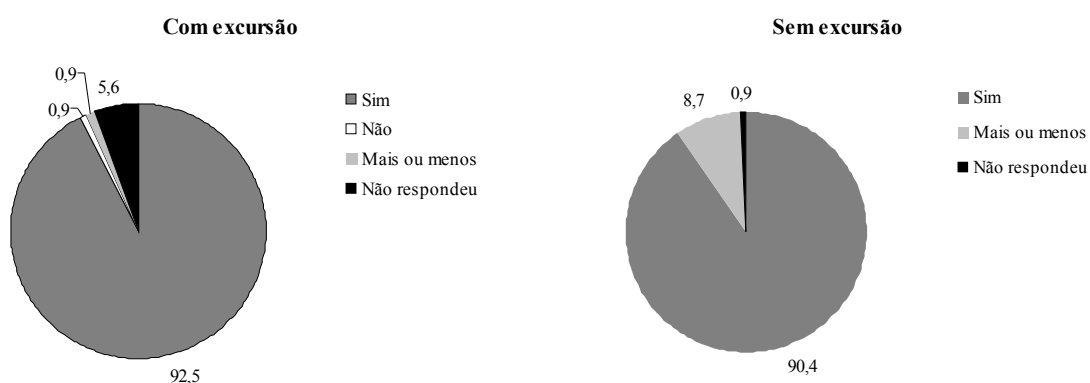


Figura 8. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “gostou da visita?”.

### *O que aprendeu com a visita?*

Este item foi formado por duas perguntas: “você aprendeu algo com a visita?” e “o que você aprendeu?”. De acordo com Barber (1996) esta questão enquadra-se no aprendizado *sobre* os animais, ou seja, o envolvimento cognitivo. Em resposta à primeira pergunta 66,4% dos turistas *com excursão* e 48% dos turistas *sem excursão* responderam “sim” (Figura 9). Estes resultados não corresponderam ao esperado. Imaginava-se que um número maior de pessoas responderia que aprendeu com a visita, mesmo que não soubessem especificar o que, como o verificado por Lück (2003) em um estudo com turistas que interagiram com golfinhos em três locais da Nova Zelândia. Naquele estudo, 76,7% dos turistas entrevistados concordaram que a experiência da qual participaram foi educativa; porém, quando questionados se aprenderam sobre os golfinhos e a vida marinha em geral, a maioria discordou. Ou seja, em Novo Airão, boa parte dos turistas de ambos os grupos (25,2% *com excursão* e 47,2% *sem excursão*) sequer concordou que aprendeu algo com a visita. Além disso, entre as pessoas que responderam “sim” no grupo *com excursão*, 25,3% não responderam o que aprenderam. Este valor correspondeu a 9,1% no grupo *sem excursão*.

Possivelmente a sensação de maior aprendizado entre turistas *com excursão* esteja relacionada à presença (não constante) dos guias de turismo das próprias empresas, que mesmo informalmente acabam por passar alguma informação sobre os botos aos turistas. Porém, a sensação de aprendizado não significa que de fato se tenha aprendido algo. Provavelmente por isso muitos dos turistas *com excursão* não souberam esclarecer o que aprenderam. Na Tabela 4 é possível ver uma resposta que caracteriza essa situação: “aprendi pouco”.

Além disso, é necessário considerar que o grupo *sem excursão* é formado em sua maioria por habitantes da região amazônica e que, por isso, talvez já tenham participado de atividades de interação com botos e/ou possuíam conhecimento básico prévio sobre eles sem que a visita acrescentasse novas informações. O mesmo foi verificado por Neil *et al.* (1999): turistas que tinham tido experiência prévia de observação de baleias deram maior número de repostas corretas sobre características dos animais do que aqueles que as visitavam a primeira vez. Ou seja, muitas das informações os turistas já sabiam e não aprenderam necessariamente com a visita.

Nas respostas abertas de ambos os grupos, a mais frequente foi “os botos são dóceis”, que representou 14,3% das respostas *com excursão* e 30,7% das respostas *sem excursão* (Figura 10). Possivelmente esta resposta apresentou maior frequência no grupo *sem excursão* por ele ser formado predominantemente por pessoas da região. Na Amazônia, há muitos mitos

e lendas que envolvem o boto-vermelho (Cravalho, 1999). Apesar de estas estórias terem perdido a força que tinham no passado, ainda hoje a cisma e receio do boto permanecem no imaginário das pessoas, mesmo daquelas que vivem nos grandes centros urbanos da região (Slater, 2001; Barezani, 2005). Com a interação com os animais, as pessoas acabam por perceber que eles não são ferozes ou malignos, como muitas destas lendas apontam, e surpreendem-se com a possibilidade de tocá-los e até nadar ao seu lado. Isso pode ser observado, também, na Tabela 4, onde no grupo *sem excursão*, apareceram as respostas “não são perigosos como todo mundo imagina” e “ajuda a perder o medo”.

A resposta “a importância da conservação” apresentou porcentagem muito semelhante nos dois grupos (Figura 10). Isso pode evidenciar identificação, simpatia do turista em relação ao boto e que, por isso, acredita ter aprendido que é importante conservá-lo. Porém, não significa que tenha aprendido a importância biológica, ecológica e cultural de se conservar o boto-vermelho.

A presença dos guias de turismo pode ter ocasionado maior porcentagem de turistas *com excursão* respondendo que aprenderam sobre os “hábitos dos botos”. Essa resposta inclui aspectos comportamentais, anatômicos e fisiológicos dos botos não visíveis durante a interação e nem sempre relatados de forma correta pelos turistas (Tabela 4). Tais aspectos não foram tão freqüentemente citados pelos turistas *sem excursão*, cujas respostas referiram-se mais a aspectos visíveis durante a interação, como “brigam entre eles”, “saltam, assim como os golfinhos”, “abre e fecha para respirar”, “contribuem para o turismo da região” (Tabela 4).

A resposta “os botos só se aproximam pela alimentação” apenas reflete a situação vista durante a visita, já que a forma de atração dos botos é pelo fornecimento de peixe.

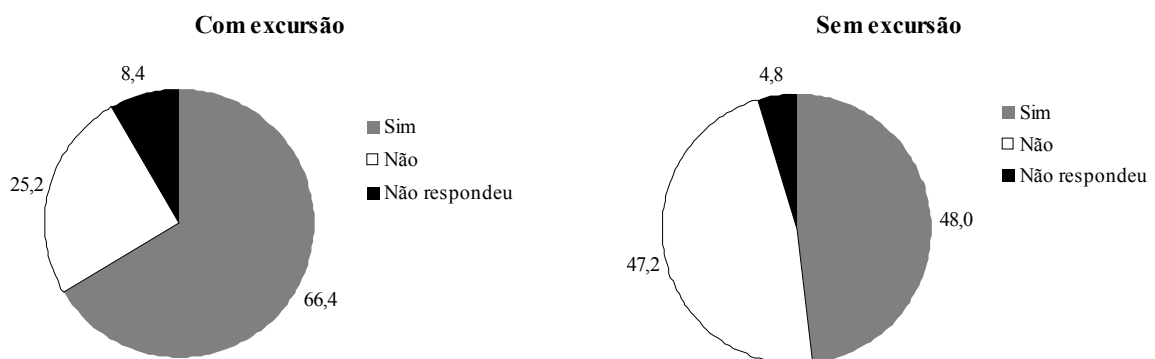


Figura 9. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “você aprendeu algo com a visita?”.

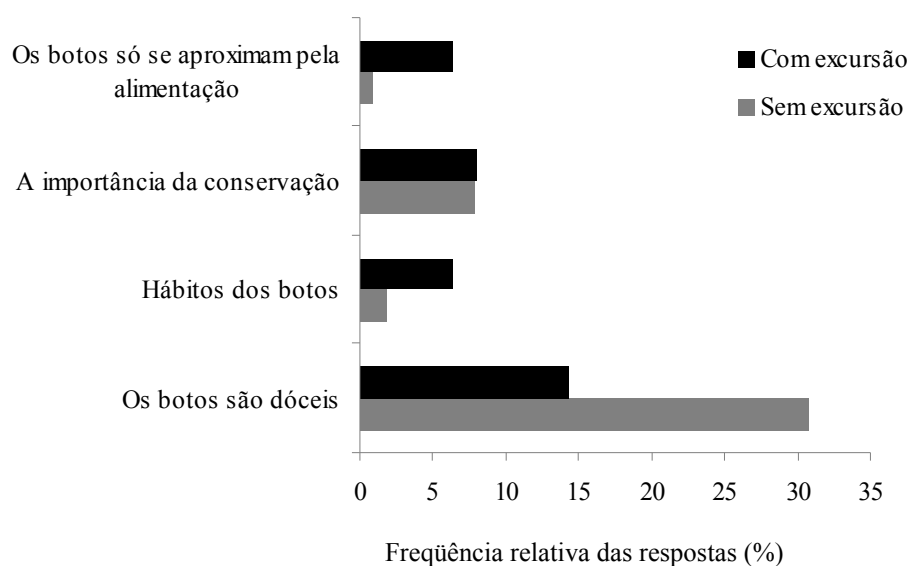


Figura 10. Respostas à pergunta “o que aprendeu com a visita?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.

Tabela 4. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “o que você aprendeu com a visita?”. O asterisco (\*) identifica respostas erradas, ambíguas ou que não estão totalmente corretas (as informações foram avaliadas de acordo com Best & da Silva, 1989b).

| Assunto               | Sem excursão  | Com excursão   |
|-----------------------|---|--|
| Comportamento         | Exalam um óleo característico que afugenta os predadores* | Andam em grupos, por isso todos são alimentados*             |
|                       | Saltam (fêmeas) assim como os golfinhos*                  | Podem sair bastante da água (bem alto)                       |
|                       | Brigam entre eles   | Não dormem*  |
| Alimentação           | Comem peixe   | -----  |
| Coloração             | São mais cinzas em cima e rosados embaixo                 | Os mais velhos são mais rosados e os cinza são os mais novos |
| Respiração            | Abre e fecha para respirar                                | Ficam debaixo da água por 30 minutos*                        |
| Interação com o homem | Não são perigosos como todo mundo imagina                 | Sabem que serão alimentados                                  |
|                       | Ajuda a perder o medo                                     | Vê-los faz com que você realmente os conheça                 |
| Reprodução            | -----   | Têm um bebê por ano*   |
| Corpo                 | -----   | São maiores do que pensei<br>Têm a pele macia                |
| Outras respostas      | Contribuem para o turismo da região                       | Aprendi pouco  |
|                       | Deus é maravilhoso  | Estão ameaçados  |

#### Do que não gostou na visita?

Este item foi formado por duas perguntas: “você não gostou de algo durante a visita?” e “do que você não gostou?”. Por referir-se às sensações das pessoas, envolve o aspecto afetivo. No grupo *com excursão*, 27,1% dos turistas responderam “sim” (não gostaram de alguma coisa) (Figura 11), sendo a razão mais freqüente “óleo na água” (Figura 12). Esta resposta pode ter se destacado pelo fato de muitos destes turistas (maioria originária de locais distantes) virem para a região amazônica imaginando que encontrarão apenas florestas intactas e pequenos povoados, de acordo com a imagem divulgada para o mundo todo. Em

conseqüência, surpreendem-se ao depararem-se com botos habitando o porto da cidade de Novo Airão que, apesar de pequeno, recebe embarcações constantemente, que liberam óleo e dejetos na água. Além disso, há o incômodo para os próprios turistas de nadar em águas nestas condições (Tabela 5).

No grupo *sem excursão*, 34,5% das pessoas responderam “sim” (Figura 11) e as razões mais freqüentes foram “ausência de informação” (10%) e “exploração do turista” (10%) (Figura 12). De fato, turistas que vão ao flutuante independentemente de excursão raramente recebem alguma informação sobre os botos. Apesar de ter apresentado menor freqüência este também é um fator observado pelos turistas *com excursão* (6,3%). Respostas como “faltou informação escrita”, “achei uma perda de tempo” e “queria mais informações” (Tabela 5) demonstraram isso. Inclusive informações relativas ao procedimento de alimentação e como lidar com os botos não são claramente transmitidas aos turistas. “Falta esclarecer os procedimentos” foi outra das respostas mais freqüentes (6%) entre turistas *sem excursão* (Figura 12). Isso influencia até mesmo aspectos de segurança, como demonstram as frases destacadas na Tabela 5: “cortei meu dedo”, “turistas não sabem o que fazer”, “deveria ter um instrutor”. Mais uma vez, turistas *com excursão* têm certa vantagem neste aspecto por, muitas vezes, estarem acompanhados por guias de turismo. Um turista deu uma sugestão interessante: “poderia significar um museu do boto, com fotos, documentários etc” (Tabela 5). Este aspecto é ressaltado por muitos autores que afirmam que a atividade interpretativa bem estruturada promove o aumento do grau de satisfação do visitante (Orams, 2000; Lück, 2003; Pereira, 2004).

Quanto à exploração dos turistas, muitos deles não concordaram com a cobrança dos peixes usados na alimentação dos botos, nem com o fato de não poderem levar seu próprio peixe (Tabela 5). Muitos, ainda, consideraram o preço alto. Esta resposta apareceu com freqüência um pouco menor para turistas *com excursão*, pois na maioria das vezes, o custo da visita aos botos está incluso no pacote do seu cruzeiro, então nada é pago diretamente ao restaurante flutuante.

Orams (2000), ao questionar turistas praticantes de *whalewatching* na Austrália sobre “o que tornaria sua experiência mais agradável”, encontrou com freqüência “menor número de pessoas” e “mais espaço”. As duas respostas estão relacionadas, já que quanto mais pessoas, maior será o espaço necessário. Estes anseios também apareceram entre os turistas de Novo Airão, com uma freqüência não tão alta em relação a outras respostas, mas, principalmente no grupo *sem excursão* (3,1% *com excursão* e 6% *sem excursão*) (Figura 12; Tabela 5). Ainda, outras respostas relacionadas à infra-estrutura do flutuante foram listadas, como “falta infra-

estrutura para receber turistas” e “sujeira do flutuante” (Tabela 5). É interessante notar que os aspectos relacionados à infra-estrutura, atendimento e organização do flutuante foram especialmente citados por turistas *sem excursão*.

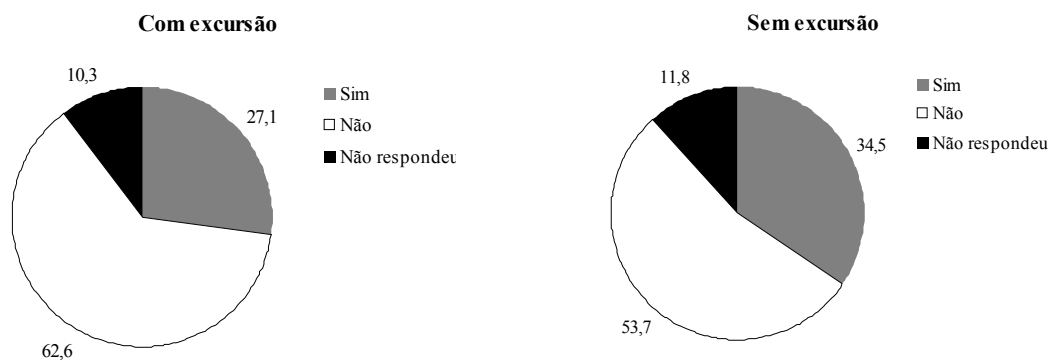


Figura 11. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “você não gostou de algo durante a visita?”.

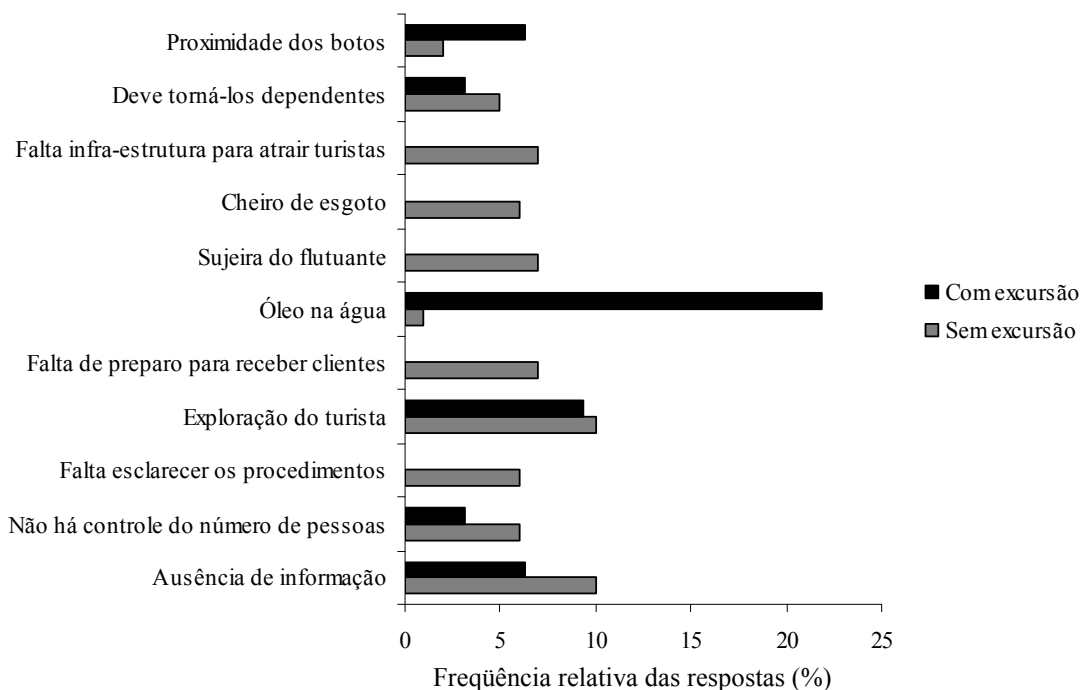


Figura 12. Respostas à pergunta “do que você não gostou durante a visita?” com frequência relativa acima dos 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.

Tabela 5. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “do que você não gostou durante a visita?”

|                          | Sem excursão  | Com excursão   |
|--------------------------|---|--|
| Estrutura do flutuante   | Não possui lixeira para jogar lixo<br>Falta de higiene<br>Falta infra-estrutura para receber turistas   | _____  |
| Segurança                | Falta salva-vida<br>Botos estão machucados  | Cortei meu dedo  |
| Condições do local       | Não é bom para os botos serem atraídos para o porto   | Ninguém sente vontade de cair na água poluída de óleo<br>Achei que nadaria em águas limpas                               |
| Organização/ atendimento | Desorganização<br>Não há controle do número de pessoas por vez<br>Muitos turistas na água<br>Turistas não sabem o que fazer<br>Deveria ter um instrutor<br>Tem que ser cordial com os turistas locais | _____  |
| Venda do peixe           | Preço do peixe<br>Exploração comercial  | Cobrança para alimentá-los   |
| Informações transmitidas | Faltou informação escrita   | Queria mais informações<br>Achei uma perda de tempo<br>Poderia significar um museu do boto, com fotos, documentários etc |
| Outras respostas         | Discordo em alimentá-los, os tira de seu hábitat natural  | Maldade usá-los sem dar nada em troca para sua preservação   |

#### *Houve aplicação de regras durante a visita?*

Dos turistas *com excursão*, 65,4% responderam “sim”, enquanto apenas 36,7% do grupo *sem excursão* deram a mesma resposta (Figura 13). Mais uma vez, aparece aqui a questão dos turistas acompanhados por seus próprios guias, que recebem mais informações quanto aos procedimentos e regras para interação com os botos.

As respostas abertas mais freqüentes dos turistas *com excursão* para “quais regras foram aplicadas?” foram: “cuidado para o boto não tocar na madeira” (14,9%), “não machucar os botos” (13,4%), “não tocar na cabeça” (11,9%), “não ter muitos nadando com os botos” (10,4%) e “não pular na água” (10,4%). Já no grupo *sem excursão*, foram: “não pular na água” (20,2%) e “não machucar os botos” (10,7%) (Figura 14). Em ambos os grupos as regras mais citadas referem-se à segurança, a princípio do animal, mas que estão diretamente relacionadas à segurança do turista. Orams (1993) destaca que o estabelecimento de permissões e proibições de maneira clara é uma forma de controle direto que restringe comportamentos humanos que podem ser prejudiciais ao meio ambiente. Mais especificamente, Samuels *et al.* (2003) afirmam que a estratégia do operador tem efeito significativo sobre as respostas dos golfinhos aos turistas. Assim, visivelmente no caso do



restaurante flutuante, o estabelecimento de um procedimento de visita com regras claras pode garantir maior segurança a todos os atores envolvidos.

A resposta “horários de visita” foi citada somente no grupo *sem excursão* (7,1%) (Figura 14). Muitas vezes estes turistas não têm acesso a esta informação e somente ao chegar ao restaurante deparam-se com uma placa que estabelece horário comercial para visita (com intervalo para almoço). Os grupos *com excursão*, por outro lado, já sabem os horários para visita ou combinam previamente. No entanto, os períodos estabelecidos nem sempre são respeitados pelos próprios funcionários do restaurante flutuante. Dependendo do volume de turistas as visitas aos botos podem ser contínuas, sem interrupções para almoço e após o horário estabelecido no final da tarde.

“Não enganar os botos” refere-se ao fato de que muitos turistas, para tirar fotos e utilizarem os peixes comprados por mais tempo atraem os botos, mas não lhes dão o alimento. Esta atitude pode gerar alguns problemas, pois com o passar do tempo, os botos tendem a buscar o peixe com mais agilidade e força, podendo ocasionar mordidas acidentais nas mãos dos turistas. Aqui está um importante motivo para um monitoramento constante da interação com os botos. O grupo *sem excursão* apresentou frequência de 8,3% para esta resposta e o grupo *com excursão* 3% (Figura 14).

“Não ter muitos nadando com os botos” está diretamente relacionado ao número de pessoas que participa da interação por vez. Essa é uma regra importante, visto que muita gente na água compromete a segurança tanto dos animais como dos turistas. Porém, ela não é aplicada de forma clara. É necessário definir previamente e monitorar o número de pessoas na água, bem como controlar o tempo de cada grupo. Alguns turistas mencionaram “menos de três pessoas na água” (Tabela 6), porém, nem sempre este número é mantido. Controlar o número de visitantes é um dos modos mais comuns de minimizar impactos em locais frágeis (Grahm, 2004). Além disso, Sabino & Andrade (2003) destacam a importância de ter um intervalo entre um grupo e outro de turistas, para que os animais possam interagir naturalmente.

Um turista *com excursão* citou outra regra relevante: “não entrar na água com comida na mão” (Tabela 6). Ao entrar na água com peixe, o boto pode investir para cima da pessoa na tentativa de pegá-lo.

Alguns turistas relataram ter “lido em um aviso” (Tabela 6) algumas regras para interação. Apresentar as regras por escrito é uma forma de deixá-las claras aos turistas. Contudo, a frequência destas respostas foi menor que 5% tanto no grupo *com excursão* como

no *sem excursão*. Isso mostra que nem todas as regras estão apresentadas por escrito e que este aviso não está facilmente visível.

Geralmente em locais onde ocorrem atividades de alimentação e natação com golfinhos marinhos, as próprias condições do local permitem o controle do comportamento dos turistas (Samuels *et al.* 2003). Por exemplo, em regiões costeiras, onde muitas vezes a aproximação dos animais é feita por barcos, em regiões de correnteza ou em águas frias. No caso de Novo Airão, a situação é bem diferente. O restaurante flutuante localiza-se na área do porto da cidade, ou seja, um local com águas calmas. Além disso, a temperatura é agradável e o rio naquela localidade não é muito profundo, mesmo na época das cheias. Os turistas podem ver, tocar e nadar com os botos na própria área do restaurante flutuante (não é necessário que estejam embarcados). Assim, o controle do comportamento dessas pessoas deve ser feito de modo direto, por meio da transmissão de regras escritas e orais e com monitoramento permanente.

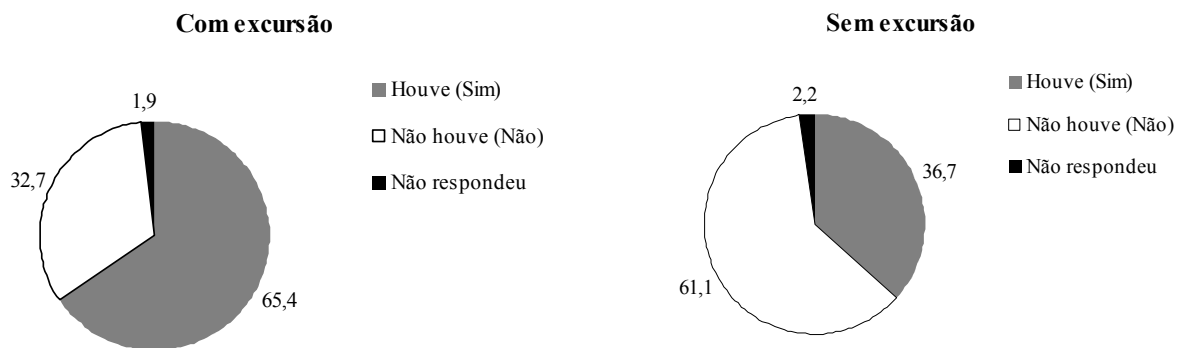


Figura 13. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “houve aplicação de regras durante a visita?”.

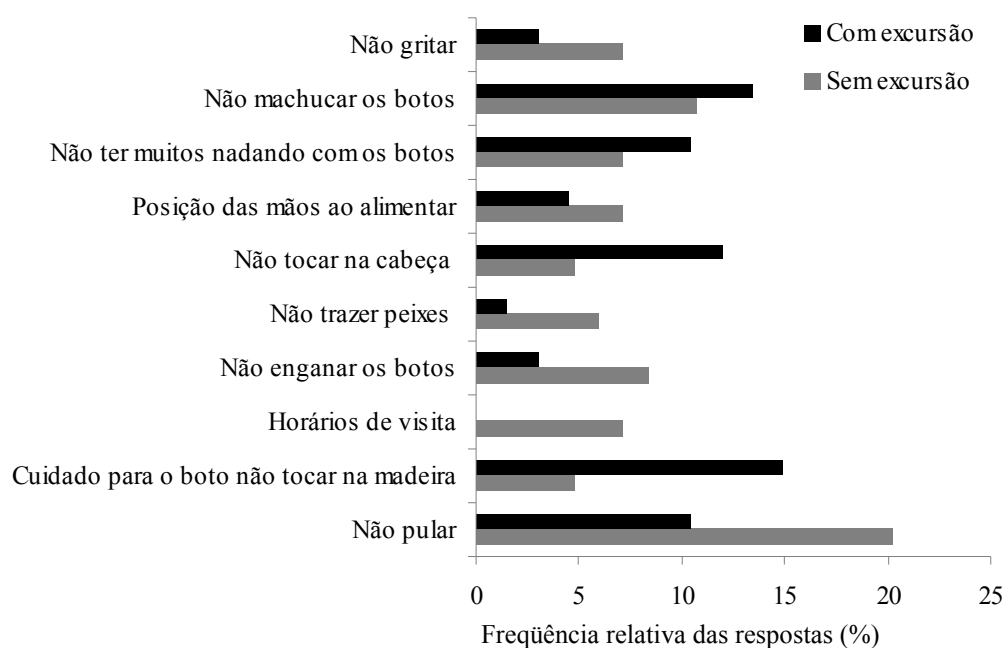


Figura 14. Respostas à pergunta “quais regras foram aplicadas durante a visita?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.

Tabela 6. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “houve aplicação de regras durante a visita?”.

| Sem excursão   | Com excursão                               |
|--|--|
| <b>Não enganar os botos</b>  | <b>Não enganar os botos</b>                |
| Não tocar na parte superior do boto                                      | Não tocar no bico                          |
| Só pode dar peixe comprado do flutuante                                  | Não dar muitos peixes                      |
| Não fazer muito barulho  | Não se jogar na água para não estressá-los |
| Não jogar lixo no rio  | Não entrar na água com comida na mão       |
| Depois que o boto pegou o peixe, empurrá-lo para que não bata na madeira | Só entra quem paga                         |
| Li em um aviso   | Cuidado com a mão                          |
| Não apertar as nadadeiras  |  |
| Menos de três pessoas na água  |  |
| Respeitar horários das visitas   |  |

### Análises estatísticas

O resultado do teste t de Student mostrou que há diferença estatística significativa entre a *qualidade da visita* dos grupos *com excursão* e *sem excursão* ( $p = 0,000218/ p < 0,05$ ). A média das notas de cada grupo foi 3,24 ( $\pm 0,94$ ) e 2,81 ( $\pm 1,0$ ), respectivamente (valor mínimo = zero/ valor máximo = 5,0).

Este resultado mostra que a *qualidade da visita* é maior para turistas *com excursão*. O principal motivo a ser destacado é o acompanhamento (frequente, mas não obrigatório) de um guia de turismo. Isso mostra que a visita proporcionada pelo restaurante flutuante por si só, não promove a mesma satisfação ao visitante de quando acompanhada por um guia. Isso corrobora com os diversos aspectos qualitativos discutidos anteriormente.

Outro possível fator é que para turistas *com excursão*, a visita aos botos é mais um passeio de seu roteiro turístico. Por outro lado, turistas *sem excursão* geralmente destinam-se a Novo Airão especificamente para interagir com os botos. Deste modo, a expectativa quanto à *qualidade da visita* provavelmente é maior em turistas *sem excursão* e, portanto, a frustração em relação aos pontos negativos também.

### **III - Há diferenças nas *intenções e atitudes* quanto aos botos e ao meio ambiente de turistas que estão em grupos de excursão e turistas que não estão em grupos de excursão no restaurante flutuante?**

*É importante conservar os botos?*

Assim como esperado, a maioria dos turistas de ambos os grupos responderam “sim” (96,3% *com excursão* e 98,7% *sem excursão*) (Figura 15). Hoje em dia, com a grande preocupação mundial com o meio ambiente, especialmente no que diz respeito à Amazônia, é fácil responder que é importante que se conserve uma espécie, principalmente sendo ela carismática, como o boto-vermelho. Contudo, o que se deseja de uma atividade ecoturística de qualidade é que os turistas aprendam o porquê da importância dessa conservação (por que essa espécie é importante? Qual é a função dela no meio ambiente? O que pode acontecer se esta espécie desaparecer?).

Nas respostas abertas à pergunta “por que é importante conservar os botos?”, ambos os grupos responderam com maior frequência “os botos fazem parte do ecossistema”. O grupo *com excursão* apresentou ainda “tudo que é natural precisa ser preservado” (13,9%) e “os botos existem apenas aqui” (11,1%) e o grupo *sem excursão* “manter o equilíbrio ecológico” (13,3%) e “fazem parte da natureza” (11,3%) (Figura 16).

A maior parte das respostas reflete uma situação do mundo atual: frases como “tudo que é natural precisa ser preservado”, “a natureza é muito importante para a vida” (Tabela 7) são comumente ouvidas na mídia. No entanto, caracterizam-se como um tipo de “resposta pronta”, que não explica a importância de se conservar os botos. Neste contexto, a resposta frequente dos turistas que mais identifica uma relação de importância dos botos para o meio ambiente é “manter o equilíbrio ecológico”. O grupo *sem excursão* apresentou uma diferença pequena, mas vantajosa, quanto às respostas que demonstram uma relação do boto com seu ambiente, em comparação ao grupo *com excursão*. Frases como: “fazem parte da natureza”, “fazem parte da Amazônia” e “manter o equilíbrio ecológico” foram frequentes (Figura 16).

Na Tabela 7 há respostas abertas originais não frequentes, mas relevantes, dentre as quais estão algumas mais consistentes, como: “os botos têm papel importante como predador

topo de cadeia”; “a preservação de qualquer espécie reflete a preservação do hábitat”; “são importantes na cadeia alimentar”. Outro tipo de resposta listada na Tabela 7 é a que diz respeito à importância cultural dos botos-vermelhos. Respostas como “fazem parta da nossa cultura”, “fazem parte da história” e “é uma espécie típica da região e a representa” apareceram apenas no grupo *sem excursão*. Uma possível explicação é o fato de este grupo ser formado, predominantemente, por pessoas da região amazônica, que convivem com o aspecto cultural dos botos (Slater, 2001).

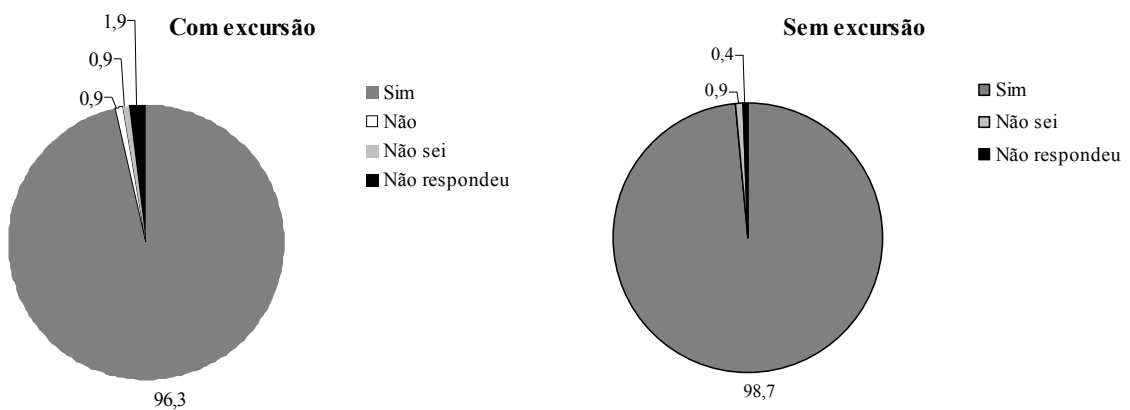


Figura 15. Frequência relativa das respostas dos turistas à pergunta “é importante conservar os botos?”.

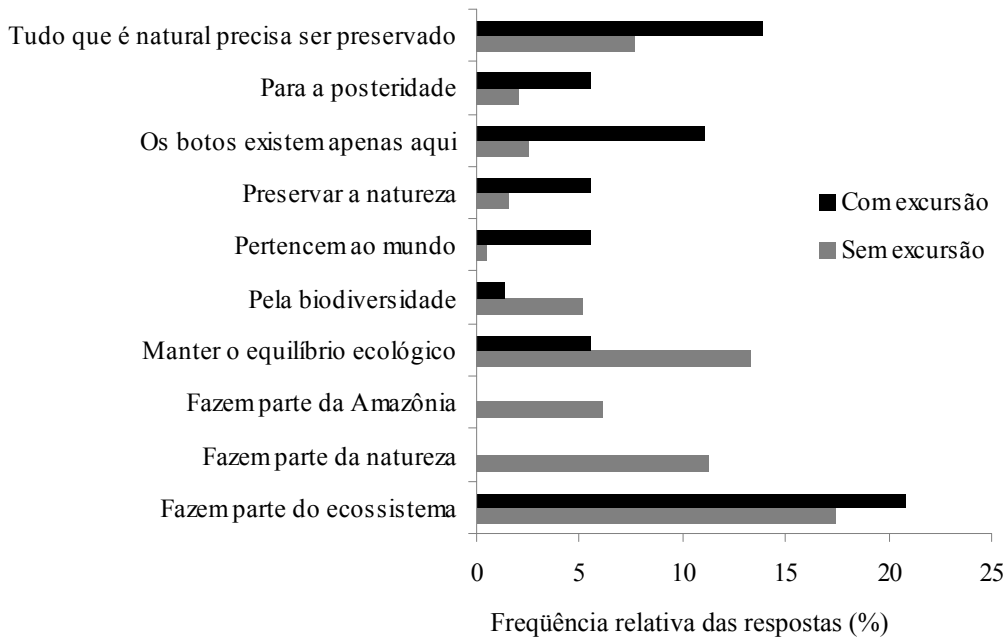


Figura 16. Respostas à pergunta “é importante conservar os botos?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.

Tabela 7. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “por que é importante conservar os botos?”.

| Sem excursão   | Com excursão                                  |
|--|---|
| Fazem parte de um elo importante no ecossistema                    | Equilíbrio do ecossistema                     |
| A natureza é importante para a vida                                | Para a segurança da humanidade                |
| A preservação de qualquer espécie reflete a preservação do hábitat | Tudo que é natural precisa ser preservado     |
| Fazem parte da cadeia alimentar                                    | São importantes na cadeia alimentar           |
| Têm papel importante como predador topo de cadeia                  | São parte da Terra                            |
| Temos que defender o meio ambiente, a fauna principalmente         | Pelo próprio compromisso com a ecologia       |
| É importante preservar toda e qualquer espécie                     | O que Deus nos oferece tem que ser preservado |
| Para não deixá-los entrar na lista de animais em extinção          | Porque o Baiji, na Ásia, está extinto agora   |
| É uma espécie típica da região e a representa                      | São os únicos no Brasil                       |
| Diversão turística   | Turismo ecológico                             |
| Preservação da biodiversidade                                      |   |
| Fazem parte da história  |   |
| Fazem parte da nossa cultura                                       |   |
| Para pesquisas   |   |

#### *Como contribuir com a conservação dos botos?*

Quando questionados sobre o que poderiam fazer no seu dia-a-dia para ajudar a conservar os botos, 31,2% dos turistas *com excursão* responderam “não sei” enquanto apenas 8,6% dos turistas *sem excursão* deram a mesma resposta (Figura 17). O mesmo pôde ser observado na Tabela 8, na qual se destacam duas respostas do grupo *com excursão*: “prejudicado pela distância onde moro” e “nem imagino”. No grupo *sem excursão*, um turista, apesar de não saber exatamente o que poderia fazer, mostrou interesse e possibilidade de atitude: “não sei, mas se souber, faço”.

“Falar para outras pessoas” foi a resposta que teve frequência mais próxima entre os dois grupos: 16,88% (*com excursão*) e 11,9% (*sem excursão*). A resposta “preservar os rios” teve destaque, ainda, no grupo *sem excursão* (14%). Não houve nenhum outro tipo de resposta de turistas *com excursão* com mais de 10% de frequência (Figura 17). Assim, turistas *com excursão* enxergam como sua principal forma de contribuição a divulgação dos botos a outras pessoas.

Os visitantes *sem excursão* apresentaram maior variedade de respostas (Tabela 8). Muitas delas mostram maior envolvimento dessas pessoas com a região e percepção de que as ações que fazem podem, diretamente, contribuir ou dificultar a conservação do meio ambiente. Alguns exemplos são: “divulgar a importância dos botos para a bacia amazônica”, “não jogar lixo nos igarapés nem poluir as águas”, “por meio da minha profissão (jornalista)”, “divulgar a necessidade desta preservação”. Outras respostas, menos frequentes, mostram o

contrário: “pessoas interessadas deveriam começar uma ação”, “torcer pela preservação”. Algumas pessoas, ainda, disseram que poderiam contribuir de formas indiretas, como “pagar uma quantia para vê-los” e “não comprar nada vindo deles”.

O grupo *sem excursão* foi composto, na sua maioria, por brasileiros, principalmente da região amazônica. Por estarem mais envolvidas com a realidade local e inseridas neste contexto ambiental, provavelmente as pessoas deste grupo consigam perceber com maior facilidade que suas ações podem implicar favoravelmente ou contrariamente à conservação dos recursos naturais da Amazônia. Os turistas do grupo *com excursão* (maioria estrangeiros e originários de pontos distantes do Brasil), por estarem mais distante geograficamente, podem ter maior dificuldade em perceber que suas ações podem contribuir para a conservação da natureza amazônica. Isso fica ainda mais claro ao repararmos que entre as respostas mais freqüentes do grupo *sem excursão* estiveram “cuidar do meio ambiente” e “não sujar os rios”, nas quais o turista assume parte da responsabilidade sobre o meio ambiente, ao passo que no grupo *com excursão*, a mais freqüente foi “não sei”, que demonstra que a pessoa não vê como pode ajudar (Figura 17).

Diante do grande número de pessoas que disse não saber como contribuir e à ausência de um padrão nas respostas, observa-se que este tipo de informação não está sendo bem transmitida aos turistas, tanto àqueles acompanhados por guias como aos independentes. Uma boa forma de se mostrar isso aos visitantes é dar exemplos práticos. Lück (2003) constatou que participantes de atividades de turismo com mamíferos marinhos aprenderam com o exemplo positivo dos guias de recolher lixo flutuante da água (como garrafas plásticas) durante os passeios. Orams (1995) coloca ainda, que é necessário mostrar aos turistas como podem agir, preferencialmente dando oportunidades ainda durante as visitas, como assinar petições, contribuir com organizações ambientais e de pesquisas. Isto é importante, pois logo após as visitas os turistas estão envolvidos afetivamente e motivados cognitivamente (sabem o que fazer). Portanto, estariam participando da educação *para* a natureza, dando retorno à conservação (Barber, 1996).

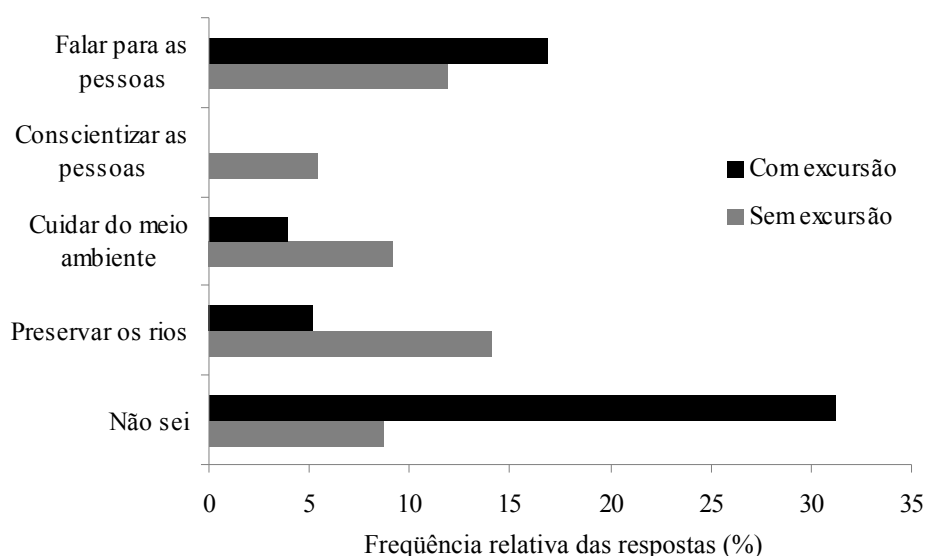


Figura 17. Respostas à pergunta “como você pode contribuir para a conservação dos botos?” com frequência relativa acima de 5% em pelo menos um dos grupos de turistas.

Tabela 8. Respostas originais relevantes dos turistas à pergunta “como você pode contribuir para a conservação dos botos?”.

| Sem excursão  | Com excursão                         |
|---|--------------------------------------|
| Pagar uma quantia para vê-los                                 | Prejudicado pela distância onde moro |
| Fazer com que as pessoas simpatizem com os botos              | Nem imagino                          |
| Não comprar nada vindo deles                                  |                                      |
| Por meio da minha profissão (jornalista)                      |                                      |
| Pessoas interessadas deveriam começar uma ação                |                                      |
| Transmitindo o que aprendi                                    |                                      |
| Educando sempre para a preservação da natureza                |                                      |
| Divulgar a necessidade desta preservação                      |                                      |
| Não jogando lixo nos igarapés nem poluindo as águas           |                                      |
| Não incentivando a visita a este local, os botos estão gordos |                                      |
| Falar para amigos visitarem Novo Airão                        |                                      |
| Divulgar a importância dos botos para a bacia amazônica       |                                      |
| Deixando que o povo local cuide e instruí-los na preservação  |                                      |
| Torcer pela preservação                                       |                                      |
| Não sei, mas se souber, faço                                  |                                      |
| Conhecendo mais sobre eles para falar para as pessoas         |                                      |

### Análises estatísticas

Foi encontrada diferença significativa ( $p < 0,001$ ) entre as notas referentes às *intenções e atitudes* de turistas *com excursão* e *sem excursão* (médias  $0,35 \pm 0,55$  e  $0,68 \pm 0,45$ , respectivamente; valor mínimo=0, valor máximo=2,0). Este resultado foi surpreendente. Era esperado que o grupo *com excursão* obtivesse maior média, assim como ocorreu com a *qualidade da visita*.



O fator que mais influenciou esta diferença estatística foi “como contribuir com a conservação dos botos?”. Dos visitantes *com excursão*, 34,6% receberam nota zero (20,6% por terem respondido “não sei” e 14% por respostas incabíveis), enquanto 14,8% dos turistas *sem excursão* receberam nota zero (8,3% responderam “não sei” e 6,5% por respostas erradas). O fator “é importante conservar os botos?” teve menor diferença estatística. Apesar dos dois grupos apresentarem porcentagens parecidas de pessoas que receberam nota zero (33,6% *com excursão* e 29,7% *sem excursão*), um número muito maior de turistas *com excursão* não respondeu o porquê da importância da conservação dos botos (31,8%, contra 19,6% *sem excursão*).

Dessa forma, é possível supor que as *intenções e atitudes* não foram, em sua maioria, aprendidas **durante** as visitas aos botos; provavelmente são fruto de conhecimentos prévios dos turistas. Este aspecto deve ser questionado e reformulado na visita aos botos no restaurante flutuante, tanto para grupos de excursão como para turistas independentes, já que o papel importante da interpretação na educação dos turistas para a redução dos impactos negativos não está sendo bem executado. Explicar o “por que” e “como” são vitais para a interpretação (Lück, 2003).

#### **IV - As *intenções e atitudes* dos turistas quanto aos botos e ao meio ambiente são influenciadas pela *qualidade da visita*?**

##### *Restaurante flutuante*

O resultado mostra correlação positiva fraca entre *qualidade da visita e intenções e atitudes* de ambos os grupos de turistas (*com excursão*:  $r = 0,142$ ; *sem excursão*:  $r = 0,103$ ). Analisando os dois grupos juntos em um único teste, a correlação é ainda menor ( $r = 0,074$ ).

##### *Hotel de selva*

No grupo *hotel de selva*, a correlação entre *qualidade da visita e intenções e atitudes* é um pouco maior que nos demais, porém, ainda fraca ( $r = 0,221$ ).

Com os valores encontrados não é possível afirmar que haja relação direta entre *qualidade da visita* aos botos-vermelhos e *intenções e atitudes* dos turistas em ambas as áreas de estudo. Isso contradiz o esperado para uma atividade ecoturística, pois a qualidade das experiências turísticas tendem a influenciar diretamente o aprendizado durante uma visita (Pereira, 2004).

Os resultados estatísticos, assim como os qualitativos, mostraram que os turistas estão recebendo nenhuma ou pouca informação durante as visitas e aprendendo quase nada sobre os botos e seu ambiente, principalmente em relação à sua conservação. Isto significa que o

turismo para interação com botos-vermelhos no restaurante flutuante e no hotel de selva, da forma como está sendo feito, não provoca mudanças significativas de conceitos, posturas e atitudes dos turistas que possam ser revertidas em conservação dos botos. Em relação a o que diz Barber (1996) quanto ao modelo da *eco-action education*, nos dois casos estudados provavelmente o domínio afetivo dos turistas seja motivado durante as visitas, mas não o cognitivo (pelo menos não de forma satisfatória), tanto para turistas *com excursão* como *sem excursão*. Por isso, estas pessoas até gostariam de colaborar com a conservação dos botos (a consideram importante) por simpatizarem com o animal, mas não sabem o que fazer nem por que.

Outros autores, como Iozzi (1989) *in* Lück (2003), vêm mencionando que a interpretação é resultado da resolução de conflitos cognitivos associados a esforços do domínio afetivo e que o conhecimento, por si só, não provoca significativas mudanças de atitudes e valores. Por isso é preciso que seja considerado o domínio afetivo das pessoas em programas educacionais. Nos casos do restaurante flutuante e do hotel de selva, o contrário deve ser considerado: há valorização do aspecto afetivo, mas o aspecto cognitivo está reduzido.

Estes dados corroboram com os encontrados por Orams (1998) num estudo com turistas que interagiram com golfinhos nariz-de-garrafa na Austrália. Alguns participaram de um programa educativo antes da visita e outros não. Os resultados mostraram que o contato com os com golfinhos gerou um desejo, em ambos os grupos de turistas, de mudar seu comportamento e tornar-se mais “ambientalmente responsável”. Porém, aqueles que não participaram do programa educativo, não levaram adiante seu desejo, enquanto muitos dos outros turistas passaram a integrar grupos relacionados à conservação do meio ambiente. Com isso, o autor concluiu que experiências turísticas deste tipo, sem um programa educativo estruturado, não tendem a produzir mudanças no comportamento dos turistas ao passo que um programa educativo pode tornar os visitantes mais responsáveis ambientalmente.

Neste ponto encontra-se outra questão fundamental a uma atividade ecoturística: a atuação dos guias de turismo. Sua principal tarefa é sensibilizar e fornecer aprendizagem que possa originar fortes laços entre visitante e visitado de modo a provocar mudanças de atitudes nos turistas (Pereira, 2004). Assim, é necessário levantar questões a respeito dos guias de turismo que incluem as visitas aos botos-vermelhos em seus roteiros: há transmissão de informações relevantes? De que forma estas informações são transmitidas? A atuação dos guias se dá no sentido de provocar mudanças de atitudes dos turistas? Tais questões serão discutidas adiante.

## V- Como é a atuação dos guias de turismo em relação às visitas aos botos?

### *Quem são os guias de turismo?*

Dos treze guias entrevistados, todos nasceram na região amazônica: sete são de Manaus, um de Manacapuru, outro de Novo Airão; quatro guias declararam ter nascido e crescido em comunidades ribeirinhas ou indígenas nos rios Juma e Jauaperi, e em localidades do Estado de Roraima e da Guiana Inglesa. Quanto à escolaridade, seis declararam ter nível superior, nem sempre completo e em diferentes áreas do conhecimento (engenharia, enfermagem, letras, turismo e hotelaria). Dois concluíram o ensino médio; três não terminaram o ensino fundamental; um estudou apenas com professora particular por dois anos e outro nunca estudou. Dez guias entrevistados falavam outro idioma, especialmente inglês. Três falavam apenas português e, por isso, trabalhavam somente com turistas brasileiros, portugueses ou que entendiam o idioma. A maioria trabalhava como guia há mais de cinco anos (Tabela 9). Apenas um guia entrevistado era mulher.

Nove dos guias entrevistados atuavam como *freelancer*, ou seja, eram são autônomos e prestavam serviço por tempo/passeio determinado para agências de turismo, hotéis de selva e navios de excursão. Os outros quatro eram funcionários de três empresas: o navio de luxo que realiza excursões semanais ao rio Negro e dois hotéis de selva. O funcionário do navio atuava apenas na função de guia; dois funcionários de um hotel de selva trabalhavam também como canoieiros e o funcionário de outro hotel de selva atuava prioritariamente como instrutor da interação dos turistas com os botos. Não foi perguntado aos guias se eram registrados na Embratur, mas foi possível perceber que poucos eram. Apenas três declararam livremente que tinham o registro.

Tabela 9. Perfil dos guias de turismo quanto à origem, escolaridade e tempo de atuação. Os números representam a frequência absoluta de entrevistados em cada categoria.

|                 |                               |   |
|-----------------|-------------------------------|---|
| Origem          | Manaus, AM                    | 7 |
|                 | Manacapuru, AM                | 1 |
|                 | Novo Airão, AM                | 1 |
|                 | Comunidades, AM               | 2 |
|                 | Roraima                       | 1 |
|                 | Guiana Inglesa                | 1 |
| Escolaridade    | Graduação                     | 6 |
|                 | Ensino médio                  | 2 |
|                 | Ensino fundamental incompleto | 4 |
|                 | Nunca foi à escola            | 1 |
| Tempo como guia | Menos de um ano               | 2 |
|                 | 2 a 5 anos                    | 3 |
|                 | 6 a 15 anos                   | 2 |
|                 | 16 a 25 anos                  | 5 |
|                 | Não respondeu                 | 1 |

A maioria dos entrevistados (10) disse ter começado a trabalhar como guia por acaso, tendo profissões anteriores diversas (engenheiro, pescador, taxista, agricultor, soldado, faxineiro, professor). Geralmente os que vieram de comunidades indígenas ou ribeirinhas tinham nível de escolaridade mais baixo e tornaram-se guias por terem habilidades necessárias a esta profissão, como conhecer bem a mata, os rios e pilotar barcos. Ao longo do tempo aprenderam outro idioma. Os guias originários de cidades, especialmente Manaus, geralmente tinham escolaridade mais elevada e já sabiam outro idioma. Ao contrário dos demais, aprenderam ao longo do tempo sobre a mata e os rios. A maioria dos entrevistados foi convidada por terceiros a entrar no ramo. Apenas três disseram que sempre quiseram trabalhar com turismo e que foram em busca de tornarem-se guias.

A respeito dos turistas com que trabalhavam, a maioria eram norte-americanos e europeus. Entre os brasileiros, havia predominância de paulistas e fluminenses. Guias que trabalhavam com navios de excursão e hotéis de selva citaram que a maior parte dos turistas tinham idade superior a 40 anos; guias de aventura citaram maioria entre 20 e 40 anos. Todos os guias concordaram que os turistas respeitam a região, os limites e regras estabelecidas por eles e que raramente ocorria de um visitante insistir em fazer algo arriscado ou não permitido durante todos os tipos de passeio. Porém, todos declararam que estrangeiros eram mais interessados em aprender (ouvir explicações e fazer perguntas) do que brasileiros. O tipo de informação que mais lhes interessava era sobre o estado de conservação da Amazônia e suas ameaças em geral.

Sobre as dificuldades em trabalhar como guia, aqueles contratados (que não são *freelancer*) destacaram aspectos relacionados à atividade em si, como “ter controle de grupo”, “perguntas dos turistas que não sei responder” e “ficar longe da família”. Guias *freelancer* ressaltaram dificuldades de ordenamento do segmento, como “os empresários querem pagar diárias baixas”, “falta de qualificação de muitos guias”, “podemos passar uma semana sem fazer trabalho nenhum”, “falta estrutura, capacitação e organização”. Quanto às vantagens, não houve diferença clara entre os dois tipos de guia. Houve respostas como “conhecer um pouquinho de outros lugares sem sair daqui”, “fazer amizade”, “a paisagem”, “gorjetas”, “receber e passar conhecimento”. Ao questionar se gostavam de trabalhar como guia de turismo, a resposta foi unânime: “sim”. Dados do relatório de diagnóstico do pólo de ecoturismo do estado do Amazonas (Amazonas, 1999), mostraram que 70% dos entrevistados estavam satisfeitos em ser guia e 15% insatisfeitos. Porém, 85% consideraram-se uma classe não unida. Os autores afirmaram que, apesar de na época já existir um sindicato dos guias, este não funcionava.

O turismo como atividade formal é relativamente recente no Brasil. Prova disso é que apenas no ano passado, em 17 de setembro de 2008, foi sancionada a Lei nº 11.771, conhecida como “lei geral do turismo” (Brasil, 2008). A Amazônia é uma região de grande apelo turístico, no entanto, essa atividade ocorre na região de maneira ainda frágil, pouco ordenada, sendo um dos principais problemas a falta de infra-estrutura receptiva, o que inclui os guias de turismo (Kinker, 2002). Isso pôde ser observado nas entrevistas, pelos relatos da ausência de força e organização perante as empresas, da necessidade de condições adequadas de trabalho, justos honorários e de maior qualificação. E estes aspectos podem influenciar diretamente o trabalho que executam quando em viagens de excursão.

A profissão de guia de turismo é regulamentada no Brasil pela Lei nº 8.623 de 28 de janeiro de 1993 (Brasil, 1993) e considera o profissional devidamente cadastrado no Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) que exerça atividades de acompanhar, orientar e transmitir informações a pessoas ou grupos em visitas e excursões. Muitos dos entrevistados não tinham formação na área nem registro na Embratur. Mesmo no relatório de diagnóstico do pólo de ecoturismo do estado do Amazonas (Amazonas, 1999), apenas 52% dos guias entrevistados eram legalmente registrados na profissão. Um ponto a ser considerado é que o curso para a formação e registro de guias de turismo tem sido pouco oferecido na região. Talvez por este motivo haja poucos guias registrados.

Assim, a formação dos guias é um aspecto relevante e que influencia a qualidade das visitas oferecidas. Por exemplo, três entrevistados falavam apenas o português, o que restringia suas possibilidades de atuação ou, em casos de “necessidade logística” em que acompanhassem turistas estrangeiros, poderia significar ausência de trabalho interpretativo e até mesmo riscos. Badialli (2004), buscando verificar a qualificação dos guias de turismo, perguntou se participavam freqüentemente de treinamentos ou cursos em sua área de atuação. Do total entrevistado, 17,65% respondeu que participavam “às vezes” e 5,88% “nunca participaram”.

#### *Sobre as visitas aos botos*

Oito guias entrevistados levavam turistas para interagir com botos-vermelhos no restaurante flutuante de Novo Airão; dois levavam apenas ao hotel de selva e os demais podiam levar a ambas as localidades e ainda a um terceiro local em um bar flutuante no lago Acajatuba (Rio Negro), onde a atividade iniciou há pouco tempo e não foi objeto deste estudo. Portanto, apesar de mais distante de Manaus, o local mais procurado é o restaurante flutuante.

Um guia geralmente acompanha grupos de 2 a 25 turistas, porém, pode chegar a acompanhar números bem maiores, até o dobro.

Há diferentes opiniões e formas de atuação quanto ao procedimento de visita. No hotel de selva, o instrutor coordena todo o procedimento: “eu passo as normas de segurança (...). Depois da alimentação todo mundo coloca o colete, a gente desce longe da rampa. Tento passar o máximo de segurança pra eles, o animal pode vir na pressa pegar o peixe e arranhar a mão da pessoa sem querer. Uma das regras é deixar a mão perto do corpo. Como o boto envia e recebe ondas, qualquer movimento que ele perceber na água, vai fazer ele se deslocar rápido pensando que é o pescado. Se a pessoa está distraída ele vai na mão. A pessoa se espanta e puxa e vai arranhar com certeza”.

No restaurante flutuante os guias procuravam seguir as regras estabelecidas pela dona do local, tais como: sentar na plataforma de madeira para dar o peixe; estender a mão com o peixe para longe dessa plataforma (para o boto não se bater); não pular na água. Quase todos os guias falavam aos turistas as regras e cuidados para interação. A maior preocupação era que pessoas e botos se machucassem: “o meu cuidado principal é para que a pessoa não agrida o animal ou o lugar, nem que faça algazarra, barulho. Isso assusta os animais. Eu percebo que se estiver barulho demais ele se estressa e pode até mordiscar, não morder, mas mordiscar. Aí assusta o turista e o boto também”. Porém, há discordância em relação a nadar com os animais: “falo pra darem o peixe sem ter contato físico com o animal porque às vezes ele pode arranhar com os dentes, onde eles têm bactérias. (...) Sou contra quererem abraçar e tocar no bicho. Acho que só de alimentá-los, sem correr riscos, sem ter que entrar na água, já é muito bom”. Outro guia afirmou: “os turistas que vão comigo nadam. Pra falar a verdade, eu deixo fazer o que quiserem, deixo ficarem à vontade”.

Um guia, funcionário do navio que realiza excursões semanais ao restaurante flutuante, relatou que faz uma explicação mais formal sobre os botos, uma pequena palestra antes da interação. Os outros podem dar breves informações, conversar ou esperar que os turistas façam perguntas, como relatado a seguir: “não é necessário falar isso, porque já tem gente treinada lá pra falar. A nossa função de guia é oferecer uma opção a mais de passeio. (...) Se surge alguma pergunta a gente fala”.

Foi questionado que informações eles transmitiam aos turistas. Foram poucas as respostas precisas, que mostraram exatamente aquilo que o guia falava, como “(os botos) ajudam na seleção dos peixes, pois comem os mais fracos”. Dentre as informações específicas relatadas, algumas estavam erradas ou mal formuladas. Houve outro tipo de resposta mais genérica, que não deixou claro o que o guia fala sobre os botos aos turistas, como “anatomia

do boto” (tabelas 10 e 11). Segundo os guias, as perguntas mais comuns feitas por turistas eram sobre alimentação, reprodução, se são agressivos e lendas.

A maioria dos guias achava que o que sabiam sobre os botos não era suficiente para transmitir aos turistas e gostariam de saber mais coisas, principalmente informações técnicas, “científicas”: “sempre falo pros meus clientes que não conheço muito sobre botos e não tenho muito que passar pra eles. Precisava aprender muito”.

Tabela 10. Respostas claras dos guias de turismo à pergunta “o que o senhor explica sobre os botos aos turistas?” e número de guias que as mencionaram. O asterisco (\*) identifica informações erradas, incompletas ou ambíguas (as informações foram avaliadas de acordo com Best & da Silva, 1989b).

|                     | Informação  | N° de guias |
|---------------------|---|-------------|
| Sistema sensorial   | Têm sonar   | 1           |
|                     | Enxergam pouco*   | 2           |
|                     | Sente mais por vibração e calor*  | 1           |
|                     | Sensibilidade no focinho e nadadeiras*  | 1           |
| Coloração           | Nascem cinza, ficam rosa conforme envelhecem  | 1           |
|                     | Ficam rosa por causa da cor da água e do que comem*   | 1           |
| Ocorrência          | Só existem aqui na bacia amazônica *  | 1           |
| Comportamento       | Voltam pro rio onde nasceram*   | 1           |
|                     | Não são agressivos  | 3           |
|                     | Formam grupos familiares e ficam próximos o tempo inteiro*                                  | 1           |
| Fisiologia          | Metade do cérebro dorme, metade não   | 1           |
|                     | Têm que lembrar de subir pra respirar, senão morrem afogados                                | 1           |
|                     | Passam da água branca pra água preta, mas voltam ao sentir a diferença de temperatura e pH* | 1           |
| Alimentação         | Só se alimentam de peixe  | 2           |
|                     | Comem mais ou menos 6 kg de peixe por dia   | 1           |
| Ecologia            | Ajudam na seleção dos peixes, pois comem os mais fracos                                     | 1           |
|                     | Onde tem boto, nenhum predador chega perto  | 1           |
| Relação com o homem | Muitas vezes o nativo não gosta porque rasgam a malhadeira                                  | 2           |
| Reprodução          | Têm um filho a cada dois anos*  | 2           |
| Tamanho             | Os cor-de-rosa chegam a 2,4m e os cinza 1,8m*   | 1           |

Tabela 11. Respostas genéricas (pouco claras) dos guias de turismo à pergunta “o que o senhor explica sobre os botos aos turistas?” e número de guias que as mencionaram.

| Informação  | N° de guias |
|---|-------------|
| Como começou a relação com os botos em Novo Airão         | 3           |
| Principais ameaças aos botos                              | 1           |
| A função de ajuda do turismo                              | 1           |
| Anatomia  | 1           |
| Diferenças do boto rosa e tucuxi (tamanho, comportamento) | 1           |
| Lendas (surgimento, porque as pessoas acreditam)          | 3           |
| Porque pessoas matam botos                                | 1           |
| Tamanho, peso   | 2           |
| Quanto tempo pode ficar debaixo da água                   | 1           |
| Onde ocorrem  | 2           |
| Casos curiosos  | 1           |
| Duas espécies: rosa e tucuxi                              | 4           |
| O quanto comem  | 1           |
| Como é a vida do boto, como ele sobrevive                 | 1           |

Com isso, foi possível perceber que os guias entrevistados sabiam pouco a respeito dos botos, e que eles mesmos reconheciam isso. Neste tipo de visita sua preocupação é mais voltada a prevenir possíveis acidentes e, por isso, procuram transmitir regras aos turistas. Contudo, a atividade interpretativa é inexistente. O que ocorre (sem regularidade) é a simples transmissão de informações sobre os botos ou respostas às perguntas dos turistas. E nem sempre as informações estão corretas.

Pereira (2004) diferencia o trabalho de um guia tradicional do de um guia intérprete: o primeiro oferece informação generalizada, data e fatos e sua principal responsabilidade não é a interpretação nem provocar mudanças de atitudes nos turistas. O segundo tem como principal tarefa sensibilizar e fornecer aprendizagem que possa originar fortes laços entre visitante e visitado, por meio de uma experiência positiva e rica e utilizando linguagem simples. Ele deve exercer o papel de líder; educador, anfitrião (ele é o elo entre visitante e o local visitado); animador e agente de conservação, com a função de ajudar o visitante a entender causa e efeito de certas ações e dar exemplos de como se pode contribuir para a conservação. Dessa forma, é possível concluir que o trabalho realizado pelos guias nas visitas aos botos enquadra-se mais no perfil de turismo tradicional do que no ecoturismo, o que não prioriza retorno ao meio ambiente.

Além de saberem pouco a respeito dos botos, a ausência de formação voltada ao trabalho interpretativo pode fazer com que os guias não transmitam as informações de modo a sensibilizar os turistas (e isso poderia ocorrer mesmo que tivessem muitas informações sobre os animais). Mendonça & Neiman (2003) afirmam que pouquíssimos guias de turismo têm



capacitação ou investem em aprimoramento profissional para a transmissão de conhecimentos.

Nos casos de turismo com botos na Amazônia, a oportunidade para promover a sensibilização dos turistas é ímpar. Os animais se aproximam com facilidade, os locais são muito bonitos, as águas quentes e calmas. Mendonça & Neiman (2003) falam que o guia de turismo muitas vezes está diante de cidadãos em momentos ideais para o aprendizado, devido ao caráter lúdico, mas por supostamente não ter a obrigação de trabalhar a educação ambiental, não percebe o potencial que tem nas mãos e se isenta dessa responsabilidade. No caso do restaurante flutuante e do hotel de selva, a ocasião é totalmente favorável. Falta, porém, o essencial: um trabalho interpretativo de qualidade, inclusive considerado pelos turistas como muito importante para sua satisfação, como verificado por Neil *et al.* (1999).

#### *O trabalho como guia pode mudar a percepção sobre os botos?*

Segundo Nelson (2004) comunidades que optam por trabalhar em ecoturismo acabam selecionando esta atividade econômica ao invés de outra que poderia ser impactante, como a extração de madeira e a caça. Esta decisão já tem grandes conseqüências para a conservação. Isso pôde ser observado nos relatos dos guias sobre o aprendizado e mudanças na percepção quanto aos botos. Apesar de poucos terem dito claramente que sua percepção e atitudes mudaram desde que tornaram-se guias, a grande maioria afirmou ter aprendido muito mais sobre os botos e a natureza em geral, inclusive sua importância, passando a valorizá-los. Uns buscaram informações em livros, outros aprenderam com a observação constante dos animais, outros com turistas informados e um disse ter aprendido conversando com nativos (ribeirinhos). Apenas uma pessoa respondeu que nada aprendeu: “não, eu não tenho muito conhecimento sobre os botos, nunca fiz curso, nunca pesquisei sobre eles, conheço bem pouquinho”.

A percepção de cinco guias a respeito dos botos mudou desde que começaram a trabalhar com eles. Destes, quatro falaram que tinham muito medo de boto e que, como guias, começaram a ver que não são agressivos como imaginavam. “Eu tinha medo; eu não teria nem coragem de descer na água com um boto próximo antigamente; passavam uma imagem do boto não muito boa, que era agressivo. Conheci mais e vi que não era por ali. Hoje não tenho medo”. Outro declarou ter aprendido não só sobre botos como sobre toda a natureza amazônica e que passou a valorizar a floresta: “Pra dizer a verdade, eu me interessei muito mais por natureza depois que comecei a trabalhar como guia. Ganhei mais consciência sobre o que é natureza, a importância que ela tem pra gente e que é o meu futuro, o do meus filhos.

Antes eu depredava e agora preservo. Já cortei muita madeira, destruía e agora não preciso mais fazer isso. Me deu mais conscientização e pra minha família também, meus pais, meus irmãos. Eles têm consciência disso através de mim agora. Antes pra mim boto era boto. Principalmente pescador não gosta de boto, já fui pescador então eu sei. Eu não gostava e inclusive toda vez que viesse um perto, se eu pudesse, eu matava, inclusive já matei botos que vinham lá e rasgavam minha rede toda e eu colocava veneno no peixe na rede e eles comiam. Porque eles vêm pegar o peixe e rasgam toda a rede, por isso minha ira, não só minha, de muita gente”.

Por outro lado, oito guias disseram que sua percepção a respeito dos botos não mudou, isso porque alguns o encaravam como um animal comum, não acreditavam nas lendas e continuaram com este pensamento. Outros porque o encaravam como um animal místico, misterioso e isto não mudou: “Eu achava eles misteriosos, fascinantes; continuo achando. Adoro a lenda do boto. Presenciei uma coisa que parece lenda, mas não é. (...) Quando a moça está menstruada, os ribeirinhos alegam que tem que levar sempre uma faca e alho na canoa (...). No máximo os botos acompanham a canoa ao lado, mas se não tem alho, ele bica a canoa e dizem que ele quer levar a moça pra profundezas. (...) Eles têm raiva de alho, ficam zangados e no máximo acompanham a canoa na lateral”.

### *Sobre a aplicação do ecoturismo*

No final das entrevistas foi feita a pergunta: “pra você, o que é ecoturismo?”. As respostas foram diversas: um guia respondeu que não sabia como definir; outro “é o turismo que o pessoal vem pra relaxar, curtir a natureza, tirar o estresse”; três responderam que “é explorar o turismo de uma maneira saudável, sem agredir o ambiente”. Um guia relatou que antigamente apenas o fato de se praticar turismo na natureza era chamado ecoturismo e que hoje ele enfoca a preservação do meio ambiente e valoriza a questão social. Outro guia concorda dizendo que “é um trabalho não predatório, ninguém corta nada nas trilhas, não agride a natureza”. Contrariamente, uma pessoa disse: “ninguém pratica ecoturismo em Manaus, porque sempre cortamos árvores, desmatamos algum lugar pra fazer acampamento”. Outro guia, ainda, destacou que a palavra “eco” está banalizada e que prefere “sustentável”: “*eco* significa a natureza em primeiro lugar e o sustentável tem uma visão muito mais humanista”. Nos dados do relatório de diagnóstico do pólo de ecoturismo do estado do Amazonas (Amazonas, 1999), foi considerado que somente 7% dos guias entrevistados chegaram perto da definição de ecoturismo. Apesar disso, 81% afirmaram serem guias de ecoturismo.

Em seguida, perguntou-se “o que deve ser feito para aplicar o ecoturismo?”. Uns responderam que seria praticar o turismo sem modificar nada no ambiente. Outros destacaram a necessidade de se envolver as comunidades inclusive na geração de renda: “Temos que cuidar das pessoas que estão integradas à natureza e pagar para que elas tenham essa conscientização e para que possam sobreviver, é uma forma de salvar a natureza”. Outros falaram da importância das informações e da maneira de transmiti-las: “fazer turismo na condição de educação ambiental”; “passar pro visitante as características da região para que ele não só veja, mas entenda”.

Desta forma, vê-se que os entrevistados gostam da atividade de guia de turismo e esforçam-se para realizá-la satisfatoriamente. No entanto, a falta de formação e atualização na área e de organização do segmento turístico prejudicam as atividades em si. Quanto às visitas aos botos, o trabalho como guia lhes rendeu bons aprendizados pessoais, porém, não o suficiente para transmitirem aos turistas. Assim, é preciso focar no trabalho dos guias para que ocorram atividades interpretativas durante as visitas aos botos. Este pode ser o início das mudanças para tornar o turismo de interação com botos uma atividade verdadeiramente ecoturística.

## CONCLUSÕES

Foi possível verificar que o turismo de interação com botos-vermelhos analisado em dois locais no Amazonas ainda não corresponde às propostas do ecoturismo, a começar pela interpretação ambiental. Nos locais estudados ocorre apenas educação *na* natureza (envolvimento afetivo). A educação *sobre* a natureza e *para* a natureza não são atendidas. Por isso, os turistas consideram importante a conservação dos botos, mas não sabem por que e nem como ajudar.

Neste momento, surge uma importante pergunta, que vai além do turismo para interação com botos-vermelhos. É necessário refletir sobre o tipo de turismo que se pretende para a Amazônia: um modelo tradicional ou que atenda ao ecoturismo? Atualmente todo o discurso é voltado para a segunda opção, mas na prática o que ocorre é a primeira.

Para que o turismo com botos na Amazônia atenda aos preceitos do ecoturismo são necessárias grandes mudanças. Sugere-se começar pela criação de programas interpretativos direcionados aos diferentes grupos de turistas. Outro passo condicionante da qualidade de um programa de interpretação é o estabelecimento e monitoramento de regras claras para as visitas. Deste modo, este é outro passo urgente a ser tomado.

## **Capítulo II. O envolvimento dos moradores de Novo Airão, Amazonas, Brasil, com o turismo de interação com botos-vermelhos pode contribuir com a conservação destes animais?**

### **INTRODUÇÃO**

O turismo constitui hoje uma indústria de extrema importância econômica. Tem sido considerado um meio de solucionar problemas que surgiram nas nações em desenvolvimento devido ao crescimento econômico inadequado, promovendo a revitalização de áreas não aproveitadas economicamente. É uma indústria diferente e descentralizada, que envolve muitos setores das economias locais. Apesar de suas potencialidades, a atividade turística convencional não tem sido acompanhada de um planejamento adequado e traz em si vários problemas que já ocorreram no passado na exploração das nações em desenvolvimento (Cruz, 1999; Figueiredo, 2000; Wearing & Neil, 2001; Nelson, 2004).

Uma nova proposta de turismo surgiu após o advento do pensamento ambientalista da década de 60 (Dias, 2003). O ecoturismo, que pode ser definido de maneira simples como turismo sustentável praticado em áreas naturais, difere do turismo convencional na medida em que valoriza o conceito de sustentabilidade com desenvolvimento, buscando o equilíbrio entre os aspectos ambiental, econômico e sociocultural (Fennell, 2002; Dias, 2003; Kiss, 2004; Nelson & Pereira, 2004).

Uma de suas principais características é a interdependência entre turismo, moradores das áreas visitadas e ambiente natural. A qualidade do meio ambiente e uma comunidade saudável são os alicerces para um turismo bem-sucedido. Em retorno, atingidos os objetivos de conservação, eles podem melhorar os padrões de vida das comunidades (Wearing & Neil, 2001; Tsaour *et al.*, 2006). A premissa é que o ecoturismo depende da manutenção dos atrativos naturais; por outro lado, o dinheiro proveniente do ecoturismo permite um incentivo à conservação, sendo uma alternativa econômica às atividades destrutivas (Kiss, 2004). Dessa forma, muitos autores concordam que o envolvimento dos moradores locais é fundamental para a sustentabilidade do turismo, onde exercem papel fundamental na conservação ambiental, pois têm condições de exigir o uso controlado dos recursos, visto serem os principais interessados em sua conservação (Nelson, 2004). A forma como uma atividade turística é feita e mantida é o que pode defini-la como “ecoturismo”.

Diversos autores afirmam que as comunidades receptoras deveriam participar em todas as fases: desde o planejamento e organização da atividade turística, até a operação e

administração. Quem deve participar e como, deve ser definido de acordo com as necessidades de cada local (Brandon, 1999; Wearing & Neil 2001; Toledo & Mitraud, 2003; Nelson, 2004). No entanto, Swarbrooke (2000) ressalta que trabalhar o turismo em um contexto comunitário não é tarefa simples, pois sequer o conceito de *comunidade receptora* é bem definido. Além disso, as populações locais consistem em diferentes grupos de interesse, alguns dos quais podem estar em conflito entre si.

Lepp (2007) e Moyle & Evans (2008) ressaltam que nem sempre o turismo é apropriado a certas comunidades. Há muitos exemplos ao redor do mundo de locais que o rejeitaram. Assim, estudos sobre o interesse dos residentes quanto ao turismo devem ser realizados, avaliando-se, entre outras variáveis, o que as comunidades enxergam como benefícios, sua motivação para envolver-se nas decisões, grau de diferença cultural entre residentes e turistas e dependência econômica do turismo. Os autores afirmam, ainda, que o turismo não deve ser a única atividade forte em uma comunidade, devido à grande instabilidade da indústria.

O ecoturismo, idealmente, pode gerar diferentes tipos de benefícios sociais, ambientais e pessoais aos residentes. Por exemplo, melhorias nas áreas de educação, saúde, geração de empregos, construção de infra-estruturas que sirvam tanto para os turistas como para moradores e oportunidades de crescimento profissional e econômico. Por outro lado, pode ocasionar impactos negativos, como mudanças de valores, crenças religiosas, tradições e costumes, estilos de vida e padrões de comportamento, além de problemas econômicos (Wearing & Neil, 2001; Nelson, 2004). Ruschmann (1993) *in* Figueiredo (2000) destaca que a educação ambiental dos moradores locais é um dos principais benefícios gerados com o ecoturismo, fundamental para a conservação ambiental.

No que diz respeito ao turismo envolvendo animais, alguns exemplos mostram que a participação das comunidades locais tem sido elemento-chave para seu sucesso. Um caso é a visitação a tubarões-baleia (*Rhincodon typus*) em Seychelles (Estado insular localizado no Oceano Índico Ocidental), com o qual a comunidade local está envolvida desde os estágios iniciais (Rowat & Engelhardt, 2007) e na Bahia de los Angeles, México (Cárdenas-Torres, 2007). Outro exemplo são as visitas a baleias cinza (*Eschrichtius robustus*) na Laguna San Ignacio e na Bahia Magdalena, México (Young, 1999). Segundo Parsons *et al.* (2003), espécies particulares de animais podem atuar como atrativos a visitantes, aumentando a conscientização de turistas e residentes sobre a espécie. Isto pode resultar numa valorização do animal devido ao seu valor intrínseco. Entre os animais mais promovidos pelo turismo, a maioria das espécies é marinha e, entre estas, os cetáceos estão em primeiro lugar como os que mais atraem turistas.

Atividades turísticas comerciais voltadas à observação de cetáceos em seu hábitat natural são chamadas de *whalewatching*. Apesar de o termo referir-se às baleias, engloba outros cetáceos, como os golfinhos (International Whaling Commission, 1994; Parsons *et al.*, 2003). Este tipo de turismo tornou-se popular em todo o mundo e hoje existem diversos locais para sua prática.

Na região amazônica esta atividade expandiu-se rapidamente nos últimos anos (Hoyt & Iñiguez, 2008). A espécie-alvo é *Inia geoffrensis*, conhecida como boto-vermelho ou simplesmente boto, endêmica da região. É o maior dos golfinhos de água doce, aproxima-se facilmente das pessoas e possui características singulares, como a coloração rosada e o corpo flexível (da Silva, 1990).

*Inia geoffrensis* difere-se em muitos aspectos do outro golfinho existente na região, o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*), menor, de coloração acinzentada e mais parecido com os golfinhos marinhos. Por suas características tão distintas, o boto-vermelho tornou-se uma figura lendária entre os amazônidas. São muitas as histórias que o envolvem. Algumas delas o tratam como um animal misterioso, que tem fama de vilão por perturbar a pesca, tirar os peixes das malhadeiras e perseguir embarcações; por outro lado, é enaltecido por indicar a presença de cardumes e afugentar piranhas. Outras histórias lhe atribuem poderes mágicos e sobrenaturais. Segundo tais lendas, o boto poderia transformar-se em homem e seduzir mulheres; existiria uma “cidade dos botos” (localizada no fundo de alguns rios); o boto atuaria como um ser protetor das águas e teria o poder de adoentar pessoas. Além disso, o uso de seus olhos e genitália como amuletos serviria como forma de atração da pessoa amada (Cravalho, 1999; Slater, 2001).

As lendas e mitos em torno de *Inia geoffrensis* sempre tiveram forte papel na sua conservação, pois as pessoas o temiam e respeitavam. Mas com o passar dos anos, com a intensa migração e colonização da região amazônica e com a conseqüente mistura de culturas, as pessoas têm atribuído menor valor às lendas, que vêm perdendo o poder de sedução. O aumento da pesca comercial na região e o emprego indiscriminado de seus equipamentos também estão diretamente relacionados à degeneração destas crenças (Best & da Silva, 1989; da Silva, 1990).

Até 2008, *Inia geoffrensis* era classificado pela União para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais- IUCN como espécie “vulnerável” à extinção por sofrer diversas ameaças, entre as quais a contaminação dos rios; alterações de hábitat; matança em retaliação ao estrago de redes de pesca (da Silva & Best, 1986; da Silva & Best, 1996; Vidal, 1993; Smith & Smith, 1998; IBAMA, 2001; Reeves *et al.*, 2003) e mais recentemente a captura para

uso da carne como isca na pesca da piracatinga (da Silva & Martin, 2007). Porém, devido à falta de dados populacionais na maior parte da sua área de distribuição, hoje é classificada como “dados insuficientes”. Além destas ameaças, o rápido e desordenado crescimento do turismo em função desta espécie tem se tornado alarmante e pode se tornar uma nova ameaça à sua conservação.

No estado do Amazonas, a interação de turistas com botos-vermelhos ocorre, pelo menos, em três locais bem conhecidos. A atividade também ocorre em outras localidades do estado, mas de maneira esporádica ou pouco conhecida. Um dos pontos mais famosos é um restaurante flutuante no município de Novo Airão, localizado na área do porto da cidade, onde a visita aos botos-vermelhos ocorre diariamente. Atualmente, a possibilidade de interação com os botos é considerada a principal atração turística do município. Apesar de haver outros grandes atrativos em seu entorno, como o Parque Nacional de Anavilhanas, Parque Nacional do Jaú e sítios arqueológicos (Moura, 2009), quase todos os turistas que chegam ou passam por Novo Airão dedicam parte de seu tempo a uma visita aos botos. Devido ao fácil acesso tanto por via fluvial (Rio Negro) como por via terrestre (estrada) o local é freqüentado por diversos perfis de turistas: mochileiros, turistas de cruzeiros, turistas com base em Manaus e moradores de Manaus ou cidades próximas. Além disso, o custo da visita é relativamente baixo. No entanto, apesar dessa rotina intensa de visita aos botos-vermelhos em Novo Airão, no Brasil não há diretrizes que regulamentem a interação com esta espécie.

Diante da grande atração turística provocada pelos botos-vermelhos e da necessidade de ações que promovam sua conservação, são necessários estudos com vistas a delinear como esta atividade pode contribuir para a manutenção dos botos. Neste contexto, verificar o nível de envolvimento de populações residentes com a atividade turística é requisito para identificar o quanto ela está contribuindo para uma mudança de conceitos e atitudes das pessoas que possam influenciar na conservação dos botos-vermelhos e de seu ambiente.

Assim, os objetivos deste estudo foram:

1. Caracterizar os moradores de Novo Airão;
2. Descrever a percepção dos moradores de Novo Airão quanto aos botos e ao turismo de interação com botos que ocorre na cidade bem como suas intenções e atitudes em relação a estes animais;
3. Verificar se o envolvimento profissional dos moradores de Novo Airão com o turismo em geral no município influencia sua percepção e intenções e atitudes em relação aos botos;

4. Identificar quais características dos moradores influenciam sua percepção e intenções e atitudes em relação aos botos.

## MÉTODOS

### Área de estudo

O município de Novo Airão localiza-se na porção norte do estado do Amazonas. Seu centro urbano encontra-se na margem direita do baixo rio Negro, a aproximadamente 115 km de Manaus em linha reta, coordenadas  $2^{\circ} 37'S$  e  $60^{\circ} 56'W$  (Amazonas, 1999). Possui 37.771 km<sup>2</sup> de área e 14.630 habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE no ano de 2007 (IBGE, 2009). Conecta-se a Manaus por via fluvial (Rio Negro) e por via terrestre, através de uma estrada totalmente asfaltada (AM 352) (Figura 1).

Aproximadamente 80% da área do município está localizada no interior de unidades de conservação ou terra indígena (Figura 1) (Shelus, 2007). Estas áreas são muito procuradas por turistas e Novo Airão, por ser o centro urbano mais próximo, acaba por receber visitantes de passagem pela região.

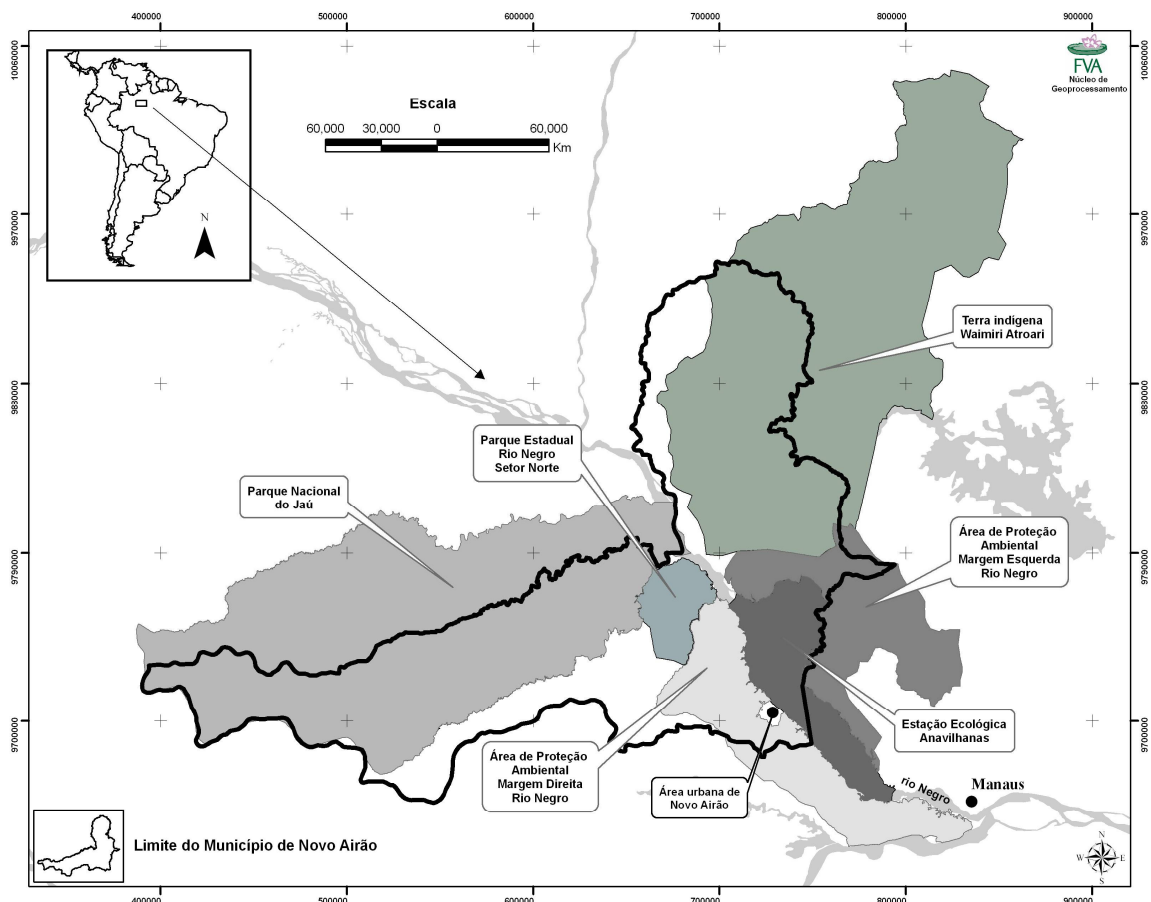


Figura 1. Município de Novo Airão e áreas protegidas no seu território e entorno. Fonte: Shelus (2007).



A população de Novo Airão vive de atividades como a agricultura, pesca e comércio. O artesanato é uma atividade em franco crescimento. A construção naval, atividade relevante e tradicional no município encontra-se em rápido declínio, especialmente devido ao fortalecimento das leis ambientais na região (Aubretton, 2002; Moura, 2009). Segundo moradores, desempregadas, muitas pessoas têm deixado Novo Airão rumo a outros centros. De modo geral, o município é pouco atrativo em termos econômicos, o que pode representar fragilidade e incentivar movimentos migratórios (Moura, 2009). Assim, é grande a necessidade de criação de novas oportunidades de trabalho. A Figura 2 mostra imagens da área urbana do município.



Figura 2. Área urbana do município de Novo Airão. Praça central (A). Rua da área central (bairro antigo) (B). Ruas da periferia (bairros novos) (C e D).

Devido aos seus atributos naturais, Novo Airão desponta como pólo de turismo ecológico e de natureza (Amazonastur, 2008). Muitos moradores acreditam que o turismo é a alternativa econômica para o município e que nele está a solução para os problemas enfrentados com relação à falta de emprego. Diariamente, embarcações de excursão, carros e ônibus chegam com turistas para visitas a Novo Airão. Além da realização de passeios, os

visitantes compram artesanato e alimentam-se, entre outras atividades. Atualmente, o ponto mais procurado da cidade é o restaurante flutuante onde é possível interagir com botos-vermelhos (Figura 3). No local há aproximadamente 16 botos (sendo que alguns comparecem diariamente e outros podem ficar meses sem aparecer) que são alimentados e tocados pelos visitantes (Barezani, 2005). Também é possível nadar com os animais.



Figura 3. Localização do restaurante flutuante (área do porto de Novo Airão). A seta indica o restaurante flutuante.

### **Obtenção dos dados**

Em estudos sobre o envolvimento de moradores locais com o turismo, muitas vezes têm sido empregadas técnicas que avaliam a situação a partir da visão dos envolvidos, suas informações e vivências, ou seja, sua percepção. Esta percepção pode ser definida como mecanismo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá por meio de motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas. Através dela é possível identificar a satisfação dos residentes de um espaço sobre sua dinâmica e o nível de entendimento que eles têm dessa realidade. Isto é fundamental para se obter uma avaliação ampla e consubstanciada do espaço (Cruz, 1999).

Dessa forma, foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas aos moradores de Novo Airão. Participaram da pesquisa pessoas nascidas ou residentes na cidade há pelo menos cinco anos, de ambos os sexos, com idade a partir dos 18 anos. As entrevistas foram feitas em residências e estabelecimentos comerciais, onde o entrevistado morava ou trabalhava, ou seja, em locais que freqüentava diariamente. As perguntas foram feitas por meio de diálogos, pois deste modo é facilitada a interação e estabelecimento de confiança entre entrevistador e entrevistado, além de evitar dúvidas e possíveis constrangimentos (por exemplo, no caso do

entrevistado não saber ler e/ou escrever) (Sobreiro, 2007). Apenas uma pessoa (pesquisador) aplicou todas as entrevistas, para garantir maior padronização na maneira de perguntar e de anotar as respostas (Surgik, 2006). Optou-se pelo formato semi-estruturado por combinar perguntas fechadas com abertas, para que se pudessem reduzir os erros amostrais por indução da resposta e para que o entrevistado pudesse ter mais liberdade para se expressar (Driscoll *et al.*, 2007). Além disso, diversos autores afirmam que o uso exclusivo de medidas objetivas não é aconselhável para casos em que se avaliem opiniões e percepções. A organização mundial do turismo, inclusive, afirma que indicadores de sustentabilidade nem sempre são quantificáveis e precisam, necessariamente, contar com uma avaliação subjetiva (Tsaour, 2006).

Procurou-se direcionar a entrevista a apenas uma pessoa em cada casa/estabelecimento. Diversas vezes houve interferências de terceiros, mas as respostas anotadas foram sempre relativas à pessoa inicialmente abordada. Por exemplo, caso o entrevistado concordasse com o que seu cônjuge/filho/amigo falasse, a resposta era anotada, caso contrário, descartada. A entrevista foi composta por perguntas sobre características socioeconômicas do entrevistado, sobre a percepção quanto aos botos-vermelhos e sobre o turismo de interação com estes animais (Cruz, 1999; Moncayo, 2003) (Anexo I). O período total de amostragem foi de 20 dias, incluindo dias úteis e finais de semana, durante o mês de novembro de 2008. Vale ressaltar que antes do período de amostragem, o pesquisador esteve diversas vezes na área de estudo, por períodos de uma a duas semanas. Dessa forma, foi possível familiarizar-se com o cotidiano local, assim como sugerido por Alexiades (1996).

A amostragem tentou englobar todos os bairros da área urbana de Novo Airão. O mapa da cidade foi dividido em “faixa 1”, que inclui as residências/estabelecimentos mais próximos ao restaurante flutuante e “faixa 2”, que engloba os mais distantes (Figura 4). A amostragem foi dividida dessa forma, pois o critério “distância ao restaurante flutuante” foi incluído nas análises. Para garantir uma amostragem aleatória, foi adotado o seguinte procedimento: em cada rua, a partir de um ponto inicial, contava-se a quinta casa/estabelecimento. Neste local era feito contato com a pessoa presente e explicado os motivos e intenções da pesquisa. Caso ela aceitasse participar, a entrevista era feita. Em seguida, na mesma rua e mesma direção, contavam-se mais cinco casas e o procedimento se repetia. O pesquisador ia em uma direção e voltava na outra. Caso não houvesse ninguém na casa/estabelecimento ou a pessoa não aceitasse participar, o pesquisador partia para a casa imediatamente seguinte. Foi estabelecido um número de amostragem mínimo igual a 100, assumindo-se um erro padrão de 10% (Barbetta, 2007). Ao final da amostragem, foram obtidas 111 entrevistas válidas para análise.

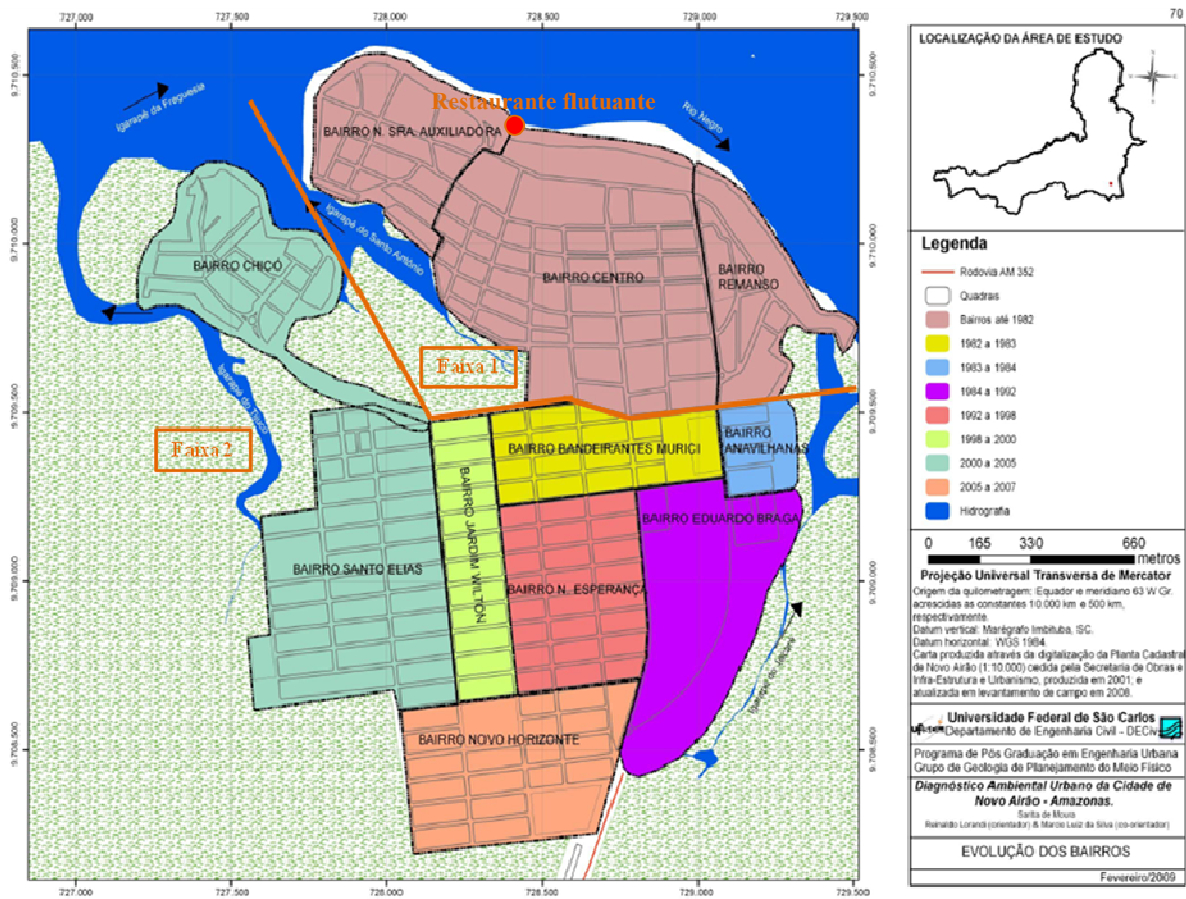


Figura 4. Mapa mostrando os bairros de Novo Airão. A divisão (em cor laranja) indica os bairros que foram incluídos na “faixa 1”, próxima ao restaurante flutuante e na “faixa 2”, mais distante. Fonte: Moura (2009).

### Análise dos dados

A percepção quanto aos botos, percepção quanto ao turismo de interação com botos e intenções e atitudes relacionadas a estes animais foram traçadas a partir das respostas às perguntas:

Percepção quanto aos botos: “O Sr conhece histórias sobre os botos? Quais? Elas são verdadeiras?”; “As pessoas têm medo dos botos? Por quê?”; “As pessoas tinham mais medo antigamente? Por que isso mudou?”;

Percepção quanto ao turismo de interação com botos:

- Efeitos sobre Novo Airão: “O turismo para ver botos é bom para Novo Airão? Por quê?”; “É a principal atração turística de Novo Airão?”; “O que o Sr acha dos turistas?”; “A prefeitura contribui satisfatoriamente com o turismo?”;

- Efeitos sobre os botos: “Este turismo é bom pros botos? Por quê?”; “O Sr acha que este turismo mudou a opinião das pessoas de Novo Airão sobre os botos? Como?”;

Intenções e atitudes relacionadas aos botos: “Os botos são importantes para os rios? De que forma eles são importantes?”; “Existe alguma forma do Sr ajudar a conservar os botos? Qual?”.

Foi definido se cada entrevistado tinha ou não relação profissional com o turismo em geral. A definição foi feita com base em suas profissões atual e anteriores e no caso de alguém da família trabalhar com algo relacionado ao turismo, como em hotéis, restaurantes etc. Foram considerados apenas os parentes próximos (pai/mãe, filho, irmãos). Esta informação foi usada nas análises estatísticas, como descrito adiante. Metodologia semelhante foi utilizada por Cruz (1999) em estudo sobre a percepção dos moradores de Soure, Pará, quanto ao turismo desenvolvido no município.

#### *Análise descritiva/qualitativa*

Para os dados obtidos de respostas fechadas foi verificada a frequência relativa. Entre as respostas abertas foram eleitas as mais relevantes, aquelas que expunham idéias claras dos entrevistados, independente de favoráveis ou contrárias, de certas ou erradas. Estas repostas foram dispostas em tabelas. Logo após, as respostas abertas de todos os entrevistados foram padronizadas (respostas semelhantes receberam a mesma denominação) para que pudessem ser agrupadas. Foi feita uma verificação da frequência relativa de cada grupo de respostas e as mais freqüentes foram dispostas em gráficos.

Os gráficos e tabelas apresentados na forma de porcentagem referem-se à quantidade de vezes em que uma resposta foi expressa em relação ao total de respostas àquela pergunta. Isso porque nem sempre o número total de respostas equivalia ao número total de entrevistados (n=111). Certas perguntas não foram respondidas por algumas pessoas ou um mesmo entrevistado deu mais de uma resposta a uma pergunta.

#### *Análise estatística*

Para identificar se o envolvimento dos moradores de Novo Airão com o turismo de interação com botos influencia sua percepção e intenções e atitudes em relação a estes animais, foram atribuídas notas às respostas das entrevistas. Com estes valores foram conduzidos Testes t de Student comparando-se os dois perfis de moradores (aqueles que têm relação com o turismo em geral e aqueles que não têm relação com o turismo em geral).

Para verificar quais características do perfil dos moradores influenciam sua percepção quanto aos botos e quanto ao turismo de interação com botos, foram feitas análises de regressão. As características que compuseram o “perfil dos moradores” e que representaram as variáveis independentes foram: localização da residência (faixa 1 ou 2); sexo; tempo de residência em Novo Airão (em número de anos); relação com o turismo; escolaridade (ensino

fundamental completo, ensino médio completo e nível superior) e se a pessoa já esteve no restaurante flutuante. Às respostas qualitativas foram atribuídos valores 0 ou 1, constituindo variáveis categóricas, como feito por Freitas *et al.* (2006). Como variáveis dependentes foram utilizadas as respostas às perguntas “as pessoas têm medo dos botos?” (na avaliação da percepção quanto aos botos); “este turismo é bom para Novo Airão” e “este turismo é bom para os botos?” (na avaliação da percepção quanto ao turismo de interação com botos). Todas as análises estatísticas foram conduzidas com o software Statistica 6.0 e foi considerado nível de significância de 5%.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **I. Como são os moradores de Novo Airão?**

Dos 111 moradores entrevistados, 40,5% eram homens e 59,5% mulheres. O número maior de pessoas do sexo feminino provavelmente foi devido às entrevistas terem sido executadas durante o dia, predominantemente em horário comercial, período em que muitas mulheres dedicavam-se ao trabalho doméstico enquanto seus maridos trabalhavam fora. Cinquenta e cinco entrevistas foram realizadas na faixa 1, área onde encontra-se o restaurante flutuante e 56 na faixa 2.

As faixas etárias predominantes foram as mais jovens: 31,8% tinham entre 18 e 30 anos e 30,9% entre 31 e 40 anos. As faixas etárias 41 a 50 anos, 51 a 60 anos e 61 a 70 anos apresentaram porcentagens semelhantes: 12,7% as duas primeiras e 9,1% a última. Idosos com mais de 70 anos foram menos entrevistados e compuseram 2,7% das entrevistas (Figura 5). Este mesmo padrão pode ser observado nos dados do IBGE para Novo Airão no ano de 2001: as duas faixas mais jovens representam juntas, aproximadamente 63% da população; as três faixas intermediárias aproximadamente 30% e idosos com mais de 70 anos, aproximadamente 5% (IBGE, 2009).

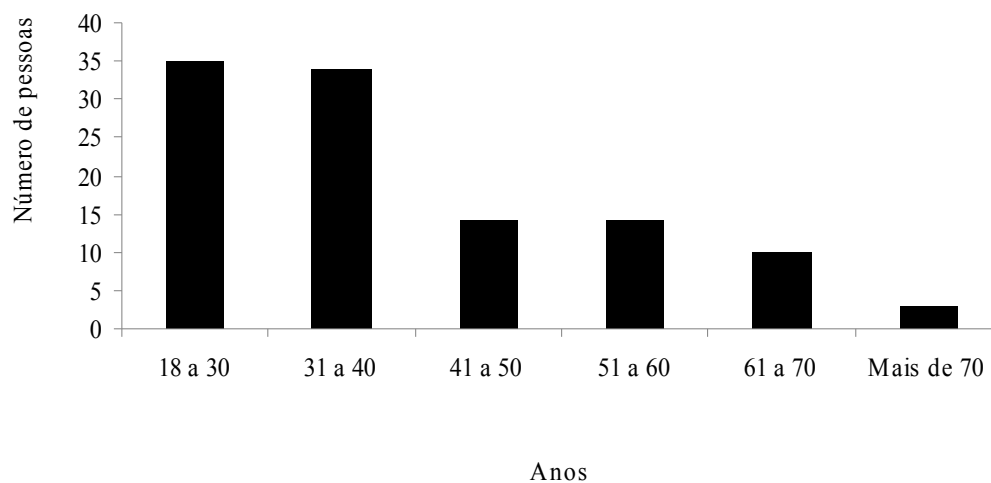


Figura 5. Número de moradores de Novo Airão entrevistados por faixa etária.

A maioria dos entrevistados nasceu em Novo Airão (56,88%) (Tabela 1) e sempre morou no município (Figura 6); 33,9% é originária de outras cidades do Amazonas; 4,6% declarou ter origem em comunidades ribeirinhas dos rios Jaú, Negro, Purus e Solimões e 4,6% é de outros estados brasileiros. Duas pessoas não responderam sobre sua origem.

Em relação às pessoas que não nasceram em Novo Airão, 1,8% moravam na cidade há mais de 40 anos; 8,2% entre 21 e 40 anos; 14,5% entre 11 a 20 anos e 19,1% entre 5 e 10 anos (Figura 6). Estes dados mostram um aumento gradual da migração para Novo Airão nos últimos anos. Porém, é necessário considerar que dados do IBGE mostram que a população de Novo Airão sofreu grande acréscimo entre os anos de 1980 e 1991 seguidos por drástica redução no ano de 2000 e voltando a crescer posteriormente (Moura, 2009). Segundo Barreto Filho (2001) *in* Moura (2009), o crescimento da população de Novo Airão é diferenciado devido à presença de Unidades de Conservação de proteção integral na região. O Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC (Lei N° 9985, de 18 de julho de 2000) define que nesta categoria de UC é permitido apenas o uso indireto dos recursos naturais (Brasil, 2000), o que impossibilita a residência de pessoas em sua área. Quando do estabelecimento de uma UC desse tipo, as pessoas que residiam no local tendem a migrar para a cidade mais próxima, o que pode ter ocasionado o aumento inicial do número de pessoas em Novo Airão. No entanto, mesmo morando em centros urbanos, as pessoas continuam a depender dos recursos naturais, o que possivelmente favoreceu que residentes do município migrassem para outros locais. O fato de a população ter aumentado nos últimos anos, pode indicar o surgimento e fortalecimento de outras atividades econômicas, como o turismo, que vem

ganhando espaço no município. Além disso, o asfaltamento recente da estrada AM 352, que liga as cidades de Manaus, Manacapuru e Novo Airão pode ter contribuído para este processo migratório.

Fenômeno semelhante foi observado por Cruz (1999) em um estudo realizado na Vila do Pesqueiro, município de Soure, Pará. A autora verificou que 59% dos moradores nasceram na vila, mas que muitos outros deixaram o local nos anos que antecederam seu estudo. Apesar desse fluxo migratório, uma parcela significativa de residentes permanecia no local, pois ainda acreditava nas melhorias que poderiam ocorrer com o desenvolvimento da atividade turística.

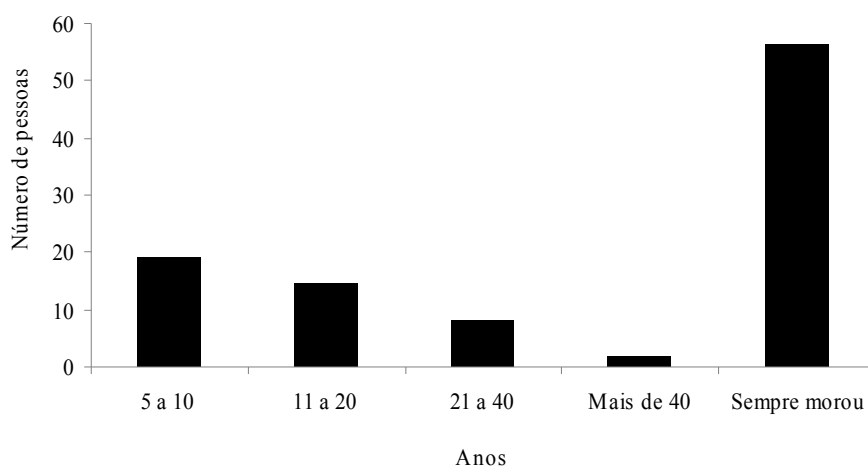


Figura 6. Tempo de residência dos moradores entrevistados em Novo Airão.

Tabela 1. Frequências absoluta e relativa de moradores de Novo Airão entrevistados por local de origem.

|                       | Local de origem     | Nº pessoas | %            |
|-----------------------|---------------------|------------|--------------|
| Municípios (Amazonas) | Barcelos            | 1          | 0,92         |
|                       | Beruri              | 1          | 0,92         |
|                       | Careiro da Várzea   | 2          | 1,83         |
|                       | Coari               | 2          | 1,83         |
|                       | Fonte Boa           | 3          | 2,75         |
|                       | Itacoatiara         | 1          | 0,92         |
|                       | Manacapuru          | 5          | 4,59         |
|                       | Manaquiri           | 1          | 0,92         |
|                       | Manaus              | 15         | 13,76        |
|                       | Moura               | 1          | 0,92         |
|                       | <b>Novo Airão</b>   | <b>62</b>  | <b>56,88</b> |
|                       | Pauini              | 1          | 0,92         |
|                       | Santa Isabel        | 2          | 1,83         |
|                       | Tefê                | 2          | 1,83         |
| Outras localidades    | Rio Jaú             | 2          | 1,83         |
|                       | Rio Negro           | 1          | 0,92         |
|                       | Rio Purus           | 1          | 0,92         |
|                       | (alto) Rio Solimões | 1          | 0,92         |
| Outros estados        | -----               | 5          | 4,59         |
| Total                 | -----               | 109        | 100,0        |



Em relação à escolaridade, 52,2% dos entrevistados não chegou a completar o ensino fundamental (sendo que 9% nunca estudaram e 43,2% apenas iniciaram os estudos). Comparando-se os sexos, há uma diferença favorável às mulheres (Tabela 2).

Tabela 2. Frequências absoluta e relativa de mulheres e homens moradores de Novo Airão entrevistados por nível de escolaridade.

| Escolaridade                  | Mulheres  |              | Homens    |              | Total<br>(mulheres e homens) |              |
|-------------------------------|-----------|--------------|-----------|--------------|------------------------------|--------------|
|                               | Nº        | %            | Nº        | %            | Nº                           | %            |
| Nunca estudou                 | 7         | 11,1         | 3         | 7,5          | 10                           | 9            |
| Ensino fundamental incompleto | 26        | 41,3         | 22        | 55           | 48                           | 43,2         |
| Ensino fundamental completo   | 4         | 6,3          | 4         | 10           | 8                            | 7,2          |
| Ensino médio completo         | 18        | 28,6         | 10        | 25           | 28                           | 25,2         |
| Superior completo             | 8         | 12,7         | 1         | 2,5          | 9                            | 8,1          |
| Não respondeu                 | ----      | ----         | ----      | ----         | 8                            | 7,2          |
| <b>Total</b>                  | <b>63</b> | <b>100,0</b> | <b>40</b> | <b>100,0</b> | <b>111</b>                   | <b>100,0</b> |

As atividades exercidas pelos moradores de Novo Airão estão expressas na Tabela 3. As que mais se destacaram foram “dona de casa” e “comerciante”. Esta última refere-se a pequenos estabelecimentos voltados aos próprios moradores da cidade, como padarias e mercearias. Outros tipos de comércio, maiores, que atendem turistas e outros públicos, foram registrados separadamente, como “pousada”, “restaurante”, “lancheonete”. Porém, não tiveram grande representatividade (menos de 3% das respostas) e por isso estão inclusas na categoria “outras”.

Tabela 3. Principais atividades realizadas pelos moradores de Novo Airão (frequência relativa de entrevistados).

| Atividade           | % de pessoas que a realizam |
|---------------------|-----------------------------|
| Agricultor          | 7                           |
| Artesão             | 5,4                         |
| <b>Comerciante</b>  | <b>14,7</b>                 |
| Doméstica           | 3,4                         |
| <b>Dona de casa</b> | <b>15,5</b>                 |
| Marceneiro          | 7                           |
| Pescador            | 5,4                         |
| Pousada             | 4,6                         |
| Professor           | 4,6                         |
| Outras              | 29,6                        |
| Não respondeu       | 2,3                         |

Quanto ao grau de envolvimento com o turismo, os resultados mostraram que 48% têm relação e que 52% não têm relação com turismo (Figura 7). Apesar de as atividades citadas com maior frequência não terem relação com o turismo (exceto por “artesão”), o fato de quase metade dos entrevistados ter sido incluída no grupo “com relação com turismo” indica que a atividade exerce função importante no município.

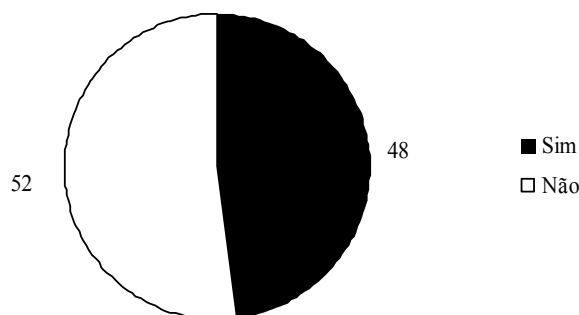


Figura 7. Frequência relativa de moradores de Novo Airão que têm e que não têm relação profissional com o turismo.

Parsons *et al.* (2003) em estudo sobre uma comunidade no oeste da Escócia, identificaram que 47% dos moradores locais estavam envolvidos profissionalmente com a indústria do *whalewatching* local ou com alguma extensão (acomodações, lojas, restaurantes). Dessa maneira, afirmaram que tal atividade é importante para a região. Por outro lado, Cruz (1999) viu que 76% dos moradores da Vila do Pesqueiro, Soure, Pará, não trabalhavam no ramo do turismo e concluiu que a atividade não estava cumprindo seu papel de multiplicadora das oportunidades de trabalho. Isso mostra que as opções e o grau de participação das comunidades no turismo variam com as características e com o nível de organização da atividade em cada local. O importante é que todos, de algum modo, estejam envolvidos (Nelson, 2004 e Swarbrooke, 2000).

Nelson (2004) chama a atenção para a participação de homens e mulheres nas atividades turísticas, que deveria acontecer de forma igualitária. Porém, na Amazônia brasileira, atualmente, homens e mulheres trabalham em funções diferentes com rendas diferentes. Muitas vezes homens são guias, canoeiros, trabalham na construção civil enquanto mulheres trabalham como cozinheiras e camareiras. Geralmente as oportunidades de emprego para os homens são maiores.

Foi perguntado aos moradores, ainda, se já estiveram no restaurante flutuante em visita aos botos. A maioria respondeu “sim” (69%); 30% nunca foram e 1% não respondeu (Figura

8). É interessante notar que um número relativamente alto nunca esteve no flutuante, considerando que o local fica na área do porto da cidade e tem fácil acesso. Entre essas pessoas, 51,5% residem ou trabalham na faixa 1 e 48,5% na faixa 2, mostrando que a distância não pode ser indicada como motivo por nunca terem ido ao local. Uma possível razão pode ser o fato da dona do estabelecimento ser uma pessoa polêmica e controversa na cidade, o que pode afastar algumas pessoas. O fator “sexo” também pode exercer certa influência: do total de mulheres entrevistadas, 38,5% nunca foram ao flutuante, enquanto apenas 17,8% dos homens não o fizeram. Os motivos para essa diferença entre os sexos podem ser diversos. Por exemplo, alguns aspectos culturais ainda são um pouco conservadores no município e possivelmente as mulheres saiam menos de casa do que os homens, tanto para trabalhar como para momentos de lazer. Outro possível aspecto são as lendas e misticismos acerca do boto-vermelho, que na maioria das vezes envolve mulheres.

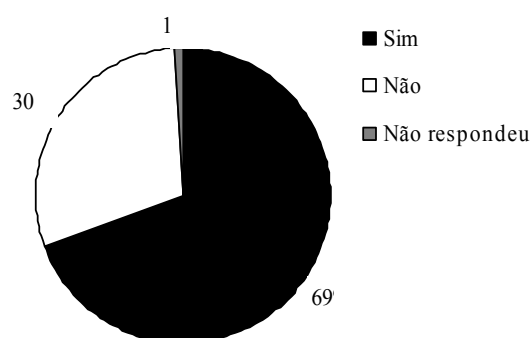


Figura 8. Frequência relativa das respostas dos moradores de Novo Airão à pergunta “você já esteve no restaurante flutuante?”.

## II. O que os moradores de Novo Airão pensam sobre os botos?

### *Descrição da percepção quanto aos botos*

A maioria das respostas acerca da veracidade das histórias sobre os botos foi negativa (38,5%); 29,8% foram afirmativas; 9,6% responderam que “algumas” são verdadeiras e 18,3% preferiram não opinar, respondendo que não sabiam (Tabela 4). Quando questionados sobre quais histórias sobre os botos conheciam, as mais citadas foram as de que o boto “encanta” (21%) e “engravidada” (19,7%). “Vira homem” correspondeu a 16,7% das respostas e as demais histórias foram citadas com frequência menor que 10% (Figura 9). Outras respostas interessantes, embora não frequentes, foram “deixa doida”, “iam pras festas de branco e com chapéu pra esconder o furo na cabeça”, “leva a sombra da pessoa”, “não tomar banho

menstruada porque ele leva a sombra” e “quando homens têm uma gosma no corpo” (Tabela 5).

É interessante notar que a crença quanto à veracidade das histórias sobre os botos varia com a idade: tende a ser maior em pessoas com idade mais avançada e menor em pessoas mais jovens, assim como observado por Barezani (2005) (Figura 10).

Para a pergunta “as pessoas têm medo dos botos?”, 42,3% das respostas foram afirmativas; 36,9% negativas e 15,3% dos entrevistados responderam que “alguns” têm medo. Porém, quase todos os entrevistados (92,8%, Tabela 4) concordaram que o medo era maior antigamente. Esse sentimento é devido, principalmente, a considerarem o boto um animal “malino” (17,8%; Figura 11), ou seja, que não é confiável e que pode fazer maldades. Outras explicações dadas ao medo foram “falavam muitas coisas” (11%) e “lendas” (9,6%). Essas respostas refletem o fato de que as lendas e histórias sobre os botos tinham muita força na região amazônica e, de certa forma, permanecem até hoje no imaginário popular, mesmo daquelas pessoas que vivem em centros urbanos (Barezani, 2005), haja vista a grande variedade de histórias citadas pelos entrevistados de Novo Airão (Tabela 5). É certo que perderam a força com o tempo (Best & da Silva, 1989), mas percebe-se que ainda causam receio. Isso fica nítido ao observarmos algumas respostas da Tabela 5 sobre o porquê do medo dos botos, como “têm lado não confiável”, “fui seguida por um boto”, “Deus me livre de boto”, “quem é que não tem medo dum boto”, “a gente vê cada coisa deles por aí”, que mostram desconfiança destes animais. Outra resposta deixa isso ainda mais claro: “hoje essas coisas não acontecem, a não ser que abuse demais”.

O boto-vermelho é tradicionalmente visto como uma criatura misteriosa, temida e respeitada (Gravena *et al.*, 2008). São muitas as crenças acerca destes animais e uma das mais conhecidas é a de que se transformam em belos rapazes e vão a festas seduzir as moças (Cravalho, 1999). Durante o estudo em Novo Airão, muitas pessoas relataram longas histórias sobre os botos, que alguém lhes contou, que ocorreu com amigos ou parentes ou até mesmo que disseram ter presenciado. Algumas vezes a história era narrada, mas a pessoa dizia não acreditar em parte dela ou não ter certeza se era verdade. Foi possível perceber que muitas pessoas ficaram resistentes em opinar sobre a veracidade das histórias, talvez preocupadas com a impressão que causariam no pesquisador, porém outras chegaram a afirmar categoricamente que eram verdadeiras. De modo geral, as histórias mais fabulosas, que colocam o boto como um ser mágico, foram relatadas com frequência relativamente baixa no universo total dos entrevistados. Pôde-se notar que as pessoas já não acreditam mais tanto neste tipo de história. Porém, outras menos fantasiosas, que consideram o boto um animal,

ainda que misterioso, como: “arrodeiam a canoa”, “malinam das pessoas”, “mulher menstruada não pode ir pra beira” (Tabela 5) ainda têm grande força e são motivo para que muitos moradores de Novo Airão não simpatizem com os animais.

As respostas para o porquê de ter-se perdido parte do medo dos botos são diversas. A mais freqüente foi “antigamente não tinha boto manso” (18,8%; Figura 12). Isso pode mostrar tanto que, por hoje em dia ser mais fácil ver botos e aproximar-se deles (por estarem domesticados) as pessoas começaram a perceber que não são “malinos”, assim como pode indicar que as pessoas perderam o medo apenas dos botos domesticados, mas não daqueles selvagens. Ou seja, pode haver uma distinção na percepção quanto aos botos domesticados e os botos selvagens. As respostas “só os daqui são mansos” e “antigamente acontecia muita coisa que hoje não acontece” (Tabela 5) corroboram com este argumento. Slater (2001), em pesquisa realizada no município de Parintins, Amazonas, verificou que as pessoas distinguem o boto como um animal misterioso e o boto “encantado”, que tem poderes sobrenaturais. Dessa forma, pode ser que em Novo Airão as pessoas tenham perdido parte do medo em relação aos botos comuns, mas não aos possíveis “encantados”.

Outras respostas não freqüentes expressas na Tabela 5 são interessantes e mostram que as pessoas vêem motivos diversos para a perda de parte do medo. Vão desde motivos ligados à crescente urbanização, como “pessoal foi para área urbana”, “por causa da TV” e “as pessoas estão estudando mais” até motivos religiosos, como “é bíblico, começaram a estudar a palavra de Deus e perderam o medo”. Também há motivos comportamentais: “hoje não se ouve os mais velhos”, “existia mais temor nas pessoas”. Apenas um morador relacionou diretamente a perda do medo com o turismo de interação com botos: “virou atração”.

Tabela 4. Freqüências absoluta e relativa das respostas sobre a percepção dos moradores de Novo Airão quanto aos botos-vermelhos.

|                  | Histórias são verdadeiras? |             | As pessoas têm medo dos botos? |             | Tinham mais medo antigamente? |             |
|------------------|----------------------------|-------------|--------------------------------|-------------|-------------------------------|-------------|
|                  | N°                         | %           | N°                             | %           | N°                            | %           |
| Sim              | 31                         | 29,8        | 47                             | <b>42,3</b> | 103                           | <b>92,8</b> |
| Não              | 40                         | <b>38,5</b> | 41                             | 36,9        | 6                             | 5,4         |
| Não sei          | 19                         | 18,3        | --                             | --          | 2                             | 1,8         |
| Alguns           | 10                         | 9,6         | 17                             | 15,3        | --                            | --          |
| Muitos           | --                         | --          | 1                              | 0,9         | --                            | --          |
| Poucos           | --                         | --          | 3                              | 2,7         | --                            | --          |
| Outras respostas | 4                          | 3,8         | 2                              | 1,8         | --                            | --          |
| Total            | 104                        | 100,0       | 111                            | 100,0       | 111                           | 100,0       |

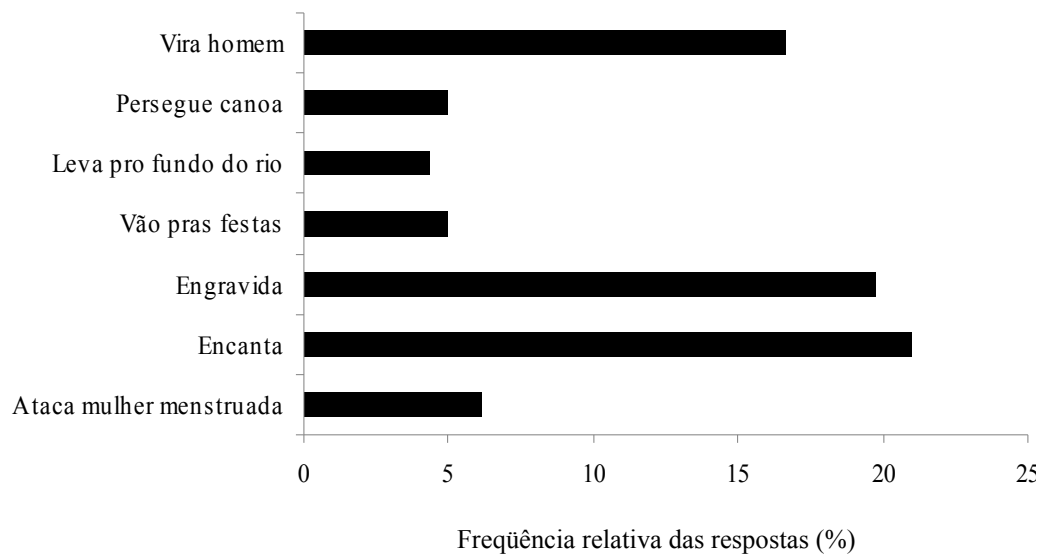


Figura 9. “Histórias sobre os botos” citadas pelos moradores de Novo Airão com frequência relativa maior que 4%.

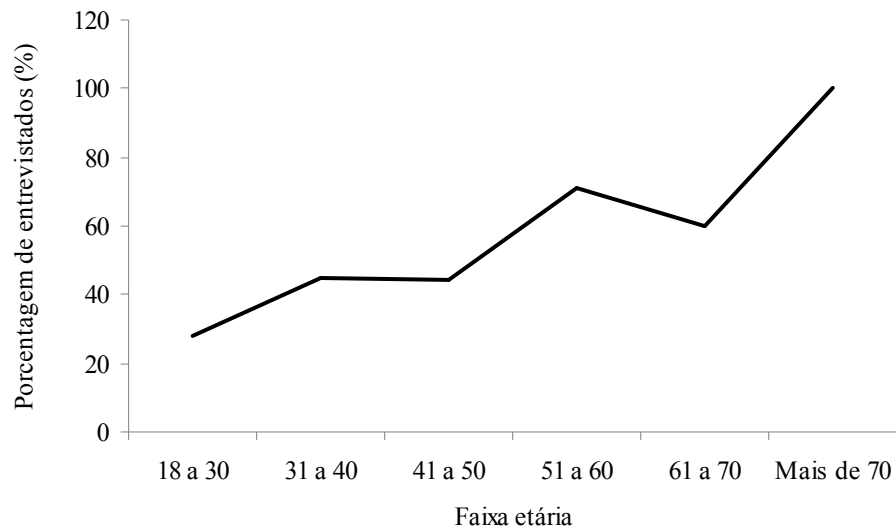


Figura 10. Porcentagem de moradores de Novo Airão entrevistados por faixa etária que acredita que as histórias sobre os botos são verdadeiras.

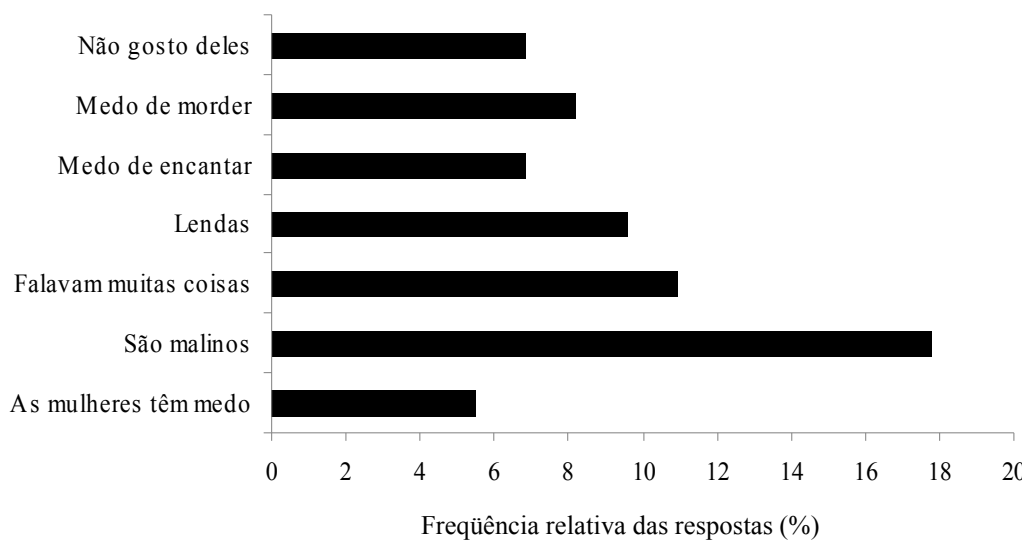


Figura 11. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que as pessoas têm medo dos botos” citadas com frequência relativa maior que 5%.

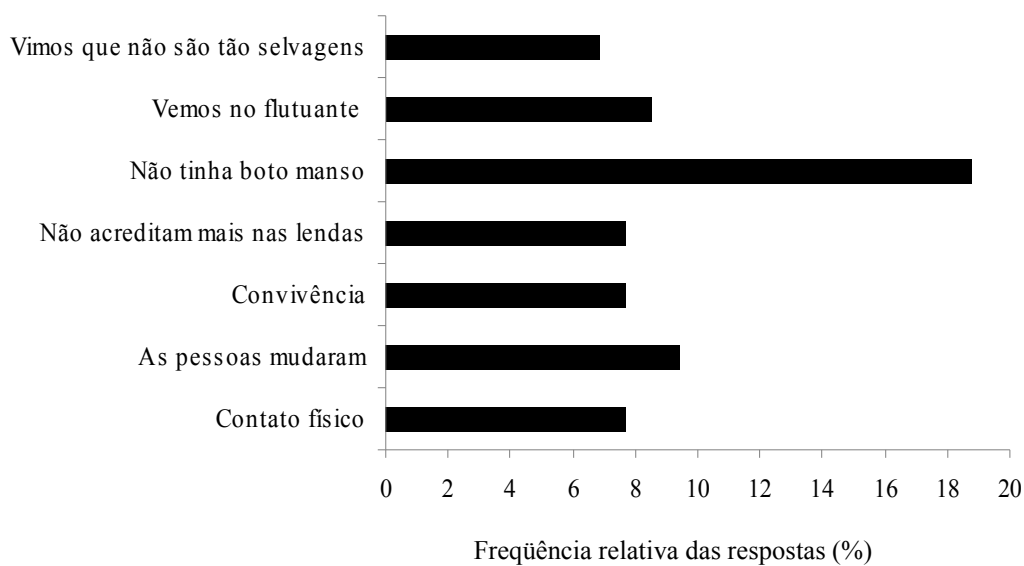


Figura 12. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que perdeu-se parte do medo” citadas com frequência relativa maior que 6%.

Tabela 5. Respostas originais relevantes às perguntas sobre a percepção dos moradores de Novo Airão quanto aos botos.

| Histórias sobre os botos   | Por que as pessoas têm medo dos botos | Por que se perdeu parte do medo                                    |
|--|---------------------------------------|--|
| Arrodeiam canoa  | A gente vê cada coisa deles por aí    | Antigamente acontecia muita coisa que hoje não acontece            |
| Borbulham  | Deixei de ir à praia por causa deles  | Mudou o tratamento com os animais                                  |
| Colocar alho e faca enfiada na canoa quando vem boto                 | Deus me livre de boto                 | As pessoas estão estudando mais                                    |
| Dão espirro medonho  | Dos daqui não tenho tanto medo        | A ciência desenvolveu  |
| Deixa doida  | É agressivo quando não é domado       | É bíblico, começaram a estudar a palavra de Deus e perderam o medo |
| Matam gente  | É feio, grande, vermelhão             | Existia mais temor nas pessoas                                     |
| Hoje não acontece, a não ser que abuse demais                        | Passa por baixo da canoa borbulhando  | Hoje não se houve os mais velhos                                   |
| Iam pras festas de branco e com chapéu pra esconder o furo na cabeça | Ataca                                 | Hoje se anda de barco maior  |
| Levam a sombra da pessoa   | Rasga malhadeira e tira peixe         | Ficou conhecido  |
| Levam a pessoa pro fundo do rio                                      | Tem lado não confiável                | Não é medo, é respeito   |
| Malinam das pessoas  | Fui seguida por um boto               | Pessoal foi para área urbana                                       |
| Menina virgem não pode ir pra beira                                  | Medo de engravidar                    | Por causa da TV  |
| Mulher chama boto  | Medo de levar                         | Quebra do tabu   |
| Mulher menstruada não pode ir pra beira                              | Não me dou muito com boto             | Só os daqui são mansos   |
| Não tomar banho menstruada porque eles levam a sombra                | As pessoas não têm intimidade com ele | Virou atração  |
| O vermelhão comia gente  |                                       |  |
| Quando homens têm uma gosma no corpo                                 | Pode comer a gente                    |  |
| Querem pular na canoa  | Quem é que não tem medo dum boto      |  |
| Seduzem as moças   | Tem focinho medonho                   |  |
| Viram homem  | Tenho nojo, é pitiú e pegajoso        |  |

*O envolvimento com o turismo influencia a percepção quanto aos botos?*

O resultado do Teste t não foi significativo. Isso mostra que o fato das pessoas terem algum envolvimento com a atividade turística no município não pode ser indicado como influente para que as pessoas tenham ou não medo dos botos.

Na análise de regressão logística o modelo gerado foi significativo ( $p = 0,0017$ ). De acordo com os resultados obtidos, pode-se explicar em até 26,21% ( $R^2$ ) as respostas sobre a percepção quanto aos botos. Uma única variável do perfil, “sexo”, explica em até 22,01% ( $R^2$ ) o fenômeno e é a única que o afeta significativamente ( $p = 0,0001$ ) (Tabela 6).



Tabela 6. Resultado da regressão logística tendo como variável dependente a percepção quanto aos botos (medo dos botos). (NA= Novo Airão).

| Variáveis independentes      | Coefficiente  | p             | Varição R <sup>2</sup> |
|------------------------------|---------------|---------------|------------------------|
| Localização da residência    | -0,2593       | 0,6464        | 0,12%                  |
| <b>Sexo</b>                  | <b>2.1553</b> | <b>0,0001</b> | <b>22,01%</b>          |
| Tempo de residência em NA    | 0,0335        | 0,0835        | 2,48%                  |
| Relação com turismo          | -0,3660       | 0,5038        | 0,27%                  |
| Esteve no flutuante          | -0,0248       | 0,9652        | 0,00%                  |
| Escolaridade 1 (fundamental) | 0,8508        | 0,3623        | 0,79%                  |
| Escolaridade 2 (médio)       | -0,4378       | 0,6646        | 0,36%                  |
| Escolaridade 3 (superior)    | -0,6584       | 0,5996        | 0,18%                  |
| Total                        | -----         | -----         | 26,21%                 |

Comparando-se as porcentagens de respostas fechadas entre os sexos para a pergunta “as pessoas têm medo dos botos”, este resultado fica ainda mais evidente: 72,55% das mulheres entrevistadas responderam “sim”, enquanto apenas 27,03% dos homens deram a mesma resposta (Tabela 7).

Tabela 7. Frequência relativa de homens e mulheres nas respostas à pergunta “as pessoas têm medo dos botos?”

|     | Mulheres (%) | Homens (%) |
|-----|--------------|------------|
| Sim | 72,55        | 27,03      |
| Não | 27,45        | 72,97      |

A explicação para isso provavelmente envolve a cultura regional, pois são muitos os mitos que colocam as mulheres como principais “vítimas” dos botos encantados.

### III. O que os moradores de Novo Airão pensam sobre o turismo de interação com botos?

#### *Descrição dos efeitos sobre Novo Airão*

A maioria dos entrevistados considerou que o turismo de interação com botos é bom para Novo Airão (81,1%) e que é a principal atração turística do município (82,9%) (Tabela 8). Quando questionados sobre o que este turismo gera a Novo Airão, os que o consideraram positivo responderam com maior frequência “traz turistas” (19,1%). Outras respostas positivas frequentes foram “beneficia pousadas, restaurantes e bares”, “movimenta a cidade”, “faz circular dinheiro”, “ajuda a economia de Novo Airão” e “divulga Novo Airão”. Os entrevistados que o consideraram negativo ou que responderam não saber se este turismo é bom para a cidade, disseram com maior frequência “é bom só pra dona do flutuante” (14,1%). Outras respostas frequentes foram “não sei”, “não traz nada pra cidade” e “não participo” (Figura 14), que evidenciam que estas pessoas não têm envolvimento com o turismo com

botos ou, pelo menos, não se sentem beneficiadas de nenhuma forma. Da mesma maneira, as respostas positivas referiram-se, em geral, a aspectos do próprio turismo, ou seja, o turismo de interação com botos beneficia a própria atividade turística e pessoas ligadas a ela, gerando pouco ou nenhum efeito positivo a outras pessoas e outras atividades. Isso é afirmado por Butler (1991) *in* Wearing & Neil (2001): em raras ocasiões os benefícios são uniformes em relação aos que estão envolvidos na indústria turística. Dessa maneira, a percepção dos moradores de Novo Airão demonstra que o turismo de interação com botos é benéfico apenas a ele mesmo e a outros segmentos do turismo.

É interessante que não foi resposta positiva freqüente a “geração de empregos”, citada em diversos trabalhos (Cruz, 1999; Amazonas, 1999). Wearing & Neil (2001) ressaltam que este é um dos mais óbvios e imediatos benefícios gerados pelo turismo para as comunidades, sejam empregos diretamente relacionados ao turismo (como em hotéis e restaurantes), indiretamente relacionados (fornecedores dos primeiros, como outros tipos de comércio, ramo de alimentos) ou induzidos (gerados pela crescente capacidade de consumo dos residentes locais); apesar de não gerar quantidades expressivas de emprego.

Na Vila do Pesqueiro, Pará, Cruz (1999) identificou que os moradores acreditavam que o turismo era benéfico para a vila, apesar de quase metade concordar que gerava poucos benefícios em relação ao que era esperado. Com isso, concluiu que a maioria dos residentes estava afastada do processo de planejamento e discussão da atividade turística e que não era beneficiada com empregos, mesmo sabendo do poder de articulação do turismo. Stone & Wall (2003) e Lepp (2007) identificaram o mesmo problema em seus estudos: apesar dos limitados benefícios socioeconômicos, a maioria dos moradores era otimista em acreditar que o crescimento do turismo geraria benefícios à comunidade. Segundo os autores, isso caracteriza um estágio inicial do desenvolvimento do turismo. O mesmo parece ocorrer em Novo Airão: as pessoas acreditam no turismo, apesar de poucos estarem beneficiando-se. Contudo, o processo poderia estar mais avançado, pois muitos empregos diretos, indiretos e induzidos poderiam ser gerados, assim como a multiplicação dos benefícios de modo a favorecer mais pessoas, se houvesse maior ordenamento do turismo no município.

Neste ponto, foi perguntado aos moradores sobre a atuação da prefeitura em relação ao turismo. Mais da metade (56%) percebeu que a atuação não é satisfatória e apenas 28% consideraram o contrário. Um número relativamente grande (11%) respondeu “não sei” e 5% responderam “mais ou menos” (Figura 14). De fato, é nítido que não há forte organização do segmento turístico, sendo este subaproveitado.

Novo Airão se expõe para o mundo como “pólo de ecoturismo”. No entanto, considerando os conceitos do ecoturismo, vemos que a cidade não se enquadra nessa categoria, assim como avaliado por Cruz (1999) na Vila do Pesqueiro, Pará. O turismo atualmente proporcionado por Novo Airão pode ser considerado como “turismo de natureza”, ou seja, aquele tradicional praticado em áreas naturais. No modelo de ecoturismo, há pré-condições básicas a existir num local para sua implantação (WWF, 2001). Uma delas é que o ambiente político e econômico seja relativamente estável, com um nível de segurança adequado para a visitação turística. No caso de Novo Airão, esta pode ser uma das raízes para o mau ordenamento. O ambiente político não é nada estável. Entre os anos de 2004 e 2008, a cidade trocou de prefeito 14 vezes devido a brigas políticas e foi notícia em diversos jornais do Amazonas e sítios da internet (Anônimo, 2008).

Outra pré-condição é a existência de mais atrativos, o que encoraja os turistas a ficarem na região por mais tempo (WWF, 2001; Nelson, 2004). Isto não falta a Novo Airão, haja vista a diversidade de respostas dos moradores quanto a este assunto, como o Parque Nacional de Anavilhanas e o Parque Nacional do Jaú (Tabela 9). Contudo, o mau ordenamento e planejamento do turismo local dificultam o trânsito de turistas pelos outros atrativos.

Assim, é grande o potencial de Novo Airão realmente tornar-se um pólo de ecoturismo. Porém, muitos aspectos estruturais e de ordenamento devem ser reavaliados e transformados, a começar por uma política municipal de turismo consistente, que possa ter continuidade e que envolva os moradores nos momentos de definição e operacionalização (Cruz, 1999).

Tabela 8. Frequências absoluta e relativa das respostas sobre a percepção dos moradores de Novo Airão quanto aos efeitos do turismo de interação com botos para o município.

|         | Este turismo é bom para Novo Airão? |             | É a principal atração de Novo Airão? |             |
|---------|-------------------------------------|-------------|--------------------------------------|-------------|
|         | N°                                  | %           | N°                                   | %           |
| Sim     | 90                                  | <b>81,1</b> | 92                                   | <b>82,9</b> |
| Não     | 7                                   | 6,3         | 16                                   | 14,4        |
| Não sei | 14                                  | 12,6        | 3                                    | 2,7         |
| Total   | 111                                 | 100         | 111                                  | 100         |

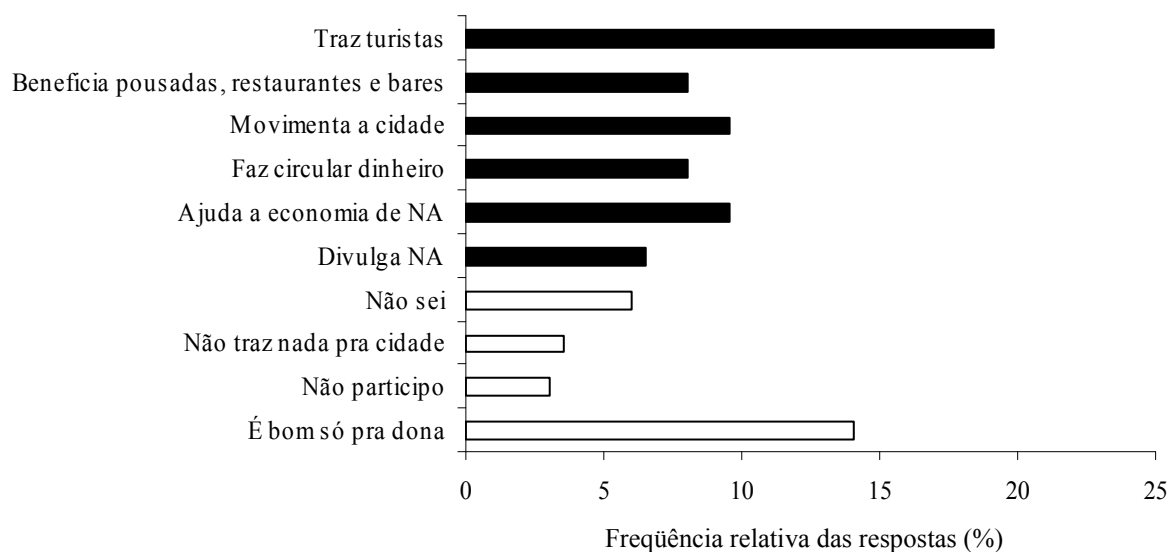


Figura 13. Respostas dos moradores de Novo Airão para “o que o turismo de interação com botos gera para Novo Airão” citadas com frequência relativa maior que 3%. Barras pretas representam respostas positivas e brancas, negativas (NA= Novo Airão).

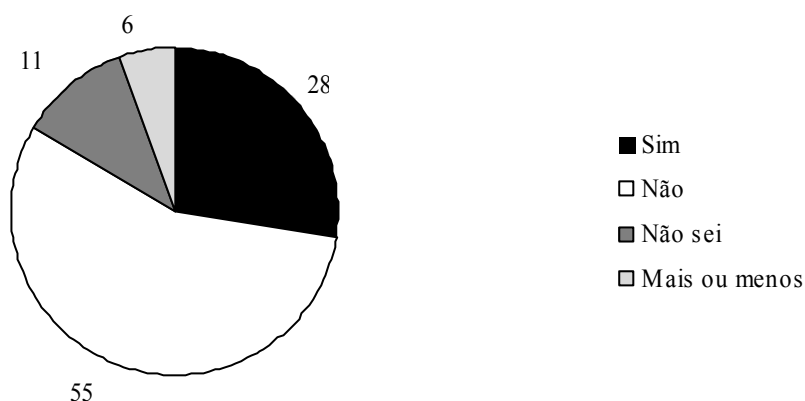


Figura 14. Frequência relativa das respostas dos moradores de Novo Airão sobre a satisfação quanto à atuação da prefeitura da cidade em relação ao turismo.

Em relação aos turistas, a maioria considerou que eles “respeitam a cidade” (24,3%) (Figura 15). Muitas respostas referiram-se a aspectos econômicos, entre as quais não houve consenso: “deixam ajuda financeira”, “deixam pouco dinheiro”, “brasileiros deixam dinheiro”, “os de Manaus não deixam dinheiro”. Houve muitas respostas positivas, como “ajudam os moradores” e “respeitam mais que os moradores”, mas também negativas, como “muitos usam droga e tomam banho pelados”, “podem trazer doenças pras pessoas daqui”, “deixam lixo na beira” e “são meio mal educados” (Tabela 9). A superficialidade da resposta mais citada (“respeitam a cidade”) bem como a contradição entre as respostas evidenciam o que afirmam Mathieson & Wall (1982) *in* Dias (2003): o relacionamento entre turistas e população local costuma caracterizar-se por ser transitório, de curta duração e, por isso,

superficial. Isto foi sentido durante as entrevistas, pois muitas pessoas ficavam sem saber o que responder quando questionadas sobre o que pensavam a respeito dos turistas.

Cabe destacar que muitos moradores associaram turistas a lixo. Em outros locais esta também é uma das principais conseqüências negativas percebidas por moradores, como descrito nos trabalhos de Cruz (1999), Figueiredo (2000), Wearing & Neil (2001) e Drumm & Moore (2003).

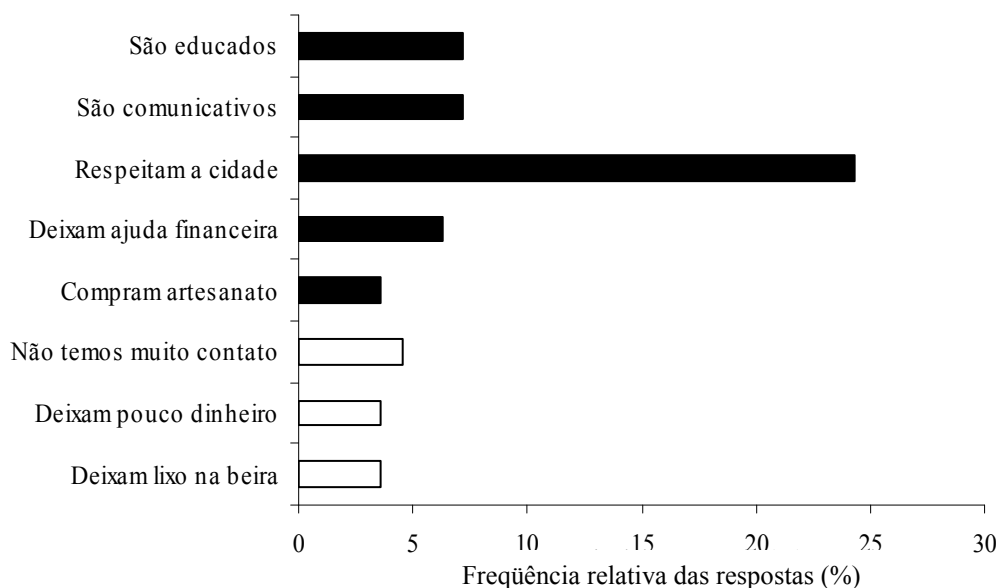


Figura 15. Respostas dos moradores de Novo Airão para “como é o comportamento dos turistas” citadas com frequência maior que 3%. Barras pretas representam respostas positivas e brancas, negativas.

Tabela 9. Respostas originais relevantes dos moradores de Novo Airão às perguntas sobre a percepção quanto turismo de interação com botos (NA= Novo Airão).

| Conseqüências para NA   | Comportamento dos turistas                         | Outras atrações de NA |
|---|--|-----------------------|
| A cidade ficou mais estruturada                                       | Ajudam os moradores                                | Artesanato            |
| A mulher diz que é dona dos botos mas deveria ser de todo o município | Ajudam os moradores a valorizar as próprias coisas | Balneário Mato Grosso |
| Falta infra-estrutura e investimento pro turismo                      | Brasileiros deixam dinheiro                        | Banhos                |
| Gera emprego  | Deixam ajuda financeira                            | Dinossauro            |
| Não é bom ganhar dinheiro com a natureza                              | Estrangeiros são mais educados                     | Festival do peixe-boi |
| Não gera renda pro município  | Respeitam mais que os moradores                    | Hotéis de selva       |
| Não participo   | Alguns são bagunceiros                             | PN Anavilhanas        |
| Traz alegria pro povo   | Deixam lixo na beira                               | PN Jaú                |
| Turistas compram artesanato   | Deixam pouco dinheiro                              | Sítios arqueológicos  |
| Turistas de Manaus gastam   | Estrangeiros não deixam dinheiro                   | Praias (na seca)      |
| É a única atração de NA   | Estrangeiros só deixam lixo                        | Rio Negro             |
|   | Muitos usam droga e tomam banho pelados            | Serpentário           |
|   | Não dão ajuda ao município                         | Trilhas               |
|   | Os de Manaus jogam lixo na beira                   |                       |
|   | Os de Manaus não deixam dinheiro                   |                       |
|   | Podem trazer doenças pras pessoas daqui            |                       |
|   | São meio mal educados                              |                       |
|   | Só tiram foto                                      |                       |

### *Descrição dos efeitos sobre os botos*

A maioria dos moradores entrevistados (60,4%) disse acreditar que a atividade turística de interação com botos seja boa para os animais (Tabela 10). O motivo mais citado foi: “eles têm alimentação” (20,7%) (Figura 16). Ou seja, acreditam que o fato dos animais receberem alimentação torna a atividade benéfica a eles. No entanto, uma porcentagem considerável de pessoas respondeu que este turismo “não” (22,5%) é bom pros botos ou que não sabia responder (15,3%) (Tabela 10). Entre as respostas negativas, a mais freqüente foi “ficaram dependentes, não querem mais pescar” (15,4%) (Figura 16). Outras respostas freqüentes representaram aspectos positivos de fato, como “hoje não se mata” (9,8%) e “divulgação dos botos” (5,6%), que podem refletir em ações mais voltadas à conservação dos animais. Vale ressaltar, ainda, que 6,3% das respostas compararam benefícios aos botos e à dona do flutuante, onde a conclusão é de que apenas ela sai ganhando (“é bom só pra dona”) (Figura 16). Os resultados de Novo Airão se assemelham ao padrão geral encontrado por Scott & Parsons (2005), em pesquisa realizada em uma localidade do oeste da Escócia onde ocorrem atividades de *whalewatching*: mais da metade dos residentes consideravam que estas atividades não apresentavam problemas aos cetáceos, enquanto uma minoria as considerava uma ameaça.

Algumas respostas positivas não freqüentes, como “eles brincam”, “quanto mais gente, melhor são tratados”, “se não fosse bom, não viriam tantos” e “são livres” (Tabela 11) mostram a falta de esclarecimento dos moradores sobre hábitos gerais dos animais e sobre a realização da atividade. Tais declarações, apesar de consideradas positivas pelos moradores, colocam os botos sob uma visão antropizada e podem representar perigo a eles. Por exemplo, um grande número de pessoas no flutuante não significa que serão bem tratados, podendo ocorrer até mesmo o contrário: sofrerem por estresse devido à grande concentração de pessoas (Samuels *et al.*, 2003). Da mesma forma, o fato dos botos receberem alimentação em abundância pode-lhes ser prejudicial, apesar de parecer algo muito bom sob a ótica humana. Isso corrobora com a afirmação de Cruz (1999) de que as interferências do turismo no meio natural não são claras para os residentes, em virtude da falta de esclarecimentos quanto aos danos que certas atividades podem causar. Por isso, o processo educativo é de fundamental importância para o desenvolvimento individual e coletivo, na busca de uma formação integral e crítica em relação às questões ambientais, especialmente as voltadas ao turismo, como no caso de Novo Airão (Figueiredo, 2000).

Em relação às conseqüências negativas mencionadas não freqüentemente, estão possíveis impactos ecológicos, como “tira do hábitat natural” e “atrapalha a cadeia alimentar”

e impactos físicos sobre os animais, como “estão machucados e estressados” e “malinam muito deles”. Também foram citados aspectos sanitários: “não é bom ter tanto contato com o homem” e “a água está contaminada” (Tabela 11).

Grande parte dos moradores (77,7%) disse que o turismo de interação com botos ajudou-lhes a mudar a visão que tinham do animal. A resposta aberta mais freqüente, “ensinavam errado” (46,1%), assim como “acreditávamos nas lendas” (13,2%) e “ficaram civilizados” (3,3%) estão relacionadas principalmente às histórias que envolvem os botos e mostram que conceitos a respeito do animal foram mudados. Um tipo de resposta freqüente bastante interessante talvez possa explicar o porquê dessa mudança: “era um mito, agora dá pra ver” (6,6%). “Passaram a valorizá-los” (3,3%) provavelmente é explicada pela resposta “vimos que beneficia Novo Airão” (4,4%) (Figura 17). Neste ponto, a percepção dos moradores corrobora com a afirmação de Dias (2003). O autor coloca que o turismo pode prejudicar os animais selvagens na medida em que pode afetar hábitos de alimentação e perturbar padrões de reprodução; por outro lado, pode ser benéfico para a vida selvagem quando lhe confere um valor econômico, o que oferece motivação para sua conservação.

Tabela 10. Freqüências absoluta e relativa das respostas dos moradores de Novo Airão sobre a percepção quanto aos efeitos do turismo de interação com botos para os animais.

|               | Este turismo é bom pros botos? |             | Mudou a opinião sobre os botos? |             |
|---------------|--------------------------------|-------------|---------------------------------|-------------|
|               | N                              | %           | N                               | %           |
| Sim           | 67                             | <b>60,4</b> | 80                              | <b>77,7</b> |
| Não           | 25                             | 22,5        | 18                              | 17,5        |
| Não sei       | 17                             | 15,3        | 1                               | 1,0         |
| Mais ou menos | --                             | --          | 4                               | 3,9         |
| Outros        | 2                              | 1,8         | --                              | --          |
| Total         | 111                            | 100,0       | 103                             | 100,0       |

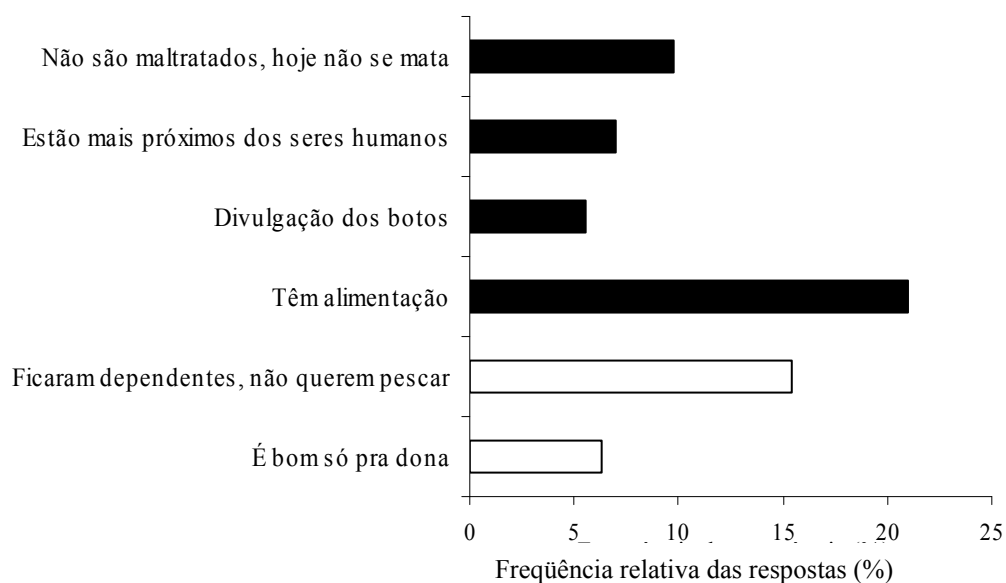


Figura 16. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que o este turismo é bom/ruim pros botos” citadas com frequência maior que 5%. Barras pretas representam respostas positivas e brancas, negativas.

Tabela 11. Respostas originais relevantes dos moradores de Novo Airão sobre as conseqüências positivas e negativas do turismo de interação com botos para estes animais.

| Conseqüências para os botos            |   |
|--|---|
| Positivas                              | Negativas                               |
| Eles brincam                           | A água está contaminada                 |
| São divulgados                         | Atrapalha a cadeia alimentar            |
| É um meio de preservar                 | É bom só pra quem vai ver               |
| Estão mais próximos dos seres humanos  | Não é bom ter tanto contato com o homem |
| Não são maltratados, hoje não se mata  | Estão machucados e estressados          |
| Mal não faz                            | Malinam muito deles                     |
| Quanto mais gente, melhor são tratados | Não recebem nada em troca               |
| São adorados                           | Tira do hábitat natural                 |
| São livres                             | Só vale a pena se tiver turistas        |
| Se não fosse bom, não viriam tantos    |   |
| Traz gente de fora para pesquisar      |   |
| Vendo, as pessoas perdem o medo        |   |



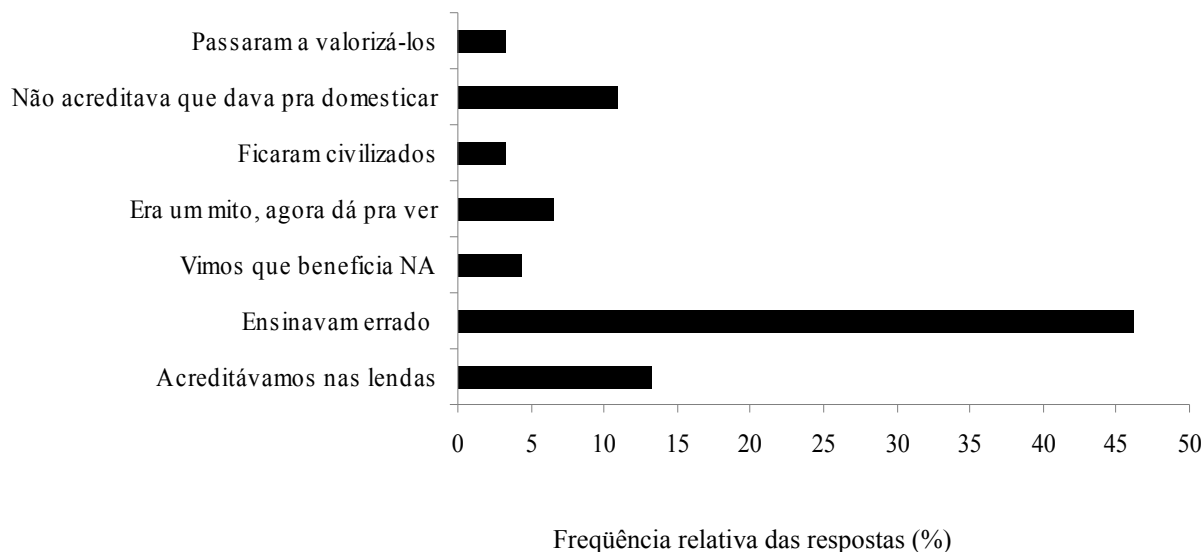


Figura 17. Respostas dos moradores de Novo Airão para “este turismo mudou a opinião das pessoas de Novo Airão sobre os botos?” citadas com frequência maior que 3%.

*O envolvimento com o turismo influencia a percepção quanto ao turismo de interação com botos?*

O Teste t de Student comparando repostas de moradores que têm relação com o turismo e que não têm relação quanto à percepção sobre o turismo de interação com botos não teve resultado significativo.

O modelo gerado na análise de regressão não foi significativo e, portanto, não pode explicar a percepção dos moradores. Nenhuma das variáveis do perfil foi significativa, nem mesmo o envolvimento com o turismo no município, o que corrobora com o resultado encontrado no Teste t, que mostra que este fator não influenciou a percepção dos moradores de Novo Airão. Estes resultados contrariam os achados de Howard & Parsons (2006) que verificaram diferenças na percepção quanto ao turismo entre pessoas de diferentes categorias de trabalho: profissionais, aposentados e pessoas que não trabalham (estudantes, donas-de-casa e desempregados).

**IV. Quais são as intenções e atitudes dos moradores de Novo Airão em relação à conservação dos botos-vermelhos?**

*Descrição das intenções e atitudes dos moradores em relação aos botos*

Quase todos os entrevistados (97,2%) consideraram importante conservar os botos, porém, somente 70,8% disseram que poderiam contribuir de alguma forma (Tabela 12). O motivo mais citado para a importância da conservação foi “não fazem mal a ninguém”

(19,6%). Esta resposta não explica a importância da conservação, apenas dá um motivo para que não se mate os botos, segundo a visão dessas pessoas. A resposta “tem que matar só os bichos que fazem mal pra gente, que nem cobra, jacaré, onça”, expressa na Tabela 13 e “não necessitamos pra nada” (que teve frequência de 4,1%, Figura 18) corroboram com o exposto.

Outra explicação frequentemente citada ao porquê da conservação foi “fazem parte da natureza” (13,5%), mais voltada ao aspecto ecológico, assim como “fazem parte do ecossistema” (5,4%). A afirmação “todos os animais devem ser conservados” (8,1%) constitui um tipo de “resposta pronta”, mas sem fundamento (Figura 18). O mesmo ocorre com as frases “tenho certeza que ele tem suas devidas funções”, “todo vivente quer viver” e “não pode destruir o que Deus deixou” (Tabela 13).

Ainda, uma porcentagem relativamente alta de pessoas respondeu “é a atração turística de Novo Airão” (10,8%) (Figura 18) e, portanto, consideram importante conservar os botos para que se mantenha o turismo. Respostas menos frequentes também mostram isso, como “eles têm importância, senão não vinha turista de longe” e “ajuda a divulgar Novo Airão, que é muito esquecida”. Outras respostas relataram outras “funções” dos botos, como “podem até salvar gente”, “espanta as feras” (*i.e.* animais como jacaré, cobra) e “eles preservam os rios”. Ainda, duas pessoas responderam que os botos do flutuante devem ser preservados, mas os do rio não, e que eles mesmos chegam a matar botos durante atividades de pesca: “tem que preservar porque é bichinho bonito, os daqui; os do rio não são agradáveis, a gente mata” (Tabela 13).

Quanto à forma de contribuição, a resposta mais citada foi “não malinar deles e não deixar que malinem”, ou seja, não fazer mal a eles e não deixar que outras pessoas o façam (33,3%) (Figura 19). Se considerarmos os botos em geral (não apenas os que frequentam o flutuante, mas também os demais), tal resposta pode indicar que práticas danosas aos animais podem ocorrer. Apesar de em Novo Airão não haver uma matança de botos reconhecida, como ocorre em outros locais do Amazonas (da Silva & Martin, 2007), o fato dos moradores indicarem como principal contribuição que poderiam oferecer ser a coibição a maus-tratos pode evidenciar que tais práticas vêm ocorrendo. Uma resposta da Tabela 13 deixa claros os perigos aos botos durante a pesca: “não fazer mal a eles na pesca”. Por outro lado, se entendermos que a coibição a maus-tratos refere-se apenas aos botos do flutuante, pode indicar que estas ações danosas ocorrem durante as visitas e no entorno do flutuante, como as pessoas que “brincam” com os botos dando-lhes bebidas e agarrando-lhes para nadar junto com eles. A resposta pode, ainda, ser simplesmente a mais óbvia e mais fácil de ser respondida de imediato e, por isso, tão frequente.

É interessante que 5,4% das respostas foram “não tenho contato”. Outros 5,4% foram “deixar eles tranquilos” (Figura 19). Estas respostas mostram que, provavelmente, as pessoas que as relataram não vêem como podem ajudar a conservar os botos. Outras, citadas com menor frequência, mostram que algumas pessoas não gostam do animal e não contribuiriam com a conservação: “não gosto deles e não tenho tempo”, “ele pra lá e eu pra cá” (Tabela 13).

Algumas respostas falam de formas mais efetivas de contribuição: “não poluir o rio” (11,7%), “não jogar lixo no rio” (9%) e “conscientizar as pessoas” (7,2%) (Figura 19). O mesmo é visto em respostas não frequentes: “dou palestras sobre preservação para meus alunos”, “converso com meus filhos para não jogarem lixo no rio, não poluir” (Tabela 13).

Tabela 12. Frequências absoluta e relativa de respostas dos moradores de Novo Airão sobre suas intenções e atitudes quanto à conservação dos botos.

|         | É importante conservar os botos? |             | Você pode contribuir de alguma forma? |             |
|---------|----------------------------------|-------------|---------------------------------------|-------------|
|         | N                                | %           | N                                     | %           |
| Sim     | 106                              | <b>97,2</b> | 75                                    | <b>70,8</b> |
| Não     | ---                              | ---         | 26                                    | 24,5        |
| Não sei | 3                                | 2,8         | 5                                     | 4,7         |
| Total   | 109                              | 100         | 106                                   | 100,0       |

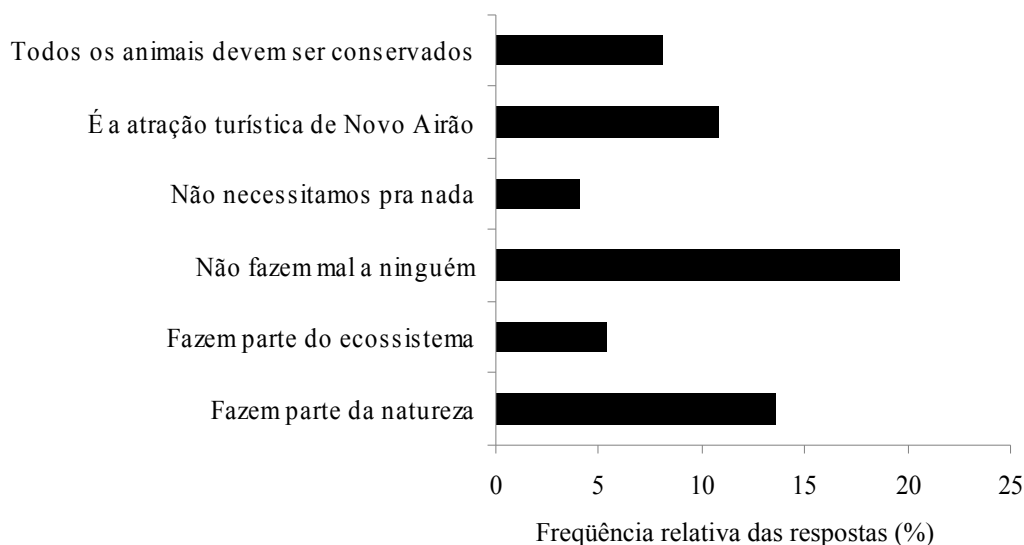


Figura 18. Respostas dos moradores de Novo Airão para “por que é importante conservar os botos” citadas com frequência relativa maior que 4%.

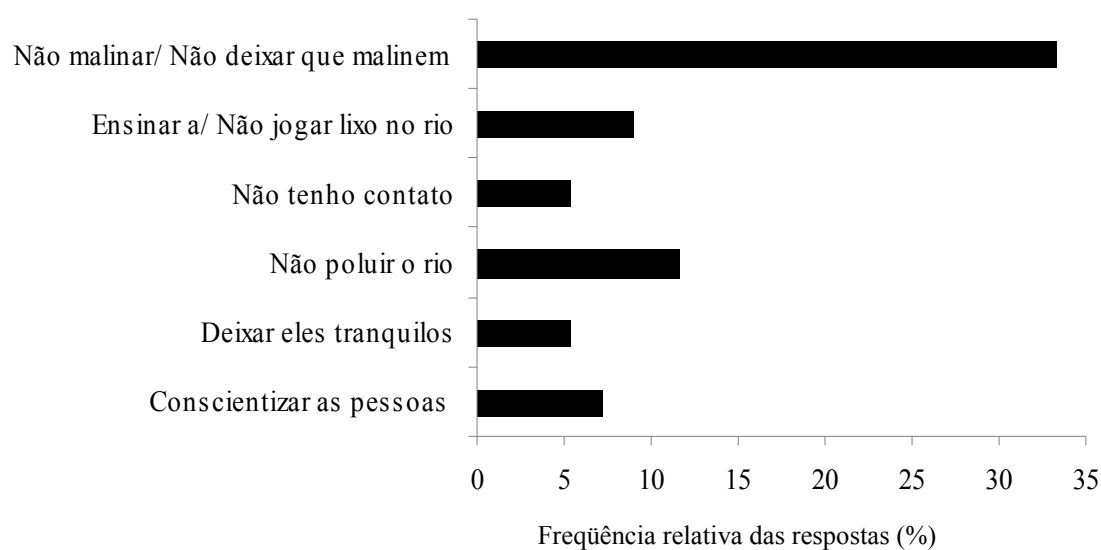


Figura 19. Respostas dos moradores de Novo Airão para “como você pode contribuir na conservação dos botos” citadas com frequência relativa maior que 5%.

Tabela 13. Respostas originais relevantes dos moradores de Novo Airão quanto as intenções e atitudes relacionadas à conservação dos botos.

| Porque é importante conservar os botos  | Como você pode contribuir   |
|---|---|
| Manter o equilíbrio e a cadeia alimentar  | Ensinando a preservação aos outros  |
| É sempre bom preservar  | Não gosto deles e não tenho tempo   |
| Tenho certeza que ele tem suas devidas funções                                  | Conscientizando sobre as lendas   |
| Porque é bichinho bonito (os daqui). Os do rio não são agradáveis, a gente mata | Conversando tem como tirar o preconceito  |
| Eles têm importância, senão não vinha turista de longe                          | Não deixando afastarem eles daí   |
| Ele serve até para indicar onde tem peixe                                       | A partir da informação, para entender que preservar é responsabilidade nossa                |
| Podem até salvar gente  | Usando motor de 4 tempos que polui menos  |
| Só ouvi dizer que só uma pessoa comia boto, ninguém mais                        | Deixando eles tranquilos lá   |
| Traz muita coisa pra cidade   | Moro longe  |
| Eles preservam os rios  | Conscientizando a população da importância deles pro município                              |
| São um peixe, não fazem mal   | Não fazer mal a ele na pesca  |
| Estão em extinção   | Não deixando malinar  |
| É animação pro povo   | Converso com meus filhos para não jogarem lixo no rio, não poluir                           |
| Pelo turismo mesmo  | Com artesanato. Divulga o boto e faz com que pessoas que matariam, trabalhem com artesanato |
| Todo vivente quer viver   | A dona não deixa ninguém se aproximar   |
| Espanta as feras  | Ele pra lá e eu pra cá  |
| Tem que matar só os bichos que faz mal pra gente, que nem cobra, jacaré, onça   | Falo pros meus filhos não malinar do boto   |
| Ajuda a divulgar Novo Airão, que é muito esquecida                              | Se fosse pra ajudar, eu ajudaria  |
| Para conservar o ambiente que eles vivem, através dos botos                     | Dou palestras sobre preservação para meus alunos  |
| Não pode destruir o que Deus deixou   | Falar com pescador que não gosta de boto  |

Em geral, as pessoas respondem que é importante conservar os botos, mas por motivos superficiais, ou seja, não sabem de fato por que. Um número relativamente reduzido de pessoas acredita que poderia contribuir de alguma forma com sua conservação e a principal seria não maltratá-los. Isso mostra que não há uma sensibilização em relação aos botos. Apesar de ser o principal atrativo da cidade e de quase todo mundo dizer que é importante conservá-los, pouca gente sabe sobre eles mais a fundo e como ajudá-los.

Grande parte das afirmações dos residentes de Novo Airão dão base à colocação de Parsons *et al.* (2003) de que a importância da vida silvestre para a indústria do turismo não é sempre reconhecida pelos moradores locais. Da mesma forma, contrariam diversos autores que afirmam que entre os principais benefícios do turismo para as comunidades está a elevação da consciência a respeito do valor do ambiente natural (Figueiredo, 2000; Wearing & Neil, 2001; Drumm & Moore, 2003). Tal conscientização pode vir a ocorrer, mas atualmente, o nível de informações dos moradores de Novo Airão a respeito dos botos e as motivações para sua conservação são mínimos.

*O envolvimento com o turismo influencia as intenções e atitudes em relação aos botos?*

O Teste t, comparando valores atribuídos às respostas sobre intenções e atitudes de moradores que têm relação com o turismo e que não têm, apresentou diferença significativa ( $p=0,0169$ ). As notas médias foram 0,765 ( $\pm 0,45$ ) para os que têm relação com turismo e 0,559 ( $\pm 0,42$ ) para os que não têm relação com turismo. Assim, moradores que têm envolvimento com turismo apresentaram notas maiores.

Porém, possivelmente esta influência do envolvimento com turismo não esteja tão relacionada ao envolvimento em si. Isso porque moradores que têm relação com turismo possuem, em geral, níveis de escolaridade mais altos do que os que não têm relação com turismo, como mostra a Tabela 14. Assim, é provável que, na verdade, o fator “escolaridade” seja a principal influência nesta diferença.

Tabela 14. Porcentagem de entrevistados que tem relação com turismo e que não tem relação com turismo por nível de escolaridade. (O nível “fundamental incompleto” inclui pessoas que nunca estudaram).

| Nível de escolaridade  | Sem relação com turismo (%) | Com relação com turismo (%) |
|------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| Fundamental incompleto | 70,45                       | 54                          |
| Fundamental completo   | 4,55                        | 12                          |
| Médio completo         | 25                          | 34                          |
| Total                  | 100                         | 100                         |

Parsons *et al.* (2003) destacam que o valor dos cetáceos vivos é notável e deveria ser visto como um recurso a ser conservado e promovido. Nelson (2004) e Ceballos-Lascuráin (1992) *in* Wearing & Neil (2001), afirmam que comunidades que optam por trabalhar em ecoturismo estão, muitas vezes, selecionando uma atividade econômica em vez de outra, ou seja, preferindo o ecoturismo a trabalhar em outra atividade que possa ser impactante. Só esse ato já tem conseqüências na conservação de uma área. Outro ponto é o grau em que o ecoturismo pode transformar as atividades da comunidade de “ameaças” em “oportunidades”, ou seja, atividades que contribuam para o desenvolvimento sustentável e para a conquista dos objetivos de conservação de uma área (Drumm & Moore, 2003).

Assim, em Novo Airão, já que o turismo de interação com botos é tão popular e visto pelos próprios moradores como uma oportunidade de desenvolvimento socioeconômico, ações deveriam ser tomadas no sentido de sensibilizar e informar a população a respeito da importância dos botos, tanto sob o ponto de vista ecológico como econômico.

## **CONCLUSÕES**

De forma geral, não existe envolvimento dos moradores de Novo Airão com o turismo de interação com botos. As pessoas não participam nem diretamente, nem indiretamente da atividade. Mesmo aqueles que trabalham com algo relacionado ao turismo são pouco ou nada beneficiados economicamente. Da mesma forma, não são gerados benefícios sociais. Outro aspecto importante foi constatar que mais da metade dos moradores considera insatisfatória a atuação da prefeitura em relação ao turismo. Assim, pode-se dizer que o turismo em Novo Airão segue o modelo convencional de “turismo de natureza”, ao contrário da imagem de “turismo ecológico” que é divulgada.

Quanto ao principal benefício ambiental que poderia ser gerado, a “sensibilização” dos moradores a respeito dos botos, os resultados evidenciaram que as pessoas sabem pouco sobre eles, e que são pouco valorizados.

Para que o turismo de interação com botos realizado em Novo Airão siga a bandeira que divulga (“ecoturismo”) e realmente possa contribuir para a conservação dos botos e do ambiente em que vivem, é necessário que se tomem medidas para envolver a população, de modo que esta seja beneficiada e que compreenda que tais benefícios estão relacionados à continuidade da existência dos recursos naturais. Cabe lembrar que este aspecto, além de recomendado por diversos autores da área (Drumm & Moore, 2003) está previsto na Política Nacional de Turismo (Lei N° 11.771, de 17 de setembro de 2008) (Brasil, 2008).

### **Capítulo III. Como deveria ser o turismo de interação com botos-vermelhos? (Proposta para que a atividade trilhe o caminho do ecoturismo)**

#### **INTRODUÇÃO**

O *whalewatching* é uma nova indústria de grande valor potencial (Moyle & Evans, 2008). Este fato é evidente no turismo de interação com botos-vermelhos realizado na Amazônia brasileira, que apesar de relativamente recente e informal, atrai milhares de turistas todo ano.

Assim como a maioria dos produtos turísticos da Amazônia, o turismo de interação com botos é divulgado como sendo “ecoturismo”, no entanto, os resultados dos capítulos I e II mostraram que não se enquadra nos preceitos que conceituam este termo, principalmente os relacionados à sustentabilidade. Por isso, este tipo de turismo, atualmente, assemelha-se mais ao turismo de natureza convencional.

O ecoturismo é visto como uma ferramenta de estímulo à conservação ambiental e o *whalewatching* é visto como uma alternativa econômica à caça comercial de cetáceos. No caso dos botos-vermelhos, que atualmente sofrem grandes ameaças, o estabelecimento de um modelo de *whalewatching* que priorize a sustentabilidade através dos preceitos do ecoturismo, pode resultar em grandes ganhos na conservação destes animais. Mais ainda, pode gerar sensibilização à questão da conservação da Amazônia. Dessa forma, faz-se necessário apresentar diretrizes para o melhor ordenamento dessas atividades para que possam gerar efetiva contribuição para a conservação ambiental.

A legislação brasileira a respeito do turismo com animais é escassa. No caso dos mamíferos aquáticos, ainda, é pouco clara. Cabe ressaltar aqui a afirmação de Garrod & Fennell (2004) de que atividades informais de *whalewatching* podem causar ainda mais impactos negativos aos animais e ao ambiente do que aquelas ordenadas. Assim, fica registrada a necessidade urgente de criação de legislação específica, bem como de mecanismos de controle e fiscalização. Este tipo de atividade deveria ocorrer por meio de aprovação e licença dos órgãos ambientais competentes (Carlson, 2008), após avaliação das condições de segurança para os turistas e para os animais e da existência e qualidade de atividades interpretativas, que é o que justifica este tipo de atividade.

Serão apresentadas a seguir, diretrizes que compõem uma proposta geral para o ordenamento do turismo envolvendo botos-vermelhos. A proposta não será voltada a um local específico; ao contrário, o intuito é que possa nortear quaisquer atividades turísticas que

envolvam a espécie *Inia geoffrensis*, fornecendo subsídios para o estabelecimento de políticas públicas. Além disso, pode ser útil também para o turismo envolvendo outros animais. Seu objetivo é provocar melhora na qualidade da visita aos botos e no grau de satisfação dos turistas, promover o envolvimento de moradores locais, a sensibilização ambiental e a vontade de contribuição com a conservação.

A proposta foi feita principalmente com base nos resultados encontrados nos capítulos I e II. Portanto, outros problemas relacionados a esta atividade (como armazenamento e qualidade dos peixes fornecidos aos botos, por exemplo), não serão contemplados. As diretrizes apresentadas correspondem a medidas que devem ser adotadas em condição emergencial e representam aspectos gerais necessários ao ordenamento. Fica, assim, registrada a necessidade de outros estudos, especialmente os voltados à saúde dos animais. Deve-se ressaltar, ainda, que para cada local onde ocorrer este tipo de atividade, devem ser feitos estudos sobre a capacidade de suporte ambiental e socioeconômica. Caso sejam detectadas ameaças e impactos adversos significativos ao padrão de comportamento ou bem-estar dos animais, a atividade não deve ser permitida (Carlson, 2008). Outro ponto, é que cada local deve ter suas próprias regras para a interação com os animais, desde que respeitando as normas gerais. A *International Whaling Commission* (IWC) recomenda que as regulamentações locais sobre o turismo envolvendo cetáceos sejam feitas de forma participativa, envolvendo as comunidades e empresas, pois assim tendem a ser mais respeitadas (Heckel *et al.*, 2003).

## MÉTODOS

A proposta será apresentada por meio de diretrizes elaboradas considerando-se cinco aspectos:

- Os resultados apresentados nos capítulos I e II;
- Os preceitos do ecoturismo de baixa geração de impactos ambientais e sociais, promoção de sensibilização ambiental e multiplicação dos benefícios socioeconômicos;
- As orientações para a prática do *whalewatching* utilizadas em diversos locais do mundo;
- As características peculiares dos botos-vermelhos e da região amazônica;
- A legislação brasileira vigente.



## Revisão da legislação brasileira

Segue uma revisão dos principais pontos da legislação existente hoje em dia no Brasil que podem interferir no turismo com golfinhos:

1. Proibição de perseguição, caça, pesca ou captura de pequenos cetáceos, pinípedes e sirênios (Portaria SUDEPE n° N-11, de 21-02-1986) (Brasil, 1986);
2. Proibição da pesca de cetáceos nas águas jurisdicionais brasileiras (Lei 7.643, de 18-12-1987) (Brasil, 1987);
3. Regulamentação da proibição do molestamento de cetáceos em águas jurisdicionais brasileiras (Portaria IBAMA n° 117, de 26-12-1996) (Brasil, 1996):
  - Considera o “crescente desenvolvimento do turismo voltado para a observação de cetáceos e a necessidade de seu ordenamento, de forma a garantir a adequação desta observação às necessidades de conservação destes animais”;
  - Proíbe “interromper o curso de deslocamento de cetáceo de qualquer espécie ou tentar alterar ou dirigir esse curso; penetrar intencionalmente em grupos de cetáceos de qualquer espécie, dividindo-o ou dispersando-o; produzir ruídos excessivos (...) a menos de trezentos metros de qualquer cetáceo; despejar qualquer tipo de detrito, substância ou material a menos de quinhentos metros de qualquer cetáceo”;
  - Define que “quando da operação de embarcações de turismo comercial no interior de Unidades de Conservação nas quais ocorra regularmente a presença de cetáceos, caberá à Unidade em questão determinar o cadastramento das embarcações (...); o número máximo de embarcações cuja operação simultânea seja permitida (...); quando da existência de áreas de concentração ou uso regular por cetáceos, as rotas e velocidades para trânsito de tais embarcações no interior e/ou na proximidade de tais áreas”;
  - Define que para a “operação de embarcações de turismo comercial no interior de Unidades de Conservação nas quais ocorra regularmente a presença de cetáceos, é obrigatória a provisão, em caráter permanente, de informações interpretativas sobre tais animais e suas necessidades de conservação, aos turistas transportados até aquelas Unidades”;
4. Lei de crimes ambientais (Lei n° 9.605, de 12-02-1998) (Brasil, 1998);
5. Proibição da prática de mergulho intencional com golfinhos na APA Fernando de Noronha (Instrução Normativa n° 4, de 28 -12- 1999) (Brasil, 1999);
6. Estabelecimento de normas para a manutenção de mamíferos aquáticos em cativeiro (Portaria MMA n° 98, de 14-04-2000) (Brasil, 2000):
  - Veda o “uso de mamíferos aquáticos da fauna silvestre brasileira em (...) qualquer produção artística, (...) ressalvadas as apresentações com finalidade educativa (...),

acompanhadas de interpretação adequada, mediante a prévia aprovação pelo IBAMA de plano de trabalho correspondente”.

7. Plano de Ação para os Mamíferos Aquáticos do Brasil (2002) (IBAMA, 2001):

- Define entre os projetos e ações prioritárias para *Inia geoffrensis* a “avaliação e monitoramento de possíveis impactos decorrentes de atividades antrópicas”, entre elas está o ecoturismo;

- Estabelece como providências para incrementar a conservação dos mamíferos aquáticos a necessidade de “regulamentar e fiscalizar as atividades turísticas voltadas para a observação de cetáceos (...), bem como estimular o turismo de observação a partir de terra (...), mediante o uso de mirantes e estruturas interpretativas adequadas (...)” e “manter a proibição da captura de mamíferos aquáticos para exibição”;

8. Lei Geral do Turismo (Lei nº 11.771, de 17-07-2008) (Brasil, 2008):

- Um dos objetivos é “promover, descentralizar e regionalizar o turismo, estimulando o (...) planejamento de atividades turísticas de forma sustentável e segura, (...) com o envolvimento e a efetiva participação das comunidades receptoras nos benefícios advindos da atividade econômica”;

- Outro objetivo é “propiciar a prática de turismo sustentável nas áreas naturais, promovendo a atividade como veículo de educação e interpretação ambiental e incentivando a adoção de condutas e práticas de mínimo impacto compatíveis com a conservação do meio ambiente natural”.

### **Particularidades do turismo envolvendo botos-vermelhos**

Para a elaboração das diretrizes, é necessário considerar que o turismo de interação com botos vigente na Amazônia é bastante diferente do que ocorre na maioria dos locais onde há atividades formais de *whalewatching* (geralmente em ambiente marinho) e do que tem sido recomendado para este tipo de turismo. Na maioria dos casos, o turismo de observação de cetáceos é feito a partir de embarcações ou bases em terra firme, com restrições quanto à distância de aproximação dos animais. Não é recomendado tocar nos cetáceos bem como alimentá-los. A natação é considerada arriscada tanto para turistas como para os animais e, quando permitida, é feita de modo a que o cetáceo aproxime-se do turista, e não o contrário (Carlson, 2008).

Na Amazônia, porém, as condições são muito peculiares. De início, o boto-vermelho comporta-se de forma diferente da maioria dos golfinhos marinhos. São animais extremamente curiosos, aproximam-se naturalmente dos seres humanos e são bastante

flexíveis. Além disso, as características ambientais da região também podem favorecer o contato. Estas características, aliadas ainda à oferta de alimento, facilitam a promoção de freqüentes interações.

Assim, a atividade de interação com botos-vermelhos na Amazônia brasileira estabeleceu-se ao longo dos tempos da seguinte maneira: atração inicial dos animais por meio do fornecimento de peixes, toques constantes, natação lado a lado. Hoje, os botos que participam das atividades estão habituados a encontros com pessoas, como definido por Samuels *et al.* (2003). Apesar dessa forma de realização das interações parecer estranha, já que é contrária ao que é reconhecidamente recomendado, outras características tornam algumas dessas atividades necessárias para um trabalho de educação ambiental: as águas dos rios amazônicos são escuras, não permitem visualizações profundas. Além disso, o boto (ao contrário do outro golfinho amazônico, o tucuxi), mostra-se pouco na superfície da água durante a natação.

## **PROPOSTA**

### **Parte I: Sobre as visitas de interação com botos**

#### *1. Medidas relacionadas ao estabelecimento*

Um dos aspectos fundamentais para uma atividade turística que satisfaça o visitante, tenha qualidade e vise o ecoturismo está relacionado à organização e infra-estrutura do estabelecimento (Higginbottom, 2002). Isso foi verificado nas respostas de diversos turistas, cujos principais comentários a respeito do que não gostaram durante as visitas foram “cheiro de esgoto”, “sujeira do flutuante”, “óleo na água”, “falta de preparo para receber clientes”.

##### 1.1 Localização

O estabelecimento deve ficar em local de águas calmas e limpas, sem perturbações.

##### 1.2 Estrutura

Deve estar preparado para receber pessoas diversas. O ideal é que o estabelecimento possibilite, inclusive, o acesso de pessoas com dificuldades (idosos e deficientes). Caso não seja possível contemplar este aspecto, é necessário assegurar alternativas para a locomoção dessas pessoas, como a existência de funcionários preparados para auxiliá-las.

Deve ter uma plataforma submersa segura para interações dos turistas com os botos. Sugere-se que haja plataformas em diferentes níveis: na altura da água, para que as pessoas possam sentar, abaixo do nível da água, para que possam ficar em pé, e fora da água, para os que preferirem não entrar.

### 1.3 Limpeza e organização

Como se pretende que estes estabelecimentos atuem como centros de educação ambiental, é fundamental que as condições sanitárias sejam impecáveis. O local deve ser limpo, ter lixeiras acessíveis e cuidar para que os turistas não joguem dejetos nos rios. Da mesma forma, os dejetos produzidos pelo próprio estabelecimento não devem ser diretamente lançados nos rios, cuidando-se para ter um mecanismo de tratamento.

A organização do local valoriza as visitas, conforta os turistas e favorece o trabalho educativo. Sugere-se o uso de placas explicativas com as regras de funcionamento do local: horário de funcionamento, identificação dos diferentes ambientes (local de espera, área de interação com os animais) e as regras de segurança em geral.

### 1.4 Atendimento

Deve contar com atendentes que falem inglês. Os funcionários que lidem diretamente com os turistas devem ser treinados para este fim e estar sempre disponíveis para dar informações.

## 2. *Medidas relacionadas ao controle dos visitantes*

De início, é preciso reconhecer que turismo de observação e interação com animais e ecoturismo não são compatíveis com o turismo de massa. Ou seja, não permitem que sejam feitos por grande número de turistas num limitado espaço de tempo. É preciso criar mecanismos para controlar o número de visitantes. Isso é fundamental para manter o bem-estar dos animais, a qualidade da visita e a eficiência do trabalho de interpretação ambiental (Grahn, 2004). Estes aspectos foram expostos pelos turistas entrevistados no capítulo I, que relataram com frequência “não há controle do número de pessoas” e a conseqüente falta de espaço como um dos principais pontos negativos de suas visitas. Por estes motivos, seguem propostas para controlar o número de visitantes.

### 2.1 Sessões

As interações com botos devem ser feitas por meio de sessões. Sugere-se que haja horários pré-estabelecidos que grupos de excursão e turistas independentes devam respeitar. As sessões devem durar no máximo duas horas e incluir apresentação dos aspectos de segurança, o trabalho de interpretação ambiental e tempo para interação com os botos. A princípio, é recomendado o número de até quatro sessões por dia. Dependendo das condições de cada local e do número de botos que o frequenta, a quantidade pode variar.

As sessões devem ocorrer durante o dia. Aconselha-se evitar o período de maior pico do Sol, entre 12h00min e 14h00min. É necessário que haja intervalo de aproximadamente meia

hora entre as sessões para que os botos possam transitar e alimentar-se livremente. Ainda, este tempo é útil para a organização da próxima sessão.

Pode ser dada opção àqueles turistas que queiram apenas observar os animais, sem interagir, de não ter restrição de horário ou de poderem ver os botos nos intervalos das sessões. É importante que em pelo menos um dia por semana não haja sessões de interação, ainda que seja permitido que turistas observem os animais. Neste modelo, sessões compostas por menor número de turistas serão beneficiadas, pois podem proporcionar maior tempo de contato com os animais por pessoa.

## 2.2 Número de turistas

Cada sessão deve ocorrer com número aproximado de até 10 turistas. Um número maior pode implicar em redução da segurança e do aprendizado dos visitantes. No caso de excursões, podem-se formar dois ou mais grupos: enquanto um interage com os botos, o outro participa das atividades interpretativas. Assim, o número aproximado de turistas a interagir com botos por dia deve ser em torno de 40.

## 2.3 Equilíbrio entre dias úteis e finais de semana

A administração do estabelecimento deve criar mecanismos para equilibrar o fluxo de turistas entre dias úteis e finais de semana. Por exemplo, no caso estudado no capítulo I foi visto que há maior pressão de turistas independentes aos sábados e domingos. Dessa forma, seria interessante que se fizessem acordos com as empresas de turismo para que seus grupos realizassem visitas em dias úteis. Isto pode ser muito vantajoso para as próprias empresas, haja vista que as visitas serão menos tumultuadas.

## 2.4 Taxa de entrada

Sugere-se a cobrança de uma pequena taxa de entrada para cobrir as despesas do estabelecimento, pagamento de funcionários e custo dos peixes para alimentação dos botos. O mecanismo também atuaria no controle do número de visitantes. O preço deve ser justo, compatível à qualidade dos serviços oferecidos. Deve ficar claro que a taxa deve referir-se aos serviços prestados no estabelecimento e não à observação e interação com os animais, já que não são propriedade particular.

## 3. Medidas relacionadas à interação turista-boto

O impacto da visita é altamente influenciado pelo comportamento do visitante (Sabino & Andrade, 2003). Por este motivo, a interação dos turistas com os botos propriamente dita deve ser cuidadosamente monitorada. Deve ser estabelecido um conjunto de normas que, apesar de parecerem restringir e inibir os turistas, se bem aplicado causa efeito

contrário, deixando-os mais seguros e à vontade para interagir na medida do permitido, sabendo que cuidados estão sendo tomados quanto aos animais. Este aspecto foi bastante significativo nos resultados encontrados no capítulo I, onde a falta de regras pôde ser relacionada à percepção de que a atividade “deve tornar os botos dependentes” e à sensação de “medo/assustador”, ambas citadas com maior frequência por turistas *sem excursão*. Assim, seguem medidas para o controle das interações, necessárias para manter o bem-estar e segurança dos animais e dos turistas e melhorar a qualidade da visita.

### 3.1 Instrutor

É fundamental a presença de um funcionário preparado para atuar como instrutor das interações. Ele deve acompanhar e monitorar integralmente o período de interação: explicando os procedimentos, acompanhando os turistas um a um, esclarecendo dúvidas. Este ponto é necessário tanto para garantir a integridade dos animais (caso algum turista comporte-se de maneira inadequada) como para dar maior segurança aos turistas.

### 3.2 Treinamento dos turistas

Os procedimentos e regras para a interação devem ser transmitidos aos turistas antes de chegarem à plataforma de interação (Sabino & Andrade, 2003). Sugere-se que se faça uma simulação de como os turistas devem proceder e explicar o que pode ocorrer caso não cumpram o procedimento adequado.

### 3.3 Alimentação

Durante a sessão, após o treinamento inicial, os turistas devem posicionar-se na plataforma de interação, um por vez, preferencialmente sentados, acompanhados pelo instrutor. O turista não deve demorar a entregar o peixe ao boto.

Cabe observar que alimentar cetáceos durante atividades turísticas é proibido em alguns países, como nos EUA (Samuels *et al.*, 2003). Porém, é permitido, com monitoramento, em outros, como na Austrália (Neil & Brieze, 1998; Carlson 2008).

### 3.4 Toque

Deve-se evitar tocar na cabeça e no rosto do animal. Procurar tocar nas nadadeiras, região ventral ou dorsal. Quando o toque for aliado à alimentação, deve-se erguer o peixe até que o boto exponha sua “barriga” quando, então, é possível tocá-la. É válido ressaltar que tocar em cetáceos durante atividades turísticas é outro procedimento não recomendado pela IWC (Carlson, 2008). Não é aconselhável interagir com animais que estejam com dificuldades, pareçam doentes ou que estejam com ferimentos.

### 3.5 Natação

Para garantir maior segurança, a natação com botos não deve ocorrer sem que os turistas estejam vestidos com coletes salva-vidas. Esta medida também tende a aumentar a sensação de segurança dos visitantes. Sugere-se que entrem na água três a cinco pessoas por vez, acompanhadas pelo instrutor. A natação deve ocorrer próximo à base (plataforma) e durante essa atividade, apenas o instrutor, se for o caso, deve fornecer alimento aos botos, sem erguer o peixe fora da água. Cada grupo deve permanecer na água entre 15 e 20 minutos.

Cabe lembrar que a natação com os animais é um procedimento que apresenta riscos e que não é recomendada em muitos países, como na Austrália, Argentina e Chile. Na maioria dos casos onde é permitida, somente operadoras licenciadas podem fazê-la e durante o procedimento, não há atração dos animais utilizando alimento. Os turistas entram na água a certa distância dos cetáceos e esperam que eles se aproximem. Da mesma forma, a IWC afirma que natação com golfinhos só deveria ocorrer em circunstâncias excepcionais e com programas licenciados, pois muitos estudos evidenciaram impactos negativos do “*swim-with cetaceans tours*”, ou seja, de atividades turísticas de natação com cetáceos. Tais estudos sugerem que os golfinhos abandonam áreas freqüentadas por mergulhadores e que isto pode ter importantes impactos nos comportamentos de alimentação, descanso e cuidado parental, entre outras atividades (Garrod & Fennel, 2004; Carlson, 2008).

### 3.6 Controle do comportamento dos turistas

O instrutor deve estar atento aos turistas e não permitir barulho excessivo (conversas altas, gritos). Qualquer comportamento de maus-tratos aos animais deve ser prontamente repreendido. Da mesma forma, comportamentos que possibilitem situações arriscadas ou o não cumprimento de regras pré-estabelecidas devem ser rapidamente banidos.

### 3.7 Estabelecimento de regras claras

A exposição de regras de forma clara pode garantir maior segurança durante as interações. Para tanto, o instrutor deve explicá-las durante o treinamento. Ainda, sugere-se a fixação de um cartaz no estabelecimento, num ponto que possa ser visto durante as interações, com todas as regras escritas e, se necessário, esquematizadas. Algumas regras básicas são: evitar tocar na cabeça dos botos; entrar na água cuidadosamente (não pular); não gritar ou produzir ruídos altos; não entrar na água com peixe na mão; não jogar lixo no rio; não entrar mais do que cinco pessoas na água. Outras regras podem ser criadas de acordo com as necessidades e peculiaridades de cada local.

#### *4. Medidas relacionadas aos cuidados com os botos*

Este aspecto é o mais importante a ser considerado, haja vista que, além das questões éticas, os próprios turistas querem ver e interagir com animais saudáveis. Isso fica evidente nas respostas obtidas no capítulo I sobre o que os turistas não gostaram durante as visitas, que mostram a preocupação dos visitantes com o bem-estar dos botos: “deve torná-los dependentes”, “proximidade dos botos”, “botos estão machucados”, “tira de seu hábitat natural”. Estas medidas buscam fazer com que este tipo de atividade interfira o mínimo possível no comportamento e bem-estar dos animais.

##### 4.1 Delimitação da área

Se não for possível impedir o tráfego de embarcações no entorno do estabelecimento, é necessário delimitar uma área onde barcos não possam entrar. Sugere-se a delimitação de uma área semicircular, com 25 a 30 m de raio a partir da plataforma de interação, podendo variar com as características do local. Este espaço pode ser marcado com bóias e balisas.

##### 4.2 Controle do entorno

É necessário que embarcações que trafeguem próximo ao local se desloquem em baixa velocidade; não se permita o exercício da pesca nem o tráfego de embarcações de risco (como jet skis e lanchas velozes) nas proximidades; não se permita que materiais tóxicos e dejetos, tais como combustíveis, óleo e lixo sejam despejados no entorno. Para tanto, é imprescindível se estabelecer acordos com os órgãos ambientais locais.

##### 4.3 Plataforma de interação

Sugere-se que as plataformas de interação sejam revestidas por borracha ou outro material antiderrapante resistente à água, para que sejam evitados possíveis ferimentos dos botos quando estes estão em contato com a base.

##### 4.4 Quantidade e qualidade da alimentação

Botos-vermelhos consomem naturalmente entre 2,2 e 4% do seu peso corporal por dia de peixes (Best & da Silva, 1989). O ideal é que não se forneça mais do que metade dessa quantidade, para que eles ainda alimentem-se em ambiente natural. Assim, apesar das possibilidades de variação da espécie e de tamanho dos peixes, cada boto não deve receber mais do que cerca de 10 a 12 peixes por dia. É importante que os peixes sejam frescos, obtidos diariamente de criadouros.

Para impedir que os botos sejam superalimentados durante as interações, a cada sessão deve ser fornecido um número máximo de 10 peixes. Estes podem ser cortados em pedaços, para aumentar os momentos de interação. Dessa forma, cada turista deve fornecer, em média,



um peixe aos botos. O instrutor deve monitorar a alimentação dos animais de modo a evitar que um mesmo boto receba muitos pedaços de peixes.

#### 4.5 Avaliação periódica das condições de saúde

Para garantir melhores condições de saúde aos animais, é ideal o acompanhamento periódico de um médico veterinário e de um biólogo. Sugere-se que estes profissionais monitorem o local, pelo menos, uma vez por mês. Caso sejam detectados problemas de saúde nos botos e/ou alteração de comportamento, medidas devem ser tomadas para seu tratamento e controle das causas. Dependendo do problema, a interação com aquele animal deve ser proibida até sua recuperação.

### 5. *Medidas relacionadas ao aprendizado dos visitantes*

Este aspecto deve ser entendido como a finalidade de um turismo de observação e interação com animais, caso contrário, esta atividade poderá gerar apenas impactos negativos (ainda que mínimos). Como visto no capítulo I, este aspecto tem sido pouco relevado e não pode ser considerado satisfatório nos locais avaliados. Para que este tipo de turismo seja voltado à sensibilização dos turistas, os próprios locais onde ocorrem as atividades devem fornecer possibilidades para essa sensibilização. Seguem medidas mínimas necessárias para iniciar este processo.

#### 5.1 Presença de profissional de interpretação

O estabelecimento deve contar com um profissional qualificado (educador ambiental, biólogo, ecólogo, turismólogo ou outra profissão correlata) para promover atividades de interpretação ambiental com os turistas. Estas devem ser voltadas à sensibilização dos visitantes em relação à importância da conservação dos botos e da Amazônia em geral.

#### 5.2 Programas interpretativos

Sugere-se que nos programas interpretativos sejam proferidas palestras curtas, antes das interações. Devem ser abordados aspectos relativos às características gerais dos botos: físicas, biológicas e ecológicas, bem como da sua importância para o ecossistema amazônico. É interessante ressaltar aspectos a serem observados pelos turistas, assim como levantar questionamentos para que tentem solucionar ao observar os animais. É necessário lembrar que estas atividades não devem ser como aulas, mas sim feitas de maneira lúdica e leve.

O profissional deve estar presente também durante as interações dos turistas com os animais e esclarecer as possíveis dúvidas. Após as interações, é interessante que sejam realizadas outras atividades, como debates acerca do que foi observado. Deve ser estimulado, ainda, que os turistas contribuam de alguma forma com a conservação dos botos. Para tanto,

podem ser divulgados organizações e centros de pesquisas que trabalhem em prol de sua conservação, para que busquem fazer contribuições. Ou que se façam “acordos” de que divulgarão a causa dos botos em suas regiões de origem. Ao final, é importante que se tenha uma forma de “feedback”, como um questionário que os turistas respondam, para saber o quão efetivo está sendo o programa (Orams, 1996).

Sugere-se que o estabelecimento tenha um programa interpretativo básico, que possa ser adaptado a diferentes públicos. No caso de turistas em grupos de excursão, os guias de turismo das empresas podem atuar conjuntamente, mas devem respeitar o programa básico e estar qualificados para tal atividade.

Esta medida visa aumentar o envolvimento afetivo dos turistas e melhorar o aprendizado acerca dos botos. Dessa forma, poderá ser atingida a educação *para* a natureza (Barber, 1996), que ainda deixa muito a desejar nos locais estudados, de modo a que este tipo de turismo possa contribuir para a conservação ambiental.

Como visto nos resultados do capítulo I, este aspecto está aquém, inclusive, dos anseios dos turistas, que têm maiores expectativas em relação ao que podem aprender sobre os botos com as visitas, haja vista que uma reclamação freqüente foi “ausência de informação”.

### 5.3 Capacitação dos guias de turismo

Segundo os resultados obtidos no capítulo I, para que os guias de turismo atuem no exercício de atividades interpretativas eficientes, é necessário que recebam treinamento apropriado. Atualmente, poucos transmitem aos turistas informações relevantes sobre os botos e a atuação de forma a promover a educação ambiental dos turistas em relação aos botos praticamente não existe. Guias de turismo especializados também têm importante função ao minimizar os possíveis problemas gerados pelos visitantes. Assim, é necessário que se ofereçam treinamentos, criem regulamentação e métodos de certificação destes profissionais para o trabalho voltado ao turismo de interação com animais (Pivatto & Sabino, 2005; Uruguai, 2002). Sugere-se que as empresas, prefeituras, órgãos interessados mobilizem-se para oferecer cursos para a qualificação dos guias de turismo.

### 5.4 Material de apoio

É importante que os visitantes possam localizar-se e saber mais sobre a região que estão visitando. Sugere-se que haja fotos, livros, mapas, revistas com informações sobre a região disponíveis para que os turistas possam olhar e manusear.

## **Parte II: Sobre o envolvimento dos moradores locais**

### *1. Medidas relacionadas ao envolvimento direto*

#### 1.1 Moradores como funcionários

A forma mais óbvia e direta de envolvimento dos moradores locais é a contratação de pessoas da própria região pelos estabelecimentos que façam turismo de interação com botos. É claro que a pessoa contratada deverá ter a devida qualificação para a função (salva-vidas, instrutor, guia-intérprete, vendedor, garçom, administrador). Assim, estes estabelecimentos devem priorizar a contratação de moradores.

#### 1.2 Moradores como colaboradores

Outra forma de atuação direta é a participação dos moradores como colaboradores das atividades interpretativas. Por exemplo, podem-se convidar periodicamente pessoas para relatar histórias sobre os botos aos turistas. Em troca, elas podem expor e vender artesanatos, comidas etc. Dessa forma, a atividade interpretativa favorece o contato entre turistas e população local e valoriza a cultura a respeito dos botos. Outro exemplo é criar parcerias com escolas. Estas podem utilizar o espaço do estabelecimento para atividades escolares e, em troca, estudantes podem preparar apresentações sobre os botos para os turistas. É muito importante que se criem diferentes tipos de colaboração da população, de modo a que maioria das pessoas possa de alguma forma, sentir-se responsável por ajudar na conservação dos botos.

### *2. Medidas relacionadas ao envolvimento indireto e ordenamento do setor*

#### 2.1 Ordenamento e participação

É importante que os moradores que trabalhem na área do turismo organizem-se em grupos, como associações, para que sejam fortalecidos e possam participar de forma mais incisiva nas decisões.

#### 2.2 Rede de serviços

O estabelecimento deve firmar parcerias com canoieiros, guias de turismo locais, restaurantes, pousadas e suas organizações (associações, sindicatos etc). Por exemplo, o estabelecimento indica aos turistas restaurantes, pousadas, canoieiros, de acordo com o perfil e necessidade de cada visitante. Estes, por sua vez, indicam o passeio de interação com botos. Pode ser fornecido, inclusive, desconto aos turistas que seguirem as indicações. Isso fortalece a atividade no município e faz com que mais pessoas sejam beneficiadas.

### 2.3 Rede de pontos turísticos

Neste ponto, entra a atuação dos órgãos públicos (especialmente prefeituras) em criar e divulgar roteiros turísticos dentro dos municípios. Deve ser estimulado que os turistas visitem todos os pontos atrativos, para que passem mais tempo no local. Acordos podem ser estabelecidos com as empresas de turismo, oferecendo-lhes facilidades. Nesta rede também entram os serviços. Por exemplo, mototaxistas podem estar disponíveis próximos a cada ponto turístico, assim como restaurantes e lanchonetes.

Como visto no capítulo I, a maioria dos turistas permanece “algumas horas” no município de Novo Airão. Assim, fica evidente a necessidade de se criar mecanismos que estimulem a permanência dos turistas por mais tempo na cidade.

### 2.4 Mudança de paradigma

Muitos empresários do turismo preferem esconder de seus clientes que existem cidades na Amazônia além de Manaus, e os levam apenas a atrativos turísticos inóspitos, onde não há gente. No entanto, este aspecto deve ser reconsiderado, pois pode ser bastante atrativo aos turistas conhecer o verdadeiro modo de vida dos habitantes da Amazônia, mesmo o de pequenas cidades. Aqui está, mais uma vez, a importância de se preservar e divulgar aspectos históricos, socioeconômicos e culturais da região. Como exemplo, temos um aspecto averiguado no capítulo II: não é interessante que mesmo em centros urbanos, como Novo Airão, muitas pessoas ainda acreditem nas lendas acerca dos botos a ponto de temê-los? Outro aspecto: turistas não gostariam de participar de festas locais?

## 3. Medidas relacionadas aos benefícios

### 3.1 Ações de educação ambiental

As empresas, prefeituras e quaisquer organizações envolvidas com o turismo com botos devem promover ações que mostrem à população a importância econômica e ecológica de mantê-los vivos e em um ambiente sadio.

### 3.2 Valorização da cultura sobre os botos

Moradores podem ser convidados periodicamente para relatar histórias sobre os botos; podem criar e vender artesanatos representando os botos e suas lendas, o que agrega valor às atividades de *whalewatching* (Orams, 2002). O estabelecimento de interação com botos pode ser um ponto de divulgação desses artigos.

### 3.3 Investimento em infra-estrutura

Os estabelecimentos, empresas, prefeituras e órgãos administradores envolvidos com atividades de interação com botos devem priorizar investimentos em infra-estruturas que

atendam as demandas turísticas (para que os visitantes permaneçam mais tempo no local) e que também atendam às necessidades dos moradores (Orams, 2002). Exemplos são a manutenção de serviços médicos e facilidades de transporte.

### **UMA NOVA DISCUSSÃO**

Como proposta final, fica a discussão quanto à criação de outro modelo de turismo envolvendo botos-vermelhos. Será que a atividade não seria bem aceita se fosse feita sem alimentação, sem natação, sem contato físico? Por que não tentar criar atividades de turismo em que se busque observar o boto realmente livre, em seus hábitat selvagens, tentando identificar seus comportamentos naturais e aprendendo a entender seu modo de vida? Por que não usar os botos para explicar a cultura e o modo de vida do amazônida? Esta proposta compreende um modelo mais educativo, “científico”. Será que uma atividade deste tipo, bem conduzida, não seria ainda mais atrativa? Se analisarmos diversos casos ao redor do mundo, a resposta possivelmente seria “sim”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Introdução Geral e Métodos Gerais

- Alexiades, M. N. 1996. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In: Alexiades, M. N. (Ed). *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. The New York Botanical Garden, New York. p. 53-94.
- Best, R. C.; da Silva, V. M. F. 1989. Biology, status and conservation of *Inia geoffrensis* in the Amazon and Orinoco river basin. In: Perrin, W. F.; Brownell, R. L.; Kaiya, Z.; Jionkang, L. (Eds). *Biology and conservation of the river dolphins*. Occasional Papers of the of the IUCN Species Survival Comission (SSC). p. 23-34.
- Cravalho, M. A. 1999. Shameless creatures: an ethnozoology of the Amazon River Dolphin. *Ethnology*. 38 (1): 47-58.
- da Silva, V. M. F. 1990. Botos, mitológicos hóspedes da Amazônia. *Ciência Hoje*, 11 (64): 14-18.
- da Silva, V. M. F.; Best, R. C. 1986. Pink dolphins in the Amazon. *Whalewatcher*, 20 (3): 14-16.
- da Silva, V. M. F.; Best, R. C. 1996. Freshwater dolphin/fisheries interaction in the Central Amazon (Brazil). *Amazoniana*, 14 (1/2): 165-175.
- da Silva, V. M. F.; Martin, A. R. 2007. Impact of Human Activities upon two species of dolphins in Amazonian flooded forest, Brazil. Abstract. 17th *Biennial Conference on the Biology of Marine Mammals*, 2007. University of Pretoria. v. 1. p. 1-215.
- Dias, R. 2003. *Turismo sustentável e meio ambiente*. Ed. Atlas. São Paulo. 208 pp.
- Drumm, A.; Moore, A. 2003. *Introdução ao planejamento do ecoturismo*. Desenvolvimento do ecoturismo- um manual para os profissionais de conservação. The Nature Conservancy. Arlington, Virginia, USA. 100 pp.
- Fennell, D. A. 2002. *Ecoturismo- uma introdução*. Ed. Contexto. São Paulo. 281 pp.
- Figueiredo, L. A. V. 2000. Ecoturismo e participação popular no manejo de áreas protegidas: aspectos conceituais, educativos e reflexões. In: Rodrigues, A. B. (Org). *Turismo e ambiente- Reflexões e propostas*. Ed. Hucitec, São Paulo. p.55-66.
- Grahn, A. 2004. Administração de visitantes em Unidades de Conservação. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus, AM. p. 103-135.
- Hoyt, E.; Iñiguez, M. 2008. *Estado del avistamiento de cetaceos en America Latina*. WDCS, Chippenham, UK; IFAW, East Falmouth, EE.UU.; y Global Ocean, London. 60 p.
- Huntington, H. P. 2000. Using traditional ecological knowledge in science: methods and applications. *Ecological Applications*, 10 (5): 1270-1274.

- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2001. Mamíferos aquáticos do Brasil: Plano de ação. V2, Brasília: MMA/IBAMA. 95p.
- International Whaling Commission. 1994. Chairman's report of the Forty-Fifth Annual Meeting. Appendix 9. IWC resolution on whalewatching. *Reports of the International Whaling Commission*, 44: 33-34.
- Kinker, S. 2002. *Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais*. Ed. Papirus. Campinas. 224 pp.
- Kiss, A. 2004. Is community-based ecotourism a good use of biodiversity conservation funds? *Trends in ecology and evolution*, 19 (5): 232-237.
- Martin, A. R.; da Silva; V. M. F. 2004. River dolphins and flooded Forest: seasonal habitat use and sexual segregation of botos (*Inia geoffrensis*) in an extreme cetacean environment. *J. Zoo. Lond.*, 263: 295-305.
- Mieczkowski, Z. 1995. *Environmental issues of tourism and recreation*. New York: University Press of America. 566 p.
- Neil, D. T.; Brieze, I. 1998. Wild dolphin provisioning at Tangalooma, Moreton Island: an evaluation. In: Tibbetts, I. R.; Hall, N. J.; Dennison, W. D. (Eds). *Moreton Bay and catchment*. School of marine science, The University of Queensland, Brisbane. p. 239-252.
- Nelson, S. P. 2004. Envolvimento comunitário em turismo: benefícios e desafios. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 183-211.
- Parsons, E. C. M.; Warbuton, C. A.; Woods-Ballard, A.; Hughes, A.; Johnston, P. 2003. The value of conserving whales: the impacts of cetacean-related tourism on the economy of rural West Scotland. *Aquatic conservation: Marine and freshwater ecosystems*, 13: 397-415.
- Pereira, E. M. 2004. Interpretação: valor adicional no turismo sustentável. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 139-178.
- Pereira, E. M.; Nelson, S. P. 2004. Turismo sustentável, uma introdução. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 29-64.
- Pivatto, M.A.C.; Sabino, J. 2005. Recomendações para minimizar impactos à avifauna em atividades de turismo de observação de aves. *Atualidades Ornitológicas*. São Paulo. v. 127, p. 7-11.

- Reeves, R. R.; Smith, B. D.; Crespo, E. A.; di Sciara, G. N. 2003. *Dolphins, whales and porpoises: 2002-2010 Conservation Action Plan for the World's Cetaceans*. IUCN/SSC Cetacean Specialist Group. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK. 139 p.
- Sabino, J.; Andrade, L. P. 2003. Uso e conservação da ictiofauna na região de Bonito, Mato Grosso do Sul: o mito da sustentabilidade ecológica no rio Baía Bonita (Aquário Natural de Bonito). Publicação eletrônica da Revista do Programa Biota/FAPES. *Biota Neotropica*. 3(2): 1-9.
- Sanders, E. G. 2004. Ecoturismo e aspectos econômicos. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 237-273.
- Slater, C. 2001. *A festa do boto - transformação e desencanto na imaginação amazônica*. Ministério da Cultura. FUNARTE, Rio de Janeiro. 381 pp.
- Smith, A. M.; Smith, B. D. 1998. Review of status and threats to river cetaceans and recommendations for their conservation. *Environmental Reviews*. 6: 189-206.
- Sobreiro, T. 2007. *Territórios e conflitos nas pescarias do médio Rio Negro (Barcelos, Amazonas, Brasil)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 154 p.
- Swarbrooke, J. 2000. *Turismo sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética*. Ed. Aleph. São Paulo. 135 pp.
- Vasconcelos, J.M.O. 2003. Interpretação ambiental. In: Mitraud, S. (Org.). *Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. WWF, Brasília. 470p.
- Vidal, O. 1993. Aquatic mammal conservation in Latin America: problems and perspectives. *Conservation Biology*, 7 (4): 788-795.
- Wearing, S.; Neil, J. 2001. *Ecoturismo- Impactos, potencialidades e possibilidades*. Ed. Manole, Barueri. 278 pp.

## Capítulo I

- Alexiades, M. N. 1996. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In: Alexiades, M. N. (Ed). *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. The New York Botanical Garden, New York. p. 53-94.
- Amazonas. 1999. *Diagnóstico e análise do pólo de ecoturismo do Estado do Amazonas*. Belém: MMA/ Secretaria de Coordenação da Amazônia/ Programa de ações estratégicas para a Amazônia brasileira. 359 p.



- Badialli, J. E. L. 2004. *O reverso do postal: uma análise das atividades de uso público na região da Estação Ecológica de Anavilhanas, Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 115 pp.
- Barber, T. 1996. *Creation and evaluation of eco-action education programs within ecotourism*. Bachelor of Arts Thesis. The University of Queensland, Australia. Disponível em: [www.tangalooma.com](http://www.tangalooma.com). Acesso em: 04 dez, 2008.
- Barbetta, P. A. 2007. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Editora da UFSC. 7ª edição. Florianópolis. 315 pp.
- Barezani, C. P. 2005. *Conhecimento local sobre o boto vermelho, Inia geoffrensis (de Blainville, 1817), no baixo rio Negro e um estudo de caso de suas interações com humanos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/ Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 75 pp.
- (a) Best, R. C.; da Silva, V. M. F. 1989. Biology, status and conservation of *Inia geoffrensis* in the Amazon and Orinoco river basin. In: Perrin, W. F.; Brownell, R. L.; Kaiya, Z.; Jionkang, L. (Eds). *Biology and conservation of the river dolphins*. Occasional Papers of the of the IUCN Species Survival Commission (SSC). p. 23-34.
- (b) Best, R. C.; da Silva, V. M. F. 1989. Amazon River Dolphin, Boto – *Inia geoffrensis*. In: Ridgway, S. H.; Harrison, S. R. (Eds). *Handbook of Marine Mammals – River dolphins and the larger toothed whales*. Vol. 4. Academic Press. Londres. p. 1-24.
- Brasil. Lei nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993. Dispõe sobre a profissão de Guia de Turismo e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, p.1229, 29 jan. 1993.
- Brasil. Portaria nº 117, de 26 de dezembro de 1996. Define normas para evitar o molestamento intencional de cetáceos em águas jurisdicionais brasileiras. *Diário Oficial da União*, Brasília. 1996.
- Brasil. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <[www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)>. Acesso em: 20 jan. 2008.
- Brasil. Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei nº 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei nº 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 18 set. 2008.

- Cravalho, M. A. 1999. Shameless creatures: an ethnozoology of the Amazon River Dolphin. *Ethnology*. 38 (1): 47-58.
- da Silva, V. M. F. 1990. Botos, mitológicos hóspedes da Amazônia. *Ciência Hoje*, 11 (64): 14-18.
- da Silva, V. M. F.; Best, R. C. 1986. Pink dolphins in the Amazon. *Whalewatcher*, 20 (3): 14-16.
- da Silva, V. M. F.; Best, R. C. 1996. Freshwater dolphin/fisheries interaction in the Central Amazon (Brazil). *Amazoniana*, 14 (1/2): 165-175.
- da Silva, V. M. F.; Martin, A. R. 2007. Impact of Human Activities upon two species of dolphins in Amazonian flooded forest, Brazil. Abstract. 17th *Biennial Conference on the Biology of Marine Mammals*, 2007. University of Pretoria. v. 1. p. 1-215.
- Dias, R. 2003. *Turismo sustentável e meio ambiente*. Ed. Atlas. São Paulo. 208 pp.
- Ditt, E. H.; Mantovani, W.; Valladares-Padua, C.; Bassi, C. 2004. Entrevistas e aplicação de questionários e trabalhos de conservação. *In*: Cullen Jr.; Rudran, R.; Valladares-Padua, C. (Orgs). *Métodos de Estudos em Biologia da Conservação e Manejo da Vida Silvestre*. Curitiba. Ed. da UFPR, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. p. 631-646.
- Fennell, D. A. 2002. *Ecoturismo- uma introdução*. Ed. Contexto. São Paulo. 281 pp.
- Grahn, A. 2004. Administração de visitantes em Unidades de Conservação. *In*: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 103-135.
- Higham, J. E. S.; Lusseau, D. 2007. Urgent need for empirical research into whaling and whale watching. *Conservation Biology*. 21 (2): 554-558.
- Hoyt, E. 1996. Whale watching: a global overview of the industry's rapid growth and some implications and suggestions for Australia. *In*: Colgan, K; Prasser, S.; Jeffrey, A. *Encounters With Whales*. Australian Nature Conservation Agency, Canberra. p. 31-36.
- Hoyt, E. 2001. *Whale watching: worldwide tourism numbers, expenditures, and expanding socioeconomic benefits*. Yarmouth Port, MA: International Fund for Animal Welfare. 157p.
- Hoyt, E.; Iniguez, M. 2008. *Estado del avistamiento de cetáceos en America Latina*. WDCS, Chippenham, UK; IFAW, East Falmouth, EE.UU.; y Global Ocean, London. 60 p.
- Huntington, H. P. 2000. Using traditional ecological knowledge in science: methods and applications. *Ecological Applications*, 10 (5): 1270-1274.
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2001. Mamíferos aquáticos do Brasil: Plano de ação. V2, Brasília: MMA/IBAMA. 95p.

- Kinker, S. 2002. *Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais*. Ed. Papirus. Campinas. 224 pp.
- Lück, M. 2003. Education on marine mammal tours as agent for conservation- but do tourists want to be educated?. *Ocean & Coastal Management*. 46: 943-956.
- Malcolm, C. D.; Duffus, D. A. 2002. The case for site-specific education strategies in ecotourism management: whale-watching on Vancouver Island, B. C. Abstract. *Tenth Canadian Congress on Leisure Research*. University of Alberta, 22-25 May.
- Martin, A. R.; da Silva; V. M. F. 2004. River dolphins and flooded Forest: seasonal habitat use and sexual segregation of botos (*Inia geoffrensis*) in an extreme cetacean environment. *J. Zoo. Lond.*, 263: 295-305.
- Mendonça, R. & Neiman, Z. 2003. *À sombra das árvores*. Ed. Chronos. São Paulo. 127 pp.
- Neil, D. T.; Brieze, I. 1995. Topics of interest to participants in human-marine interactions: a preliminary report. Abstract. *Encounters with Whales 95 Conference*. Hervey Bay, 26-30 July.
- Neil, D.; Orams, M.B.; Baglioni, A. 1995. The influence of content in interpretive commentary on environmental attitudes and intentions of whale watching participants. Abstract. *Encounters with Whales 95 Conference*. Hervey Bay, 26-30 July.
- Neil, D.; Orams, M.; Baglioni, A. 1999. Effect of previous whale watching experience on participants knowledge of, and response to, whales and whale watching. Disponível em: [www.tangalooma.com](http://www.tangalooma.com) Acesso em: 04 dez, 2008.
- Nelson, S. P. 2004. Envolvimento comunitário em turismo: benefícios e desafios. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 183-211.
- Orams, M. B. 1993. The role of education in managing marine wildlife - tourist interaction. National MESA Conference- Papers. Disponível em: [www.tangalooma.com](http://www.tangalooma.com) Acesso em: 04 dez, 2008.
- Orams, M. B. 1995. *Managing interaction between wild dolphins and tourists at a dolphin feeding program, Tangalooma, Australia*. Doctor of Philosophy's Thesis. The University of Queensland. Disponível em: [www.tangalooma.com](http://www.tangalooma.com) Acesso em: 04 dez, 2008.
- Orams, M. B. 1996. Using interpretation to manage nature-based tourism. *Journal of sustainable tourism*. 4 (2): 81-94.
- Orams, M. B. 1997. Historical accounts of human-dolphin interaction and recent developments in wild dolphin based tourism in Australasia. *Tourism Management*. 18 (5): 317- 326.

- Orams, M. B. 1998. *Marine Tourism: Development, Impacts and Management*. Ed. Routledge. 199pp.
- Orams, M. B. 2000. Tourists getting closer to whales, is it what whale-watching is all about?. *Tourism Management*. 21: 561-569.
- Pereira, E. M. 2004. Interpretação: valor adicional no turismo sustentável. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 139-178.
- Reeves, R. R.; Smith, B. D.; Crespo, E. A.; di Sciara, G. N. 2003. *Dolphins, whales and porpoises: 2002-2010 Conservation Action Plan for the World's Cetaceans*. IUCN/SSC Cetacean Specialist Group. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK. 139 p.
- Sabino, J.; Andrade, L. P. 2003. Uso e conservação da ictiofauna na região de Bonito, Mato Grosso do Sul: o mito da sustentabilidade ecológica no rio Baía Bonita (Aquário Natural de Bonito). Publicação eletrônica da Revista do Programa Biota/FAPES. *Biota Neotropica*. 3(2): 1-9.
- Samuels, A.; Bejder, L.; Constantine, R.; Heinrich, S. 2003. Swimming with wild cetaceans, with a special focus on the Southern hemisphere. In: Gales, N.; Hindell, M.; Kirkwood, R. (Eds). *Marine Mammals: fisheries, tourism and management issues*. CSIRO publishing, Collington, Australia. p. 277-303.
- Sanders, E. G. 2004. Ecoturismo e aspectos econômicos. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 237-273.
- Scarpaci, C. & Dayanthi, N. 2003. Compliance with regulations by “swim-with-dolphins” operations in Port Philip Bay, Victoria, Australia. *Environmental Management*. 31 (3): 342-347.
- Shelus, V. 2007. *Percepções sobre as unidades de conservação e organizações ambientalistas entre os moradores de Novo Airão, Amazonas, Brasil*. Estudo independente para a Escola de Treinamento Internacional- Tufts University, department of Biology.
- Slater, C. 2001. *A festa do boto - transformação e desencanto na imaginação amazônica*. Ministério da Cultura. FUNARTE, Rio de Janeiro. 381 pp.
- Smith, A. M.; Smith, B. D. 1998. Review of status and threats to river cetaceans and recommendations for their conservation. *Environmental Reviews*. 6: 189-206.
- Software <<http://earthgoogle.com>>. Acesso em 10 jun 2009.
- StatSoft Inc. 2003. *Statistica (data analysis software system)*, version 6.0.

- Surgik, A. C. S. 2006. *Efeito das leis conservacionistas sobre a biota, os recursos hídricos e a população humana da área proposta para a APA de Alter do Chão, Santarém, PA*. Tese de doutorado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus. 136 p.
- Valentine, P. S.; Birtles, A.; Curnock, M.; Arnold, P.; Dunstan, A. 2004. Getting closer to whales – passenger expectations and experiences, and the management of swim with dwarf mink whale interactions in the Great Barrier Reef. *Tourism Management*. 25: 647-655.
- Vidal, O. 1993. Aquatic mammal conservation in Latin America: problems and perspectives. *Conservation Biology*, 7 (4): 788-795.

## Capítulo II

- Alexiades, M. N. 1996. Collecting ethnobotanical data: an introduction to basic concepts and techniques. In: Alexiades, M. N. (Ed). *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. The New York Botanical Garden, New York. p. 53-94.
- Amazonas. 1999. *Diagnóstico e análise do pólo de ecoturismo do Estado do Amazonas*. Belém: MMA/ Secretaria de Coordenação da Amazônia/ Programa de ações estratégicas para a Amazônia brasileira. 359 p.
- Amazonastur. 2008. *Novo Airão*. Disponível em: <[www.amazonastur.am.gov.br](http://www.amazonastur.am.gov.br)>. Acesso em: 22 jan. 2008.
- Aubreton, T. 2002. *Plano de uso público para o Parque Nacional do Jaú*. Proecotur-IBAMA/MMA. Manaus.
- Anônimo. 2008. *Cidade troca 14 vezes de prefeito*. Disponível em: <[www.bemparana.com.br](http://www.bemparana.com.br)>. Acesso em: 05 jun, 2009.
- Barbetta, P. A. 2007. *Estatística aplicada às ciências sociais*. Editora da UFSC. 7ª edição. Florianópolis. 315 pp.
- Barezani, C. P. 2005. *Conhecimento local sobre o boto vermelho, Inia geoffrensis (de Blainville, 1817), no baixo rio Negro e um estudo de caso de suas interações com humanos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/ Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 75 pp.
- Best, R. C.; da Silva, V. M. F. 1989. Biology, status and conservation of *Inia geoffrensis* in the Amazon and Orinoco river basin. In: Perrin, W. F.; Brownell, R. L.; Kaiya, Z.; Jionkang, L. (Eds). *Biology and conservation of the river dolphins*. Occasional Papers of the IUCN Species Survival Commission (SSC). p. 23-34.
- Brasil. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da

- Natureza e dá outras providências. Disponível em: <[www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)>. Acesso em: 20 jan. 2008.
- Brasil. Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei nº 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei nº 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 18 set. 2008.
- Brandon, K. 1999. Basic steps toward encouraging local participation in nature tourism projects. *In*: Lindberg, K.; Hawkins, D. (Eds.). *Ecotourism: a guide for planners & managers*. The Ecotourism Society. 175 p.
- Cárdenas-Torres, N.; Enríquez-Andrade, R.; Rodríguez-Dowdell, N. 2007. Community-based management through ecotourism in Bahia de los Angeles, Mexico. *Fisheries Research*, 84: 114-118.
- Cravalho, M. A. 1999. Shameless creatures: an ethnozoology of the Amazon River Dolphin. *Ethnology*. 38 (1): 47-58.
- Cruz, S. H. R. 1999. Turismo: a percepção dos residentes da Vila do Pesqueiro, município de Soure, Ilha de Marajó/PA. *In*: Figueiredo, S. L. (Org). *O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia*. Belém. p.175-203.
- da Silva, V. M. F. 1990. Botos, mitológicos hóspedes da Amazônia. *Ciência Hoje*, 11 (64): 14-18.
- da Silva, V. M. F.; Best, R. C. 1986. Pink dolphins in the Amazon. *Whalewatcher*, 20 (3): 14-16.
- da Silva, V. M. F.; Best, R. C. 1996. Freshwater dolphin/fisheries interaction in the Central Amazon (Brazil). *Amazoniana*, 14 (1/2): 165-175.
- da Silva, V. M. F.; Martin, A. R. 2007. Impact of Human Activities upon two species of dolphins in Amazonian flooded forest, Brazil. Abstract. 17th *Biennial Conference on the Biology of Marine Mammals*, 2007. University of Pretoria. v. 1. p. 1-215.
- Dias, R. 2003. *Turismo sustentável e meio ambiente*. Ed. Atlas. São Paulo. 208 pp.
- Driscoll, D. L.; Appiah-Yeboah, A.; Salib, P.; Rupert, D. J. 2007. Merging qualitative and quantitative data in mixed methods research: how to and why not. *Ecological and Environmental Anthropology*, 3 (1): 19-28.
- Drumm, A.; Moore, A. 2003. *Introdução ao planejamento do ecoturismo*. Desenvolvimento do ecoturismo- um manual para os profissionais de conservação. The Nature Conservancy. Arlington, Virginia, USA. 100 pp.
- Fennell, D. A. 2002. *Ecoturismo- uma introdução*. Ed. Contexto. São Paulo. 281 pp.

- Figueiredo, L. A. V. 2000. Ecoturismo e participação popular no manejo de áreas protegidas: aspectos conceituais, educativos e reflexões. In: Rodrigues, A. B. (Org). *Turismo e ambiente- Reflexões e propostas*. Ed. Hucitec, São Paulo. p.55-66.
- Freitas, C. E.; Rivas, A. F.; Nascimento, F. A.; Siqueira-Souza, F. K.; Santos, I. L. A. 2006. The effects of Sport fishing growth on behaviour of commercial fishermen in Balbina reservoir, Amazon, Brazil. *Environment Development Sustainability*, 10 (2): 157-165.
- Gravena, W.; Hrbek, T.; da Silva, V. M. F.; Farias, I. P. 2008. Amazon river dolphin Love fetishes: from folklore to molecular forensics. *Marine Mammal Science*, 24 (4): 969-978.
- Howard, C.; Parsons, E. C. M. 2006. Attitudes of Scottish inhabitants to cetacean conservation. *Biodiversity and Conservation*, 15: 4335-4356.
- Hoyt, E.; Iñíguez, M. 2008. *Estado del avistamiento de cetáceos en America Latina*. WDCCS, Chippenham, UK; IFAW, East Falmouth, EE.UU.; y Global Ocean, London. 60 p. Disponível em: [www.wdcs.org](http://www.wdcs.org) Acesso em: 04 mar, 2009.
- IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Mamíferos aquáticos do Brasil: Plano de ação. V2, Brasília: MMA/IBAMA. 95p. 2001.
- IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2009. *Novo Airão - AM. População e Domicílios - Censo 2000 com Divisão Territorial 2001*. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 03 jun. 2009.
- International Whaling Commission. 1994. Chairman’s report of the Forty-Fifth Annual Meeting. Appendix 9. IWC resolution on whalewatching. *Reports of the International Whaling Commission*, 44: 33-34.
- Kiss, A. 2004. Is community-based ecotourism a good use of biodiversity conservation funds? *Trends in ecology and evolution*, 19 (5): 232-237.
- Lepp, A. 2007. Resident’s attitudes towards tourism in Bigodi village, Uganda. *Tourism Management*, 28: 876-885.
- Moncayo, V. A. L. 2003. *Prática de um turismo sustentável: pousada Aldeia dos Lagos no município de Silves- Amazonas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 103 p.
- Moura, S. 2009. *Diagnóstico ambiental urbano da cidade de Novo Airão – Amazonas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 140 p.
- Moyle, B. J.; Evans, M. 2008. Economic development options for islands states: the case of whale-watching. Shima: *The International Journal of Research into Island Cultures*, 2 (1): 41-58.

- Nelson, S. P. 2004. Envolvimento comunitário em turismo: benefícios e desafios. *In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 183-211.
- Nelson, S. P.; Pereira, E. M. 2004. Turismo sustentável, uma introdução. *In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 29-64.
- Parsons, E. C. M.; Warbuton, C. A.; Woods-Ballard, A.; Hughes, A.; Johnston, P. 2003. The value of conserving whales: the impacts of cetacean-related tourism on the economy of rural West Scotland. *Aquatic conservation: Marine and freshwater ecosystems*, 13: 397-415.
- Reeves, R. R.; Smith, B. D.; Crespo, E. A.; di Sciara, G. N. 2003. *Dolphins, whales and porpoises: 2002-2010 Conservation Action Plan for the World's Cetaceans*. IUCN/SSC Cetacean Specialist Group. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK. 139 p.
- Rowat, D.; Engelhardt, U. 2007. Seychelles: a case study of community involvement in the development of whale shark ecotourism and its socio-economic impact. *Fisheries Research*, 84: 109-113.
- Samuels, A.; Bejder, L.; Constantine, R.; Heinrich, S. 2003. Swimming with wild cetaceans, with a special focus on the Southern hemisphere. *In: Gales, N.; Hindell, M.; Kirkwood, R. (Eds). Marine Mammals: fisheries, tourism and management issues*. CSIRO publishing, Collington, Australia. p. 277-303.
- Scott, N. J.; Parsons, E. C. M. 2005. A survey of public opinion in south-west Scotland on cetacean conservation issues. *Aquatic conservation: Marine and Freshwater Ecosystems*, 15: 299-312.
- Shelus, V. 2007. *Percepções sobre as unidades de conservação e organizações ambientalistas entre os moradores de Novo Airão, Amazonas, Brasil*. Estudo independente para a Escola de Treinamento Internacional- Tufts University, Department of Biology.
- Slater, C. 2001. *A festa do boto - transformação e desencanto na imaginação amazônica*. Ministério da Cultura. FUNARTE, Rio de Janeiro. 381 pp.
- Smith, A. M.; Smith, B. D. 1998. Review of status and threats to river cetaceans and recommendations for their conservation. *Environmental Reviews*. 6: 189-206.
- Sobreiro, T. 2007. *Territórios e conflitos nas pescarias do médio Rio Negro (Barcelos, Amazonas, Brasil)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. 154 p.
- StatSoft Inc. 2003. *Statistica (data analysis software system)*, version 6.0.



- Stone, M.; Wall, G. 2003. Ecotourism and community development: case studies from Hainan, China. *Environmental Management*, 33 (1): 12-24.
- Surgik, A. C. S. 2006. *Efeito das leis conservacionistas sobre a biota, os recursos hídricos e a população humana da área proposta para a APA de Alter do Chão, Santarém, PA*. Tese de doutorado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus. 136 p.
- Swarbrooke, J. 2000. *Turismo sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética*. Ed. Aleph. São Paulo. 135 pp.
- Toledo, V.; Mitraud, S. 2003. Participação comunitária e parceria. In: Mitraud, S. (Org.). *Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento responsável*. WWF, Brasília. 470p.
- Tsaur, S.; Lin, Y.; Lin, J. 2006. Evaluating ecotourism sustainability from the integrated perspective of resource, community and tourism. *Tourism Management*, 27:640-653.
- Vidal, O. 1993. Aquatic mammal conservation in Latin America: problems and perspectives. *Conservation Biology*, 7 (4): 788-795.
- Wearing, S.; Neil, J. 2001. *Ecoturismo- Impactos, potencialidades e possibilidades*. Ed. Manole, Barueri. 278 pp.
- WWF. 2001. *Guidelines for community based ecotourism development*. Disponível em: <http://www.wwf.org.br>. Acesso em: 31 mai, 2009.
- Young, E. H. 1999. Balancing conservation with development in small-scale fisheries: is ecotourism an empty promise? *Human Ecology*, 27 (4): 581-620.

### Capítulo III

- Barber, T. 1996. *Creation and evaluation of eco-action education programs within ecotourism*. Bachelor of Arts Thesis. The University of Queensland. Disponível em: [www.tangalooma.com](http://www.tangalooma.com) Acesso em: 29 mar, 2009.
- Best, R. C.; da Silva, V. M. F. 1989. Amazon River Dolphin, Boto – *Inia geoffrensis*. In: Ridgway, S. H.; Harrison, S. R. (Eds). *Handbook of Marine Mammals – River dolphins and the larger thooded whales*. Vol. 4. Academic Press. Londres. p. 1-24.
- Brasil. *Portaria Normativa nº 11, de 21 de fevereiro de 1986*. Proíbe nas águas sob jurisdição nacional, a perseguição, caça, pesca ou captura de pequenos cetáceos, pinípedes e sirênios. *Diário Oficial da União*, Brasília, 25 fev. 1986.
- Brasil. *Lei nº 7.643, de 18 de dezembro de 1987*. Proíbe a Pesca de Cetáceos nas Águas Jurisdicionais Brasileiras, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília. 21 dez. 1987.

- Brasil. *Portaria* nº 117, de 26 de dezembro de 1996. Define normas para evitar o molestamento intencional de cetáceos em águas jurisdicionais brasileiras. *Diário Oficial da União*, Brasília. 1996.
- Brasil. *Lei* nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 13 fev. 1998.
- Brasil. *Instrução Normativa* nº 04, de 28 de dezembro de 1999. Proíbe a prática de mergulho intencional com os golfinhos rotadores. Fernando de Noronha. 1999.
- Brasil. *Portaria* nº 98, de 14 de abril de 2000. Estabelecimento de normas para a manutenção de mamíferos aquáticos em cativeiro. *Diário Oficial da União*, Brasília. 2000.
- Brasil. *Lei* nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei nº 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei nº 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei nº 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 18 set. 2008.
- Carlson, C. 2008. *A review of whale watch guidelines and regulations around the world- Version 2008*. Disponível em: <http://www.iwc.org.br>. Acesso em: 20 de fev, 2009.
- Garrod, B.; Fennell, D. A. 2004. An analyses of whalewatching codes of conduct. *Annals of tourism research*. 31 (2): 334-352.
- Grahn, A. 2004. Administração de visitantes em Unidades de Conservação. In: Nelson, S. P.; Pereira, E. M. (Orgs). *Ecoturismo (práticas para um turismo sustentável)*. Ed. Valer, Manaus. p. 103-135.
- Heckel, G.; Espenjel, I.; Fischer, D. W. 2003. Issue definition and planning for whalewatching management strategies in Enseada, Mexico. *Coastal Management*. 31: 277-296.
- Higginbottom, K. 2002. *Principals for sustainable wildlife tourism, with particular reference to dolphin-based boat tours in Port Philip Bay*. Report to Victorian Department of Natural Resources and Environment. July, 2002.
- Moyle, B. J.; Evans, M. 2008. Economic development options for islands states: the case of whale-watching. Shima: *The International Journal of Research into Island Cultures*, 2 (1): 41-58.
- Neil, D. T.; Brieze, I. 1998. Wild dolphin provisioning at Tangalooma, Moreton Island: an evaluation. In: Tibbetts, I. R.; Hall, N. J.; Dennison, W. D. (Eds). *Moreton bay and Catchment*. School of Marine Science. The University of Queensland, Brisbane. P. 135-148.

- Orams, M. B. 1996. Using interpretation to manage nature-based tourism. *Journal of sustainable tourism*. 4 (2): 81-94.
- Orams, M. B. 2002. Humpback whales in Tonga: an economic resource for tourism. *Coastal Management*. 30: 361-380.
- Pivatto, M.A.C.; Sabino, J. 2005. Recomendações para minimizar impactos à avifauna em atividades de turismo de observação de aves. *Atualidades Ornitológicas*. São Paulo. v. 127, p. 7-11.
- Sabino, J.; Andrade, L. P. 2003. Uso e conservação da ictiofauna na região de Bonito, Mato Grosso do Sul: o mito da sustentabilidade ecológica no rio Baía Bonita (Aquário Natural de Bonito). Publicação eletrônica da Revista do Programa Biota/FAPESP. *Biota Neotropica*. 3(2): 1-9.
- Samuels, A.; Bejder, L.; Constantine, R.; Heinrich, S. 2003. Swimming with wild cetaceans, with a special focus on the Southern hemisphere. *In*: Gales, N.; Hindell, M.; Kirkwood, R. (Eds). *Marine Mammals: fisheries, tourism and management issues*. CSIRO publishing, Collington, Australia. p. 277-303.
- Uruguai. Decreto nº 261, de 10 de julio de 2002. Regúlanse las actividades relacionadas con la observación y el acercamiento a los ejemplares de diferentes especies de ballenas por particulares. *Ministerio de ganaderia, agricultura y pesca, Ministerio de defensa nacional, ministério de vivienda, ordenamento territorial y médio ambiente*, Montevideo. 2002.

## ANEXOS

### Capítulo I

Anexo I: modelo de questionário sem-estruturado aplicado aos turistas (versão em português).

| PERGUNTAS   | RESPOSTAS  |
|---|--|
| Idade   |  |
| Sexo  | <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F  |
| Local onde mora   |  |
| Escolaridade  |  |
| Profissão   |  |
| É a primeira vez que você vem ao flutuante?   | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  |
| Quanto tempo você vai ficar em Novo Airão?  | <input type="checkbox"/> Horas <input type="checkbox"/> Até dois dias<br><input type="checkbox"/> Até uma semana <input type="checkbox"/> Mais de uma semana   |
| Você já conhecia os botos-vermelhos?  | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não<br><input type="checkbox"/> Viu pessoalmente <input type="checkbox"/> Viu na TV<br><input type="checkbox"/> Viu em livros, revistas <input type="checkbox"/> Viu em palestras<br><input type="checkbox"/> Outros _____ |
| O que você fez durante a visita?  | <input type="checkbox"/> Tocou nos botos <input type="checkbox"/> Alimentou os botos<br><input type="checkbox"/> Nadou com os botos <input type="checkbox"/> Apenas observou<br><input type="checkbox"/> Outros _____  |
| O que você sentiu?  | _____  |
| Alguma regra foi falada?  | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  |
| Qual regra?   | _____  |
| É importante cumpri-la?   | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Depende<br><input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não sei   |
| Por que esta regra é importante?  | _____  |
| Você gostou da visita?  | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Mais ou menos <input type="checkbox"/> Não   |
| Você aprendeu algo sobre os botos durante a visita?   | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  |
| O que?  | _____  |
| Você não gostou de alguma coisa?  | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  |
| O que?  | _____  |
| É importante preservar os botos para preservar a Amazônia?                                  | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Outros _____  |
| Por quê?  | _____  |
| Como você poderia, no seu dia-a-dia, ajudar a preservar os botos?                           | _____  |
| Você gostaria de saber algo mais a respeito dos botos que não tenha visto durante a visita? | <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não  |
| O que?  | _____  |

Anexo II: Roteiro das entrevistas semi-estruturadas feitas com os guias de turismo.

**1 Sobre a trajetória (como tornou-se guia)**

De onde você é?

Você estudou até que ano?

O que você fazia antes de se tornar guia?

Há quanto tempo você trabalha como guia?

**2 Sobre o esquema de trabalho**

Você é contratado?

Com que tipo de turistas você trabalha? (estrangeiros/brasileiros etc)

O que você acha dos turistas e seus pensamentos e atitudes?

Quais são as dificuldades e vantagens em se trabalhar como guia?

Você gosta de trabalhar como guia?

**3 Sobre o trabalho com os botos**

Como é o procedimento de visita aos botos (onde, quando, quantos turistas)?

Você faz alguma explicação sobre os botos?

Que informações você fala a respeito dos botos?

Você acha que aprendeu mais sobre os botos ao se tornar guia?

Houve alguma mudança nos seus pensamentos e atitudes em relação aos botos após tornar-se guia?

Você gostaria de saber mais informações a respeito dos botos do que já sabe? O que?

**4 Sobre ecoturismo**

O que é ecoturismo pra você?

O que deve ser feito para se aplicar o ecoturismo?

## Capítulo II

Anexo I: modelo da entrevista semi-estruturada aplicada aos moradores de Novo Airão

| DADOS PESSOAIS   |   |
|--|---|
| Localização da residência/ estabelecimento   | Faixas 1, 2                                   |
| Idade  |   |
| Sexo   | ( ) M ( ) F                                   |
| Nacionalidade/ Naturalidade  |   |
| Há quanto tempo o Sr mora em Novo Airão?   |   |
| O Sr freqüentou a escola? Até que série?   |   |
| Com o que o Sr trabalha?   |   |
| Quantas pessoas moram na sua casa?   |   |
| O Sr ou alguém da sua família já trabalhou com algo relacionado ao turismo?                        | ( ) Sim ( ) Não                               |
| O que fazia?   |   |
| SOBRE OS BOTO-VERMELHOS  |   |
| As pessoas têm medo dos botos?<br>Por quê?   | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Não sei ( ) Outros     |
| As pessoas tinham mais medo antigamente?   | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Não sei ( ) Outros     |
| As histórias que contam sobre os botos são verdadeiras?  | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Não sei ( ) Outros     |
| O Sr já foi ao flutuante ver os botos?   | ( ) Sim ( ) Não                               |
| O Sr acha que o turismo para ver botos é bom pra cidade?<br>Por quê?                               | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Depende ( ) Não sei    |
| Os botos são a principal atração turística de Novo Airão?  | ( ) Sim ( ) Não ( )<br>( ) Não sei ( ) Outros |
| O que o Sr acha dos turistas? Eles trazem coisas boas pra cidade? O que?<br>E coisas ruins? O que? |   |
| A prefeitura ajuda o turismo em Novo Airão?  | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Não sei ( ) Outros     |
| O turismo para ver botos em Novo Airão traz coisas boas para os botos?<br>O que?                   | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Não sei ( ) Outros     |
| O que o Sr pensava sobre os botos mudou desde que começou este turismo?<br>Como?                   | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Outros                 |
| Os Sr acha que é importante preservar os botos?<br>Por quê?  | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Não sei ( ) Outros     |
| O Sr pode ajudar de algum jeito?<br>Como?  | ( ) Sim ( ) Não<br>( ) Não sei ( ) Outros     |

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)